BIZZ

ESPECIAL PROGRESSIVO
a saga de YES, GÊNESIS,
KING CRIMSON E CIA.
+ entrevista histórica com
DAVE GILMOUR do PINK FLOYD

GUIA DO CD PIRATA

O que você precisa saber para colecionar tudo de sua banda favorita

U2

O segredo do novo disco e os escândalos da turnê que mudou a imagem da banda

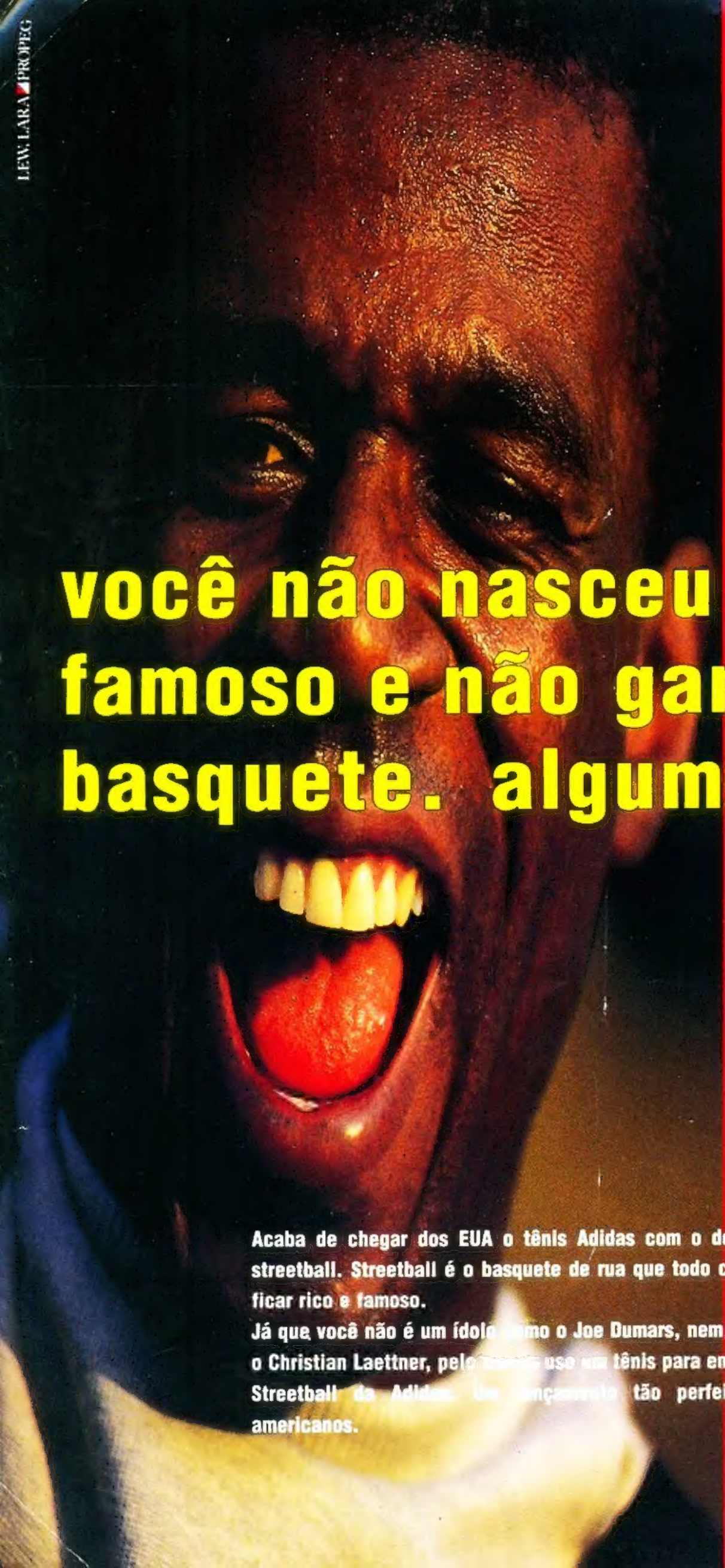
RAINHAS DO ROCK

mick jagger, kurt cobain e outros que gostam de se vestir de mulher

ISSN 0104-1649

MAIS: NIRVANA SEPULTURA NEW ORDER PORNO FOR PYROS

LEW, LARA PROPEG



STREETBALL

adidas

você não nasceu no Harlem, famoso e não ganha milhões basquete. alguma compensa

Acaba de chegar dos EUA o tênis Adidas com o design e o acabamento perfeitos para jogar streetball. Streetball é o basquete de rua que todo cara desconhecido como você joga antes de ficar rico e famoso.

Já que você não é um ídolo como o Joe Dumars, nem alto como o Mutombo, nem milionário como o Christian Laettner, pelo menos use um tênis para empatar com o deles.

Streetball da Adidas. Um lançamento tão perfeito como os lançamentos dos jogadores americanos.

adidas

não tem 1,98m, não é
de dólares jogando
ção você tinha que ter.

adidas

adidas streetball

BIZZ

26

Não bastando ser a excursão mais cara de todos os tempos, a turnê *Zooropa 93* ainda revelou uma face desconhecida do U2 . Bono, católico militante, até começou a se vestir de demônio! Agora, com o disco *Zooropa*, a banda traduz esta ousadia toda no disco mais experimental de sua carreira, uma viagem pelo universo cyberpunk. André Forastieri disseca essa história muito estranha e tenta entender o que se passa na cabeça dos caras

34

Depois de anos sendo ridicularizado, o rock progressivo revive em grande estilo em plena década de 90. Suas influências se espalham do hard rock à dance music (quem diria!). Começamos nesta edição uma reavaliação do som que os críticos adoram odiar, com Marcos Smirkoff explorando as raízes do progressivo e uma entrevista da *Melody Maker* que une duas gerações do *prog rock*: Alex Patterson, do grupo tecno The Orb, e David Gilmour, do Pink Floyd. Na próxima edição tem mais...

44

A pirataria digital explodiu de vez: desde que a Itália legalizou as gravações piratas, você encontra qualquer coisa de qualquer banda que você quiser, com altíssima qualidade. Espera aí? Pirataria agora é OK? É – mais ou menos. Robert Halfoun explica esse lusco-fusco legal e dá o mapa da mina para você encontrar a nata dos CDs foras-da-lei

capa foto: Anton Corbjin

este mês

Stones ou drags?

SHOWBIZZ

8 Drag queen não é coisa de bicha, diz Erika Palomino
12 Digable Planets e as origens do jazz rap
14 Nirvana em quadrinhos (!), Os Carecas De Cristo
16 *Tommy* - A Peça, por Sônia Nolasco
18 New Order e a despedida do Iron Maiden
20 Velvet Underground ao vivo, por Anamaria G. de Lemos
22 Começam as gravações do novo Sepultura

LANÇAMENTOS

48 Porno For Pyros, por Fábio Massari
50 Dinosaur Jr., RPM, Dr. John, Janet Jackson, PM Dawn e mais
56 A votação da crítica
58 Os melhores vídeos e um dilúvio de demos

ZONA FRANCA

60 Sugar, Monster Magnet, American Music Club

REPLAY

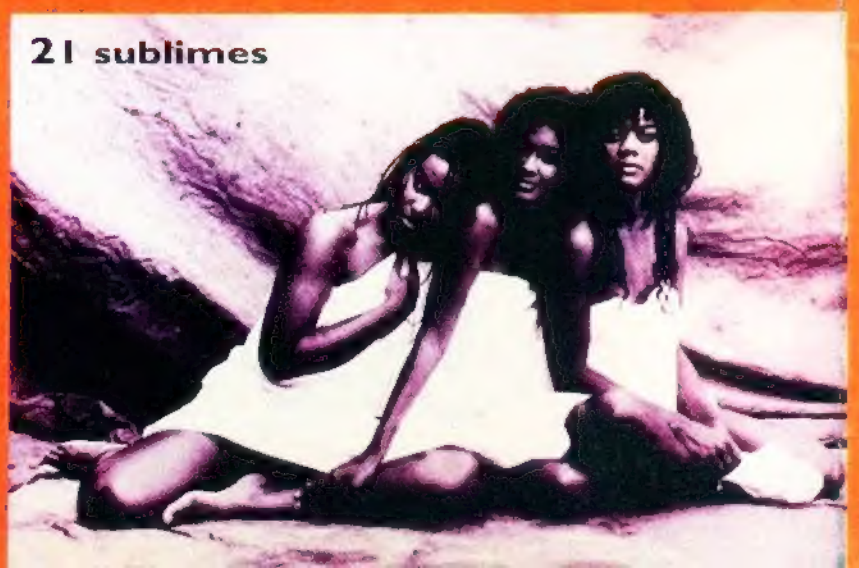
64 Parliament-Funkadelic, Syd Barrett, Elton John, Mick Ronson e Dorival Caymmi (!!)

CARTAS

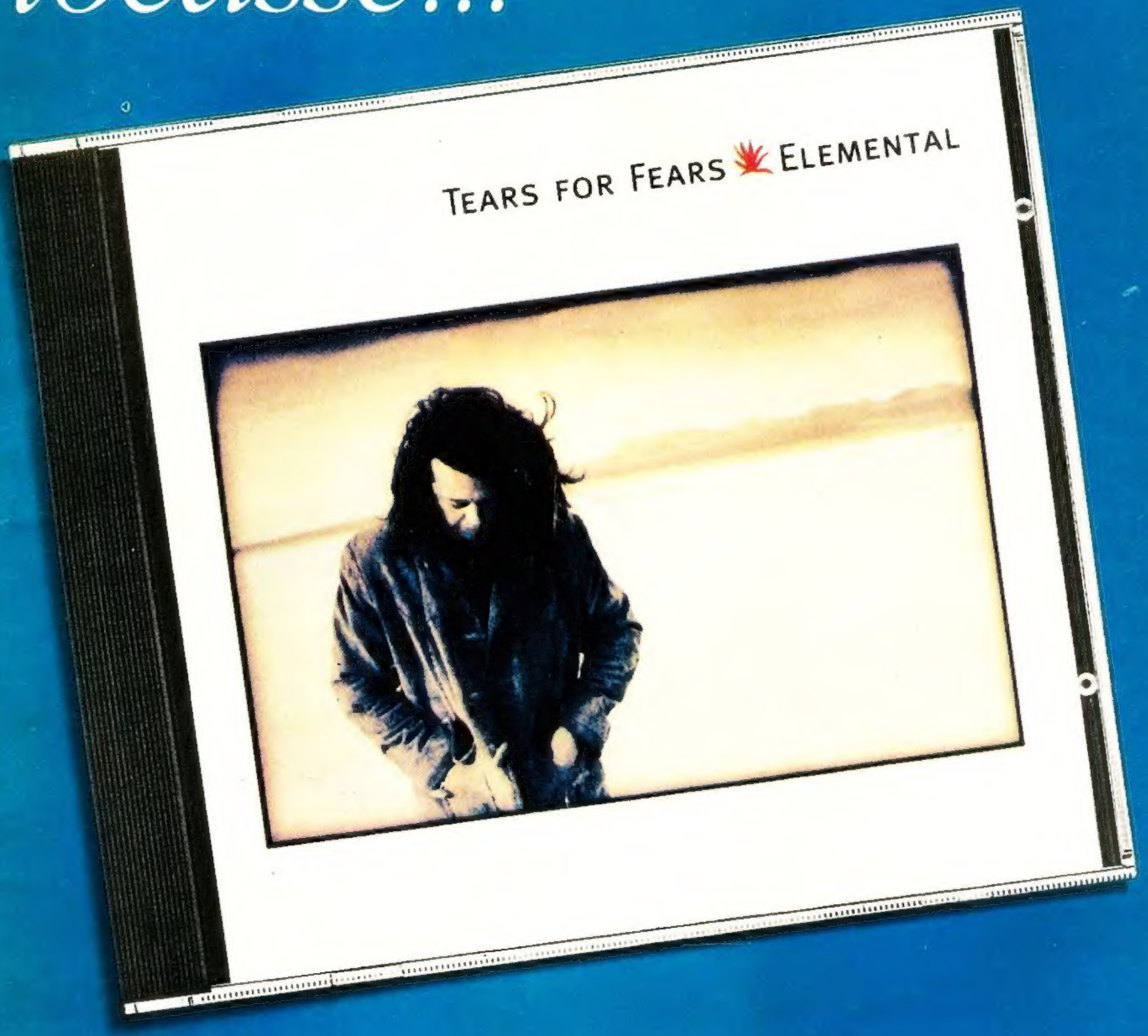
72 BIZZ de cara nova: a resposta dos leitores

DISCOTECA BÁSICA

74 *Thriller*, de Michael Jackson, por Camilo Rocha


21 sublimes

"Ah, se essa página tocasse..."



Pra variar, que tal escutar um rock de qualidade?
Elemental. O novo disco do
Tears for Fears. Já nas lojas.

É PolyGram.

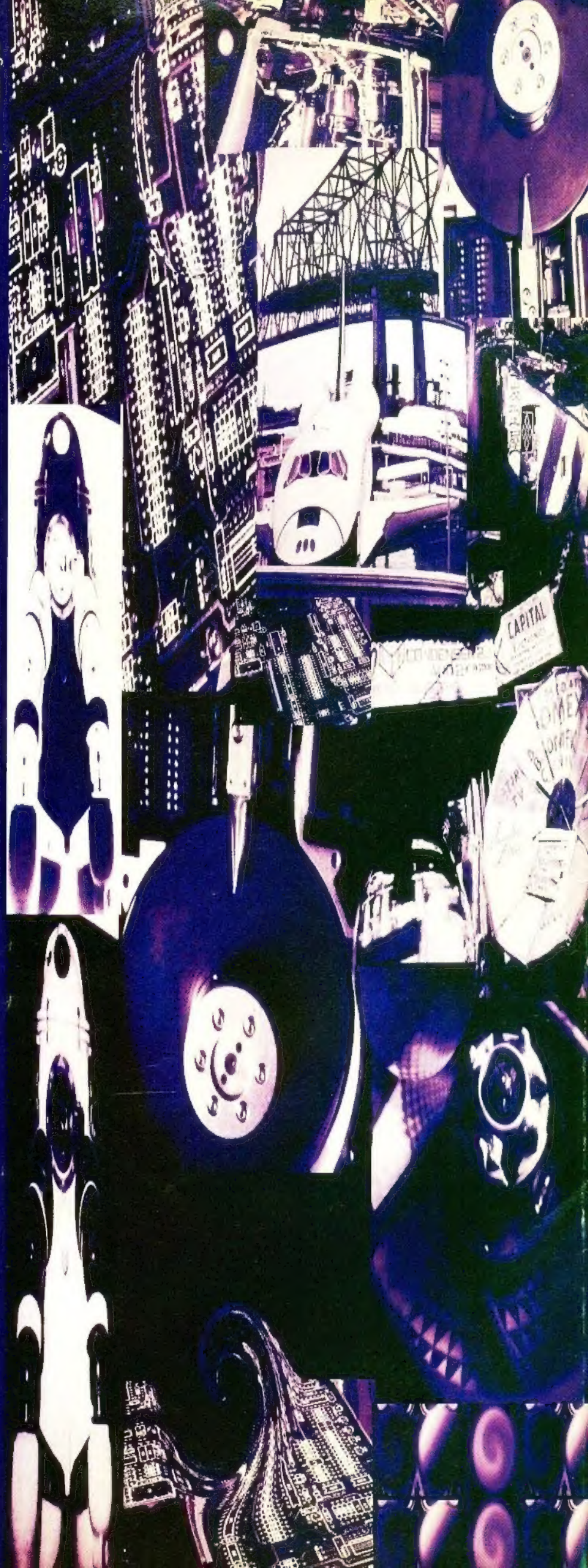
CD / K7 / LP

editorial

Nesta edição, a BIZZ faz oito anos.
E em novembro, a revista chega ao número 100!
Socorro! Estamos ficando velhos!
Ou não. Pedra que rola não cria limbo e as mudanças aqui não param.
A primeira e mais sentida: Camilo Rocha está mudando para Londres, por "pelo menos um ano". Mas não se preocupem, camilófilos: ele vai continuar escrevendo para a gente - e também para o *Globo* e *Folha de S. Paulo*.
Ao mesmo tempo, duas novas colaboradoras estréiam na revista.
Sônia Nolasco tem um currículo e tanto. Melhor só dizer que é uma das mais completas jornalistas culturais do Brasil.
Sônia mora em Nova York, de onde escreve para o *Estado de S. Paulo*. Seu texto sobre Tommy será com certeza a primeira de muitas participações especiais.
Erika Palomino vem escrevendo desde 88 na *Folha de S. Paulo* (onde começamos juntos no glamuroso mundo do jornalismo). De um ano e pouco para cá, se tornou a pessoa mais importante da vida noturna paulistana, com a coluna *Noite Ilustrada*. Nesta BIZZ, defende as drag queens. Logo, logo, estará de volta.
Também tenho de mencionar a reestréia de Luís Antônio Giron. Ele já está de volta à revista há algumas edições - mas este mês, se superou escrevendo sobre o RPM e Dorival Caymmi.
Finalmente, um aviso: depois de três anos, encerramos a primeira fase das *Fichas Do Rock*. Principais razões: a) acabaram os figurões que justificassem as fichas e b) a introdução da seção *Replay* já privilegia bastante os "clássicos" na revista. Mas o tempo passa - e quando você menos esperar, as Fichas podem dar as caras de novo.
Então é isso. Até mais para o Camilo, benvindos Sônia, Erika, Giron.
E finalmente, um feliz aniversário para você aí, com a BIZZ na mão.

ANDRÉ FORASTIERI

ilustração / Matangra



TESTE O SEU

QI

VOCÊ SÓ GOSTA DO QUE É BOM,
PREFERE SEMPRE O MELHOR,
ADORA FAZER SUCESSO,
NASCEU PARA VENCER,
QUER OS MELHORES NEGÓCIOS,
NÃO COMPRA GATO POR LEBRE,
NÃO METE A MÃO EM CUMBUCA,
NUNCA DEIXA POR MENOS,
TEM MANIA DE OUVIR A 97 FM?
FIQUE TRANQUILO. VOCÊ É
ABSOLUTAMENTE NORMAL.

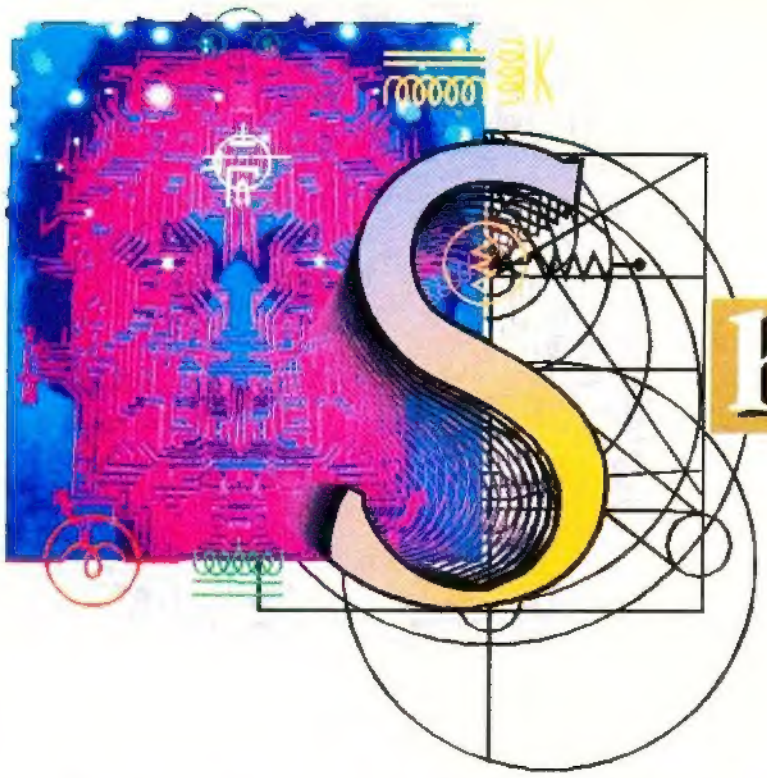
**SE DER 97,
PARABÉNS, VOCÊ
É NORMAL.**

97 97.7MHz
S. PAULO

97 FM. QUEM NÃO TÁ NESSA, TÁ FORA.

QI: DE 40 A 59: IDIOTA - DE 60 A 89: IMBECIL - DE 90 A 120: NORMAL.

AV. Dr. Arnaldo, 1135 - Tels.: 263.4727 - 864.4958 - 444.1884 - Fax: 449.2728 - São Paulo - SP



showbizz

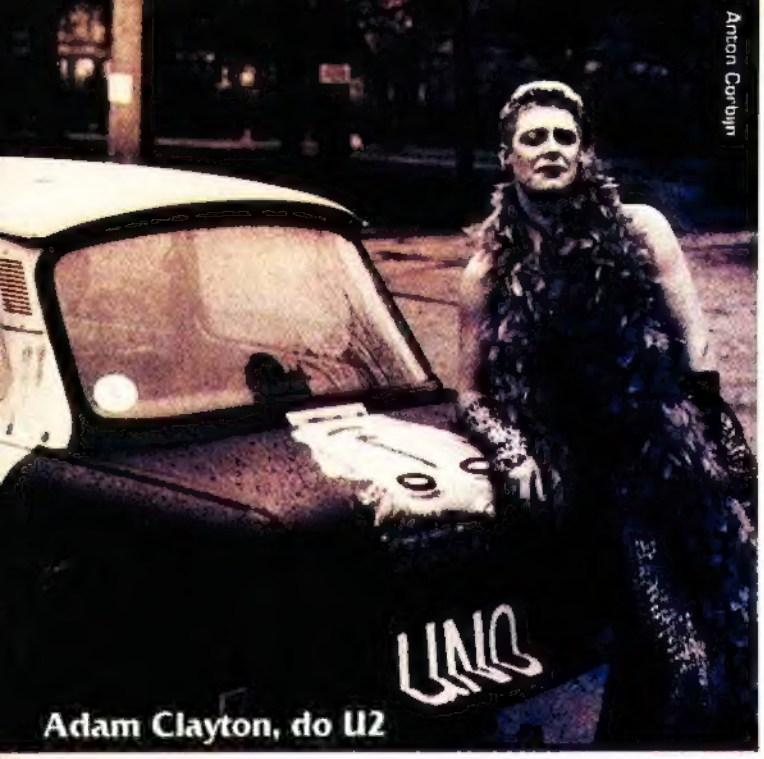
AS RAINHAS DO ROCK

Drag queens parecem estar em toda parte agora. Desde as paradas americanas com Ru Paul e o Uncanny Alliance até os clubes noturnos por aí pelo mundo (brevemente em algum perto de você). Tudo bem, aqui no Brasil bloco de sujo já é coisa manjada. Mas para gringo não tem jeito, já que nem Carnaval eles têm.

Pop stars, a quem tudo (ou quase) é permitido, sempre aproveitaram para, como se diz, "soltar a franga" (péssima expressão). Isso quando Ru Paul ainda ensaiava seus primeiros passos sobre as plataformas. Dos New York Dolls a Bono Vox, passando por ninguém menos que Kurt Cobain (quem imaginaria?), o que vale mesmo, como para as drags de hoje, é a diversão. E vamos parar de uma vez por todas com essa conversa datada e homofóbica de que isso é "coisa de viado"!

ERIKA PALOMINO

Supla, João Gordo e Fausto Fawcett foram convidados a aparecerem nesta página, mas não aceitaram porque são muito machos.

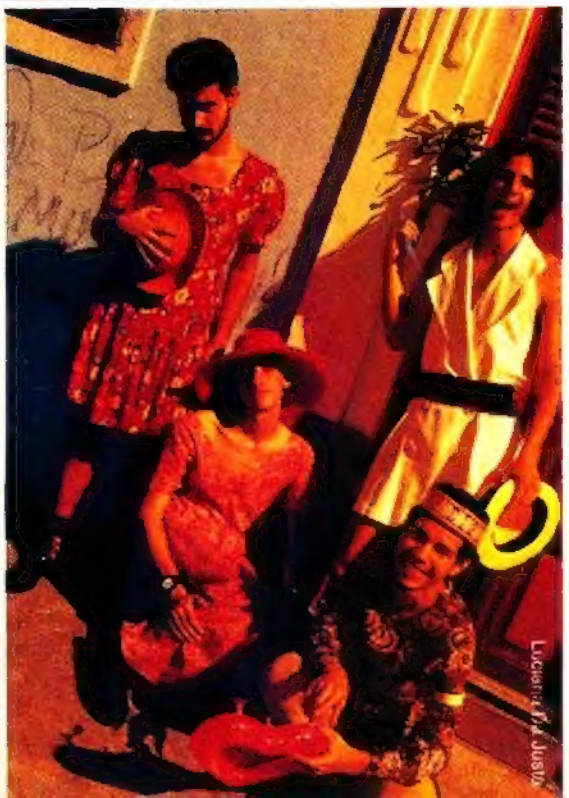


Adam Clayton, do U2

Erasure

Mick Jagger

Marylin e y George



Nirvana

Ao lado os cariocas da banda As Mulheres Que Dizem Sim, que fazem seus shows vestidos de mulher

Ilustração: Matangra

BILLY IDOL

conseguiu fama e fortuna pasteurizando o punk para as massas americanas. Agora, quer fazer o mesmo pelo *cyberpunk*. O termo foi criado para designar um movimento literário em meados dos 80, distópico, roqueiro e malandro. Escritores como William Gibson e Bruce Sterling são herdeiros diretos de William Burroughs, Philip K. Dick e *Star Trek*. Fizeram pela ficção científica o que Raymond Chandler fez pelo gênero policial – no mínimo.

Billy demorou tanto para entrar na onda com seu álbum *Cyberpunk* que a coisa agora está mais para contracultura californiana futurista que para algum pesadelo à la *Blade Runner*. Mesmo assim o disco diverte – e os clips e videogames, bolados pelo mestre dos efeitos especiais Stan Winston (*Aliens*), prometem. Só não dá para perdoar a versão tecno de "Heroin", do Velvet Underground.

ANDRÉ FORASTIERI

ouça essa

"Michael Jackson é o homem menos bizarro que eu conheci."
Elizabeth Taylor

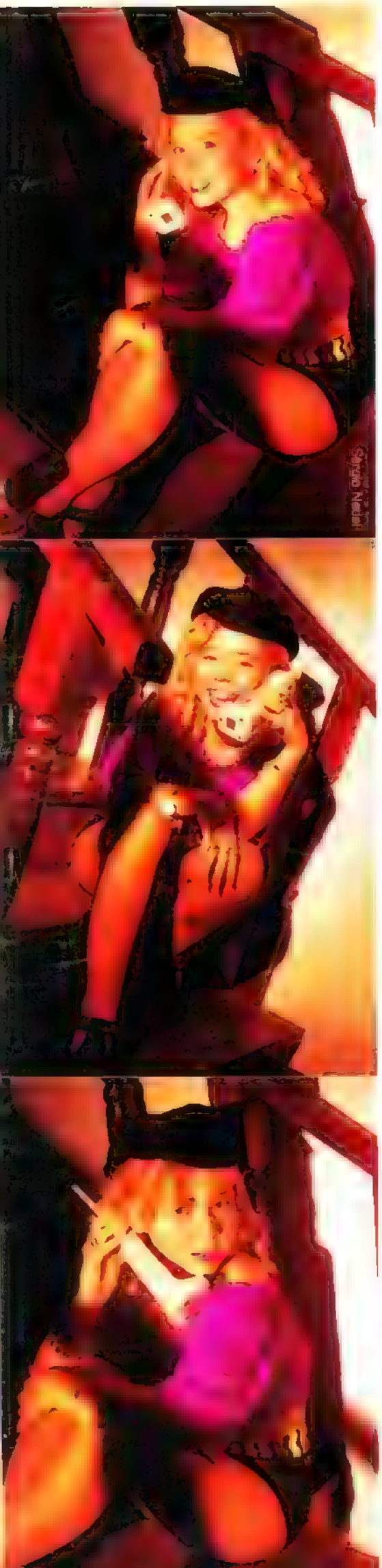
"Era como se eu estivesse querendo me pôr à prova. Saía com homens, mas o que me atraía era o tabu, a provocação."
David Bowie, para a *Rolling Stone*

"O thrash está morto?"
Pergunta a *Kerrang!*

"O thrash metal chegou ao fim de sua evolução? O thrash acabou?"
Pergunta a *Metal CD*

"Com a fragmentação do gênero, o metal finalmente perdeu o gás?"
Pergunta a *Entertainment Weekly*

Funkpira e Monique Furacão

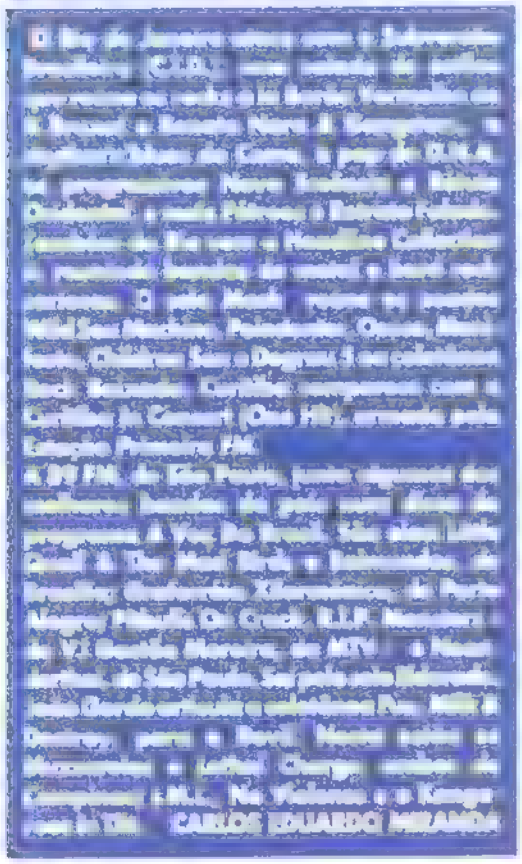


Nabokov ia chorar se ouvisse essa menininha de apenas treze anos cantando versos como "eu não sou cabeleireira, mas comigo tudo pode, faço barba e cabelo, não me esqueço do bigode!". Com uma vozinha de fazer padre se arrepender do sacerdócio. Ela se chama Monique e a música em questão é conhecida como "Melô Da Vadia", sucesso do também iniciante duo FunkPira, formado por Mosca e o ex-discotecário Juca. Monique confessa que treinou essa voz de taradinha passando maliciosos trotes telefônicos nos garotos da rua e está achando o máximo toda essa repercussão. "É legal atiçar a imaginação das pessoas", manda ela. Produzida por Marlboro, a faixa está na coletânea *Funkmania*. A letra presta uma homenagem àquela "amiga" que nunca deixa a galera na mão e é uma espécie de música junina eletrônica – o que é a cara dos subúrbios do Rio.

CLAUDIO CAMPOS

misturança

Seis coletâneas mostram a força do pop brasileiro



A 666 não é apenas mais uma banda barulhenta que vem de Porto Alegre. O primeiro passo foi faturar o festival Rock In Tinga Too, no final do ano passado, com a música "The Price Of The Lie". Foi aí que o produtor gaúcho Jáisson Tatto, que estava se mudando para os EUA, descobriu a banda e levou na bagagem uma demo dos caras. Resultado: três datas no Roxy Theater, de Los Angeles, entre julho e agosto. Vai longe

GILSON DA ROSA

Dynamite Monster Boogie Concert é o novo álbum do **RAGING SLAB**. Vai ser o primeiro que vai sair no Brasil e traz um hard rock da pesada com base caipira, qualquer coisa lá entre o AC/DC e The Allman Brothers/Lynyrd Skynyrd. Para rolar no carro, sair bebendo e guiando e não voltar nunca mais. *A.F.*

ROD STEWART deve ter pensado: "Já estou bem esculhambado, sem a mesma energia para saracotear no palco. É melhor dar uma caprichada nesses últimos anos antes da aposentadoria, senão logo logo ninguém se lembrará de mim como o grande cantor de 'Maggie Mae'. Aparecerei nas enciclopédias só como um babaca que cantava pop meloso de elevador". Assim, ele fez a maravilha de gravação acústica, **Unplugged... And Seated.** *R.C.*

alta rotação

Billy Gould, baixista do Faith No More, detona o mais podrão death metal com seus "brothers" mexicanos em **Matando Gueros**, disco de estréia do **BRUJERIA**. A banda, que tem três (!!!) baixistas, não pega nada leve. A capa é simplesmente uma cabeça decepada, no maior estilo *Notícias Populares/Aqui Agora* e as músicas levam nomes "singelos" como "Molestando Niños Muertos" e "Chinga Tu Madre". Sai em breve no Brasil, pela Roadrunner. *C.E.M.*

Pete Townshend, Jeff Beck, Jimmy Page e até Jimi Hendrix sempre o reverenciaram. Bob Dylan o aponta como o inventor do heavy metal(!). Sim, porque desde 58, quando **Link Wray** furou os alto-falantes de seu amplificador com um lápis para conseguir o primeiro *fuzztone* de guitarra que se tem notícia (em hits instrumentais como "Rumble" e "Rawhide"), conquistou os corações e os ouvidos destes ilustres admiradores. Agora, o velhinho transviado retorna com um álbum que leva seu nome pelo selo inglês Creation. Tão *raw & wild* quanto antigamente. *C.P.*

JAZZ-RAP QUE DEU CERTO

Digable Planets mostra como é bom ser elegante e estar na boa

Quando o jazz-rap apareceu, foi saudado como uma das melhores idéias dos últimos tempos. Mas enquanto saíam discos bons aos montes (de Gangstarr às coletâneas *Rebirth Of Cool*, confira no histórico ao lado) faltavam hits que divulgassem melhor o som. Alguns anos de amadurecimento e disseminação no *underground* e já apareceu quem resumisse o estilo para milhões: Digable Planets.

São dois caras, Doodlebug e Butterfly, e uma menina, Ladybug. Eles vieram de Washington DC e venderam meio milhão de cópias de um single, "Rebirth Of Slick (Cool Like Dat)", que estala os dedos, tem contrabaixo e fala sobre como está em alta hoje em dia ser elegante, *cool* e viver na boa.

Logo em seguida veio o primeiro álbum, *Reachin' (A New Refutation Of Time And Space)*, que vendeu quinhentas mil cópias.

Quanto aos nomes de insetos, eles têm um bom motivo ideológico: "Insetos têm sociedades em harmonia onde todos trabalham pelo coletivo", explica Doodlebug pelo telefone, "é tipo uma utopia socialista, casa com nosso modo de pensar". Será que há uma explicação menos abobrinha para o nome da banda (tradução: planetas curtíveis)? "Planetas são indivíduos, somos todos planetas, e nós somos planetas que você pode curtir."

Mas os pés dos DP estão um pouco mais no chão quando os assuntos são outros. Causas políticas são defendidas numa postura *à la* beatnik-contestador de boteco dos anos 50. "La Femme Fetale" é pró-direito ao aborto. "O rap é uma música que nasceu do movimento social e deve um envolvimento político ao público. Estamos com vários projetos, mas ainda não definimos em qual vamos entrar de cabeça."

Apesar de serem os primeiros *hitmakers* do jazz-rap, eles reconhecem que devem muito a quem veio antes.

Doodlebug: "Grupos como Gangstarr, Dream Warriors, Stetsasonic, Young Disciples são originais mesmo. Causam uma espécie de atração selvagem na gente. Foram fundamentais para dar sangue novo ao rap e sem dúvida nos influenciaram."

Aliás, não só eles. Parece que os tons do jazz estão por toda parte: no disco do Dr. Dre (*gangsta rapper* de atitude diametralmente oposta aos DP), na house, no último da Janet Jackson...

"Isso é fantástico e é uma das coisas que mais tem me agradado ultimamente. Essa mistura vai acabar dando origem a novos ritmos e novas formas de música, o que é o mais importante."

Curiosidade: Ladybug é filha de brasileiros. Não, não perguntamos se eles conhecem alguma coisa de música brasileira.

CAMILO ROCHA (colaborou ROBERT HALFOUN)

Histórico do Jazz-Rap

ANOS 70

• Gente como **Gil Scott-Heron** e **The Last Poets** gravam falatórios sócio-políticos ritmados em cima de jazz-funk esparso e cru.

PRIMEIRA METADE DOS ANOS 80

• **Jazzy** é um gíria comum no meio funk e rap. Quer dizer **legal**. Vide "Jazzy Sensation" de **Afrika Bambaataa**, de 81, o **DJ Jazzy Jeff** e **Jazzie B**, líder do Soul II Soul (então uma equipe de som e não um grupo).

88

• O **Stetsasonic** lança o primeiro jazz-rap oficial da história: "Talkin' All That Jazz", que sampleia a linha de baixo do clássico jazz-funk "Expansions", de **Lonnie Liston-Smith**.

89/90

• **Samples** de **Chet Baker**, **John Coltrane**, **Miles Davis** e **Charlie Parker** e outros jazzistas começam a ficar tão comuns quanto os *breakbeats* de James Brown.

90

• Sai "Jazz Thing" do **Gangstarr**, que cita e homenageia vários mestres do jazz. Está na trilha de *Mo' Better Blues*, de Spike Lee.
• Os canadenses do **Dream Warriors** seguem com "Wash Your Face In My Sink" e "My Definition Of A Boombastic Jazz Style", esta última sampleando ostensivamente "Soul Bossa Nova", música de 63 de **Quincy Jones**.

91

• Em Londres, o selo **Talkin' Loud** lança artistas como **Young Disciples** e **Galliano**, fusores de jazz e *beats* de hip hop. Esses nomes derivam da cena inglesa do **acid jazz**, que revisita especialmente o jazz-funk dos anos 70 e se espalha por vários clubes, bares, selos e fanzines.
• Sai o primeiro (de três, até agora) volume da coletânea ***The Rebirth Of Cool***, que reúne o melhor na crescente produção de jazz-rap como **Caveman**, **Galliano** e **MC Mello**.

92

• A **Blue Note**, histórica gravadora de jazz, lança uma compilação de clássicos de seu catálogo, com o slogan "Você precisa conhecer Blue Note para gostar de **Def Jam**".
• No final deste ano sai "Cantaloop", single do **US3**, o primeiro grupo de rap contratado pela Blue Note.
• O **Brand New Heavies**, grupo inglês de soul-funk jazzeado lança *The Heavy Rhyme Experience*, com vários rappers convidados.
• É lançado ***Doo-Bop***, onde Miles Davis funde instrumentais de jazz e de hip hop.

93

• Os **Digable Planets** chegam ao 13º lugar na parada da *Billboard* e vendem mais de um milhão de discos.
• Sai o disco *Jazzamatazz Vol.1* com **Guru**, do Gangstarr e colaborações de jazzistas como **Donald Byrd**, **Courtney Pine**, **Branford Marsalis** e **Lonnie Liston Smith**. *C.R.*

DESIRE.

ENERGIA QUE DÁ GOSTO.

Carecas De Cristo

Se você não acredita em milagres, pode já começar a pensar em mudar seu nome para São Tomé. Principalmente se você tem o saudável hábito de pagar um ingresso para ficar xingando o seu grupo preferido de "traidor" e "vendido", e ostenta uma cabeleira tão vasta quanto a do Espiridião Amin.

É que aquela tão temida (ui, ui, ui!) facção que provocou gargalhadas com suas estapafúrdias declarações e a ira de quem quis assistir aos shows dos Ramones e do Exploited aderiu à causa cristã! Isso mesmo, Roberto Avelar, 28, mais conhecido como "Vampiro", ex-vocalista da banda Central Do Brasil e criador do grupo Carecas Da Baixada fundou os Carecas De Cristo!

Segundo o pouca-telha, os Carecas De Cristo não são nacionalistas: são brasileiros e amam o país porque "foi ali que o Senhor os colocou". A diferença é que eles não agridem estrangeiros, pois sabem que "o problema da humanidade é espiritual". Eles ainda pregam o amor de Cristo aos homossexuais, aos judeus, aos negros e aos imigrantes!

A conversão de Vampiro aconteceu depois que ele e sua turma se meteram numa treta. Jurados de morte, se pirulitaram do Rio. Nosso herói foi parar em Belo Horizonte, onde conheceu a banda Coluna Da Verdade e os fundamentos do Christian Oi Moviment.

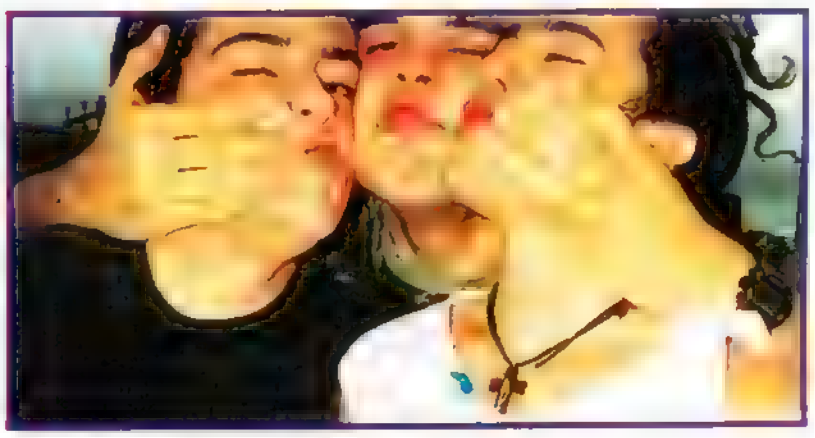
A proposta deles era a de levar a palavra de Cristo para skinheads, headbangers e punks. Vampiro abandonou o neo-nazismo, se desfez dos coturnos, dos suspensórios, das machadinhas etc. Tornou-se crente de terno e gravata. Mas, até então, ele ainda não havia se convertido para "um novo nascimento, um contato maravilhoso com Jesus". Percebeu então que daquele jeito não poderia chegar onde desejava e voltou a usar o visual skinhead para assim tornar a ter acesso "aos corações de seus antigos companheiros".

Que o digam os coitados: "Porra, o Vampirinho já era chato, mas agora ninguém agüenta quando ele vem foder a nossa paciência com aquela Bíblia!", sentenciou M.B., um dos seus inúmeros ex-amigos.

Apesar do movimento ter sido criado há pouco tempo, já existem diversos grupos skinheads cristãos em Belo Horizonte, em Vitória e em São Paulo.

Em breve, quando você for assistir a algum show punk, em vez de apenas se arriscar a tomar um pau à toa, há um outro risco a correr: o de ser solenemente alugado por truculentos gorilas pregando os valores cristãos. Só não se sabe qual dos dois será o pior. *ALEXANDRE ROSSI*

LETRA DO MÊS



Eles são da zona leste de SP e arreganham com um rock direto, quase punk
O Pigmachine detona músicas curtas e duras, como pedradas na moleira.

A DO GATO
(Pigmachine)

Puta que pariu
Meu gato pôs um ovo
Mas gato não põe ovo
Puta que pariu de novo
Hey
Puta que pariu
Meu gato pôs dois ovos
Mas gato não põe ovos
Puta que pariu de novos
Hey Hey

NIRVANA COMIX

O tão esperado disco novo do NIRVANA está quase pronto. Na produção está o deus do underground STEVE ALBINI, ultra radical e inimigo assumido das majors

As especulações começam: o novo NIRVANA é um álbum "punk" tão anti-comercial que a Geffen exigiu mexidas pós-produção para garantir as vendas. O Chicago Tribune e a Newsweek são as primeiras publicações a divulgar a história.

O NIRVANA e a Geffen rejeitam as acusações. Em anúncio na Billboard e uma carta ao editor da Newsweek, as reportagens são chamadas de mentirosas e se garante que não há tretas nem imposições de nenhuma parte entre a Geffen e o grupo

Mas parece que houve alterações na produção final do disco, com consentimento da banda. Um engenheiro de som, que já trabalhou com o U2, teria sido chamado para dar um trato no monstro.

E se tudo não for mais uma daquelas manobras publicitárias, a fim de construir uma grande expectativa pelo disco (algo necessário se o disco for sem hits)?... Tem gente que ouviu algumas músicas do disco novo e garante que são tão POP quanto as coisas do Nevermind

THE END

Uma produção de TORÁ INC.

I GOT THE POWER.

ENERGIA QUE DÁ GOSTO.

TOMMY, VERSÃO ANOS 90

UM SHOW DE EFEITOS ESPECIAIS

Uma nova versão espetacular da ópera-rock *Tommy*, criada em 69 por Pete Townshend estreou na Broadway com enorme sucesso de crítica e público. Ganhou cinco Tony, o prêmio mais importante do teatro americano. A história de um menino autista que se torna mago do fliperama, *Tommy* teve várias versões em 24 anos, de balé a filme de Ken Russell. Mas nada se compara ao espetáculo de agora, de Townshend e do diretor Des Mcanuff, uma obra de arte cruzada com tecnologia moderna.

Esta é a primeira vez que um espetáculo autêntico de rock'n'roll se apresenta na Broadway. O novo *Tommy* introduz uma inovação revolucionária no teatro musicado: é a primeira vez que usa essencialmente música e imagens visuais para contar sua história. A palavra se reduz ao mínimo. O estilo teatral altamente sofisticado combina canções, danças e cenas superpostas que surgiram das inovações nos musicais nos últimos vinte anos. A coreografia mistura danças da Segunda Guerra, anos 50 e início do rock'n'roll. Tudo em projeções de slides colossais.

Tommy é um menino de quatro anos que vê o assassinato do amante de sua mãe por seu próprio pai. Com o trauma, o garoto fica surdo, mudo e cego. É sexualmente molestado por um tio alcoólatra e torturado por um primo sádico. Cura-se exercitando sua agilidade intelectual em fliperamas. Torna-se uma figura messiânica, convida o mundo à sua porta, até encontrar a paz nas coisas mais simples. É, virtualmente, um símbolo dos anos 60.

No original, *Tommy* podia ser interpretada como parábola psicodélica, a primeira ópera-rock para uma época de experimentos. Isso fez de *Tommy* um emblema de seu tempo. Foi a música de fundo para o final apocalíptico de uma década que teve os Beatles e o homem na Lua, mas deu o massacre de My Lai no Vietnã; as rebeliões estudantis; os crimes de Charles Manson; o assassinato de dois Kennedys e Martin Luther King.

A música de *Tommy* reverbera com esses acontecimentos. Na Broadway, a música é a mesma (com mais uma canção, "I Believe My Own Eyes"), fielmente reproduzida pela banda, e apenas alguns diálogos foram acrescentados; mas o espetáculo não se parece com o de 69, nem com as interpretações dele feitas pelo grupo The Who.

A paixão dos anos 60, ainda no texto, foi diluída por uma engenhoca eletrônica chamada vari-light, ou "wiggle light", que pode, instantaneamente, ser alterada para projetar qualquer das cerca de mil cores que maneja e torpedeia em todas as direções. Cada uma das setecentas luzes tremelicantes é programada por computação. Mcanuff encheu o palco com 27 telões, projetores e espelhos cavernosos

Num momento eletrizante do show, Tommy encontra seu verdadeiro eu através de um espelho. Sugerindo o universo aéreo de Tommy autista, o diretor de arte John Amone justapôs imagens abstratas na ação: cadeiras flutuantes, portas e janelas, peças de mobília que entram e saem com rapidez, olhos sem rosto, no espaço.

Os atores não têm boa voz para rock, mas enganam pelo charme. São ótimos dançarinos em coreografias complexas. Os maiores momentos são quando Tommy descobre seu poder no fliperama, transforma-se em evento da mídia e domina o palco em saltos sensacionais. De branco, gomalina nos cabelos, narcisista, com pose arrogante de ídolo de rock, Tommy, disse um crítico, é a fantasia de vingança de todo garoto incompreendido pelos pais virar um ícone adorado pelas multidões. *SÔNIA NOLASCO*

OKOTÔ

VISION STREET WEAR

ELDORADO

MONSTRO

INCLUINDO

GIVE ME YOUR MONEY

E

HOW SHOULD I KNOW

JÁ À VENDA

OKOTÔ

NEW NEW ORDER

Os pioneiros do pop para pista investem de vez na dance

No dia do lançamento de *Republic*, o velho reino britânico entrou em alvoroço. Há semanas que as rádios vinham bombardeando seus ouvintes com os doces acordes de "Regret"; fotos de Barney, Hocky, Gillian e Stephen ocupavam capas e mais capas de revistas; o apetite era grande. Era a volta, afinal, de um dos grupos mais importantes do pop.

"Acho que este é um disco bom", declara então Gillian Gilbert despretensiosamente a respeito do mais novo fruto do New Order. "É melhor acabado, melhor produzido. As pessoas diziam que depois do *Technique* não havia como melhorar, mas..." O acabamento ficou por conta do produtor Stephen Hague (Pet Shop Boys), que obrigou a banda a trabalhar de uma forma diferente, em turnos. Acima de tudo, a função de Hague foi diplomática. Mas para entender melhor *Republic* é preciso voltar alguns anos atrás e retomar a história onde *Technique* a deixou.

Todo mundo gosta de falar sobre os "atritos" internos deste quarteto: da melancolia de Bernard Sumner que contrasta com o *bon vivant* Peter Hook, de Gillian Gilbert e Stephen Morris sendo "o casal apagado", que prefere ficar em casa. Qual é a verdade? "Quando você entra numa banda e ainda é jovem, mora com os pais, fazer turnês e passar longos períodos com o grupo é maravilhoso", diz Gillian. "Agora temos vidas separadas, casas separadas. Todo mundo tem filhos, menos eu e o Stephen. As coisas mudam."

Nem por isso a banda deixou de mergulhar de cabeça no bom e velho rock'n'roll durante a turnê americana de *Technique*: segundo testemunhas, os bastidores dos quarenta shows foram o cenário de uma ingestão mirabolante de drogas e álcool. "É uma vida tão falsa!", explica Gillian. "De repente você percebe que está virando um personagem do Spinal Tap e dá vontade de ir para casa e tomar chocolate quente." Foi o que a banda fez durante um tempo. Logo veio "World In Motion", tema da seleção inglesa na Copa de 90 e a banda partiu por caminhos separados.

Barney se uniu ao amigo Johnny Marr para criar o Electronic ("Engraçado... ficou parecendo New Order, mas nem um pouco The Smiths", é o único comentário de Gillian), enquanto Hooky se ocupava com o fracassado Revenge. Gillian e Stephen se apelidavam de Other Two e lançavam o ótimo single "Tasty Fish" (o álbum sai em setembro). Como seria o reencontro?

"Se tivéssemos bastante dinheiro, não teria sido tão fácil assim a gente voltar a se reunir", confessa a tecladista. Um belo dia em meio às gravações a banda descobriu que, apesar de haver praticamente financiado a existência da Factory, nem os técnicos do estúdio estavam sendo pagos.

Talvez por isso tudo *Republic* seja um disco com mais momentos pessimistas do que melodias alegres. O single "Regret" tem seu sabor de verão, e "World", seus backing vocals femininos, mas "Ruined In A Day" e sua introdução ameaçadora lembra os momentos mais melancólicos dos Pet Shop Boys, e "Times Change" tem o rap mais triste da história. "Não é um disco ruim, mas inerte", disse um crítico. "É quase um grande disco", disse outro.

Enquanto isso os fãs correm para as lojas, muitos deles esperando um New Order mais tecno, mais duro. "Tem gente dizendo que é 'dance' demais", reclama Gillian. "Tentamos trabalhar com um produtor mais tecno (Pascal Gabriel), só que não deu certo. Já fizemos tudo isso antes. Seria um passo para trás. E depois, se tivéssemos lançado um disco de hardcore/dance, também teriam nos criticado."

O New Order é o grupo que levou a dance às massas antes mesmo da explosão de 88; pergunte a Gillian se ela sente afinidade com algum outro músico, e sua resposta é clara: "Bandas de dance. É maravilhoso que as pessoas estejam comprando discos de novo sem se importar com quem fez a música". Com um pouco mais de pressão ela admite: "Gosto do Morrissey. Isso me mata! (*risos*) E Pet Shop Boys".

Quando o New Order nasceu das cinzas do Joy Division, pouca gente acreditou em sua permanência. Treze anos depois, Barney e Hooky se aproximam dos quarenta e a banda ainda está aqui. "Acho que sobrevivemos graças à tecnologia. Ela vai evoluindo e nós vamos atrás. Estamos sempre ouvindo música dos outros e tentando ser diferentes a cada disco. Senão seríamos o Joy Division até hoje." *A.G.L.*

IRON MAIDEN

O último show de Bruce Dickinson

Os fãs do Iron Maiden vieram se despedir de Bruce Dickinson, que parte para continuar sua carreira de cantor, escritor e esgrimista. Mas a banda parece estar tendo a melhor noite de suas vidas. Dave Murray não pára de rir, Steve Harris não tira os olhos sorridentes das primeiras filas de fãs, Janick Gers sobe nas caixas e Nicko McBrain joga à platéia dezenas de baquetas. Bruce Dickinson é inigualável: a voz, a franja, aqueles pulos absurdos.

Os hits seguem-se uns aos outros, de "Iron Maiden" a "Fear Of The Dark", e quem não sabe as letras disfarça com um pouco de *headbanging*. Nas mais lentas ninguém tem vergonha de acender seu isqueiro e no famoso refrão de "Heaven Can Wait", esposas e filhos se unem aos *roadies* para cantar nos microfones.

Eis aí o segredo do sucesso: senso de humor e amor pelo metal. Quem mais conseguiria chegar ao número um com uma música chamada "Bring Your Daughter To The Slaughter"... em pleno Natal!? Mas eis aí também a raiz do problema: grande parte desta veia cômica provém da figura de Dickinson.

Os quatro que ficam pretendem vasculhar os quatro cantos do universo em busca do vocalista certo, e fala-se até na volta de Paul Di'Anno, que o próprio Dickinson veio substituir em 81, mas a mudança é inevitável.

Depois de mais de duas horas de show, as pessoas se pegam falando como se este fosse o fim. E não seria um mau momento de terminar, antes que o espetáculo todo começasse a ir morro abaixo? Mas quem é que ficaria para representar o metal britânico, em plena crise de identidade? O Def Leppard? A opção é triste. Quanto a Bruce Dickinson, o que mais se pode dizer do homem que uma vez, de tanto bater a cabeça, passou uma turnê inteira com uma coleira cirúrgica no pescoço? Esse rapaz ainda vai longe.

A G I

ao vivo

VELVET UNDERGROUND

A VOLTA

"Bem-vindos ao show anual do Velvet Underground", anuncia Lou Reed. "Só fazemos isso a cada 25 anos."

Dizem que, se juntássemos todas as pessoas que chegaram a ver o Velvet Underground tocar durante sua primeira formação, a Wembley Arena ficaria praticamente vazia. Hoje, no entanto, não há uma cadeira vaga no lugar. Em meio a uma violenta onda de calor que sufoca Londres, muita gente nem pensou duas vezes antes de desenterrar suas calças de couro.
Lá fora os cambistas estão fazendo a festa e ganhando uma fortuna. Aqui dentro as camisetas – quem sabe um dia virem coisa de colecionador? – vendem mais que cerveja gelada. Se ninguem dava a mínima para o Velvet em 68, já em 93 a ocasião tem sabor de história. Os 25 anos decorridos tornaram o VU um mito; enquanto isso, todo mundo formou suas bandas, colocou óculos escuros e inventou as mais diversas variações da fórmula beleza + horror, melodia + barulho, arte + rua. Com uma existência curta e quatro discos que venderam mal, o Velvet foi responsável por muita coisa, de Bowie a The Jesus And Mary Chain, dos Sex Pistols ao Suede.
Mas se em 68, a banda detonou uma revolução ("Éramos vulgares, cantávamos sobre drogas, sexo, violência"), o que será dela em 93?
Os jornalistas convidados a assistir os ensaios preparatórios para a turnê de reunião ficaram impressionados: como eles são normais! "O som está igualzinho!", exclamava a baterista Moe Tucker, enquanto John Cale corria para abaixar o volume da guitarra de Lou Reed. Muita coisa mudou desde os tempos em que Reed "esperava pelo seu fornecedor com apenas 26 dólares na mão..." Tucker e Sterling Morrison (ela estava trabalhando num supermercado, ele virou professor de inglês) bem que precisam do dinheiro, mas, na arena enfumaçada, poucos se perguntam o porquê da volta.

Podemos esperar um *box set*, um disco ao vivo e a julgar pelas câmeras presentes, um vídeo. Mas agora estamos prontos para, como disse Reed, "confrontar o mito".
Caímos na escuridão e na histeria quando o quarteto faz sua entrada. Que outra música poderia abrir o show senão "We're Gonna Have A Real Good Time Together"? "Bem-vindos ao show anual do Velvet Underground", anuncia Lou Reed. Risos.

"Só fazemos isso a cada 25 anos." Mais risos. Vários pedidos da platéia, gente que implora por "Sister Ray". Mas há outras pérolas a serem tocadas. O solo de guitarra de Reed em "Guess I'm Falling In Love" é furioso, o vocal de Tucker em "Afterhours", comovedor.

A um certo ponto Cale, martela seu piano enquanto Reed recita um poema cômico sobre o retorno do VU, sem poupar nem a platéia nem a própria banda e seu merchandising. É quase um prazer ouvi-lo nos chamando de motherfuckers, prazer maior ainda constatar que o VU é bem menos precioso para o próprio grupo do que para seus fãs. Depois de duas horas eles querem partir, mas não deixamos. O bis é um presente dos céus, começando por "Waiting For The Man".
As luzes ficam verdes, a banda toca "Heroin" e nem um engraçadinho gritando "Just say no" conseguiu estragar o momento. Faltou "Sister Ray", faltou "Pale Blue Eyes"...

É quase um prazer ouvi-lo nos chamando de motherfuckers

Cale, quando não pega no baixo, nos estonteia com sua viola que zumbe e hipnotiza em "Venus In Furs", ou se senta ao teclado para assumir a voz de Nico em "All Tomorrow's Parties" e na preciosa "Femme Fatale" (depois dessa, nunca mais quero ouvir uma cover!). Sua narrativa em "The Gift" é longa, seca e imperdível.
Mas o show é de Lou Reed. Aquela voz nova-iorquina nos delicia com ironia ("Beginning To See The Light"), simplicidade ("I'll Be Your Mirror") e humor ("Rock'N'Roll").

Mas quem arriscou perder o último metrô e ficou até o fim ganhou uma nova, anunciada como "Coyote".
Por fim, o quarteto recebe um dos aplausos mais ensurdecedores da história. De onde estou não vejo seus olhos, mas imagino que devam estar demonstrando tanta emoção quanto os nossos. A questão é: depois de provarem que são melhores do que seus discípulos – mesmo 25 anos depois! –, será que eles agüentarão ficar mais 25 anos longe de toda essa adoração? *ANAMARIA G. DE LEMOS*

A ESTRELA RENASCE

Depois do Velvet Underground, só faltava esta: a lendária banda **BIG STAR** de Alex Chilton, tão cultuada pelos inteirados, quanto pouco conhecida pelo público em geral, voltou a se reunir depois de duas décadas. Ao menos com metade da formação original – Chilton e o baterista Jody Stephens – , que foi acrescida por dois membros do quarteto The Posies (ver *Zona Franca*): Jon Auer e Ken Stringfellow, que substituíram o finado guitarrista Chris Bell e o baixista Andy Hummel, respectivamente. O evento ocorreu numa festa da primavera (!) na Universidade do Missouri e renderá um disco ao vivo. C.P.

SUBLIMES

SUBLIMES

Sergio Nedal

Nos anos 60 foram The Marvellettes, Martha And The Vandellas, The Supremes e The Ronettes. Na era disco surgiram The Emotions, The Pointer Sisters e Sister Sledge. A terceira onda dos girls groups, capitaneada pelas divas do En Vogue, chega também nas praias daqui.
Isabel Fillardis, Lilian Valeska e Carla Prieto formam o trio vocal Sublimes e estão juntas há um ano. Nesse tempo elas alinhavaram um repertório de baladas soul e dance music – além da releitura de "clássicos" como "Black Is Beautiful", antigo sucesso de Elis Regina.
Elas estrearam em grande estilo, acompanhando a Midnight Blues Band no hino "Dancing In The Street", em pleno Hollywood Rock. O convite da Sony veio logo depois e o disco, gravado no estúdio Nas Nuvens, sai em agosto.
Lilian começou a cantar ainda criança nos cultos da Igreja Presbiteriana e, assim como Carla, acompanhava antes outros grupos como backing vocal. Isabel é modelo e atriz. Você já deve tê-la visto na novela das oito, *Renascer*, onde ela incendeia os pensamentos da turma do cacau.

CLÁUDIO CAMPOS

SEPULTURA NO ESTÚDIO

O Sepultura começou a gravar seu novo disco, ainda sem nome, no dia 21 de junho. Quem produziu foi Andy Wallace, um dos fodões do metal e outras pancadarias – trabalhou com Faith No More, Slayer, Rage Against The Machine e Rollins Band. O estúdio é o Rockfield, no País de Gales, onde o Queen gravou *A Night At The Opera*, e o Black Sabbath gravou *Born Again*. O Sabbath, por sinal, está gravando seu novo disco a uma milha do Rockfield, com um cantor misterioso que ninguém sabe quem é...Tente adivinhar. No quarto em que Andreas está ficando, já dormiram Ozzy e Robert Plant.
Deve vir uma pancada monstro por aí, a julgar pelas excelentes condições que o Sepultura teve: um estúdio maior do que qualquer casa noturna de rock em São Paulo, instrumentos novos – incluindo uma bateria Sonor cavalar, com caixa Zildjian de edição limitada – e muita vontade de calar a boca de quem ainda fala que o metal está com os dias contados.
As músicas novas estão completamente animais, segundo o popular C.E.M., que assistiu um vídeo de ensaios dos caras. Eles devem gravar uma com letra de Evan Seinfeld, cantor do Biohazard, e "Crucificados Pelo Sistema", dos Ratos . E pode começar a contagem regressiva: o disco sai em outubro. Mês que vem tem mais detalhes! Bastidores! E as primeiras entrevistas!

O Suíngue Do Planalto

Como misturar peso e suíngue em uma mesma banda?
Esta é a pergunta que o Pravda vem conseguindo responder nos dois últimos anos. Sylvio (guitarra e voz), Carlos (baixo), Kiko (guitarra), Marcão (percussão) e Guga (bateria) acharam o caminho do ritmo suingado e têm como padrinho e mentor espiritual o papa Jorge Benjor.
"Daqui para a frente nós queremos ousar cada vez mais e colocar bases pesadas em guitarras funk, conciliando sempre peso e suingue", diz Sylvio, autor da maioria das letras, como "CV Que Eu Tô Certo": "...Eu vou entrar pro Comando Vermelho/Vou ter grana, vou ser respeitado/Eu forneço a potência dos brochas/O alívio secreto das damas/Vou zombando de quem me sustenta/Me alimento de suas fraquezas..."

CARLOS MARCELO

O QUE VOCÊ
VAI CONTAR PARA
SEUS NETOS?
O QUE VOCÊ
DEIXOU DE FAZER?

Não há nada de mal em ficar velho um dia. Cabelos brancos têm lá o seu charme. Ou podem ser tingidos. Mas não se pode tingir uma vida em branco.

Saia um pouco de casa. O lar, doce lar - como tudo o que é doce - enjoa. Vá mais longe que o de costume. Explore novos caminhos, suba montanhas, descubra cachoeiras, ouça o silêncio.

Existem lugares incríveis onde simplesmente respirar fundo já é uma experiência que vale a pena.

Só não tente ser aventureiro com qualquer sapato. A maioria deles não nasceu para isso. Use Countryside Samello.
Macio, resistente, cano alto ou baixo e solado em borracha natural. Feito sob medida para agüentar as aventuras de um futuro ídolo dos netinhos.

E com um design tão bonito que nada impede que você se torne um ídolo desde já.

Calce um Countryside e saia sem rumo certo. Ou com rumo certo, desde que pelo pior caminho. Prestando atenção nos pássaros, no céu, nas árvores, nas montanhas. E, sempre é bom, nos buracos.

Countryside

Maiores informações sobre estes produtos, ligue grátis 0800-15-5115

Samello

ALÉM DA IMAGINAÇÃO

Ilustração Mutangra

BONO TRAVESTIDO? O U2, GRANDE BASTIÃO DO "ROCK VISCERAL", PRODUZINDO HITS PARA DISCOTECAS? UMA BANDA CATÓLICA, POSANDO AO LADO DE MODELOS SEMINUAS? O U2 ESTÁ PASSANDO POR UMA MUTAÇÃO SURPREENDENTE – MAS AGORA BONO & CIA. RADICALIZARAM DEFINITIVAMENTE SEU TRABALHO, COM UM DISCO OUSADÍSSIMO. ANDRÉ FORASTIERI TENTA ENTENDER O QUE SE PASSA COM ESSE MUNDO MUITO ESTRANHO E SUA MAIOR BANDA DE ROCK

*** CONFIRMADO 9/05 * NOVO DISCO DO U2 *ZOOROPA* LANÇAMENTO MUNDIAL: 6/07 * PRIMEIRO SINGLE/CLIP "NUMB"/LANÇAMENTO MUNDIAL: 26/07 * NOVO DISCO DE REMIXES PARA PISTA EM OUTUBRO * CONFIRMADA RENOVAÇÃO COM A GRAVADORA ISLAND * CONTRATO CALCULADO EM MAIS DE CEM MILHÕES DE DÓLARES * O NEGÓCIO MAIS CARO DA HISTÓRIA DA MÚSICA INCLUI COMPRA DE DEZ POR CENTO DA ISLAND PELO U2 * BANDA FAZ SUA TURNÊ EUROPÉIA ATÉ 30/07 * A IMPRENSA ANUNCIA A SAÍDA DO BAIXISTA ADAM CLAYTON DO GRUPO**

Estamos no amanhecer de um novo mundo – onde estaremos todos conectados via TV/fibra ótica, brigando e se amando e aprendendo e votando e transmutando a maneira como nossos cérebros funcionam e principalmente, antes de mais nada, comprando (o shopping-orgasmo, além dos nossos mais desvairados sonhos, agora ao alcance de seu controle remoto). Enquanto isso, milhões apodrecerão de fome e Aids e mediocridade e analfabetismo tecnológico. Velhos conflitos, novos problemas, soluções efêmeras – cada vez mais rápido e mais na sua cara.

Um grupo de rock formado por quatro irlandeses está firmemente convencido de que cabe a eles compor a nova trilha sonora, catalisar os *beats* pelos quais todo o planeta dançará. Mais que isso, eles querem articular esse universo fragmentado de mudanças contínuas de maneira artística e militante. Criar pontes de compreensão e comunicação.

Estar ali, na fronteira do futuro. Surfar na Terceira Onda.

O disco *Achtung Baby* e sua simultânea *Zoo TV Tour* já tentavam estabelecer as novas regras do novíssimo jogo. Que não basta fazer música – é preciso participar! – já era um dado fundamental no histórico do U2 (é bom lembrar *The Commitments*: a Irlanda está para a Europa como os negros blueseiros para a América W.A.S.P.). Mas agora Bono Vox, The Edge, Larry Mullen e Adam Clayton redefiniam seu conceito de militância.

O que está mudando o mundo, diz muita gente e eles acreditaram, não é votar nos partidos de esquerda (*left is right*) nem militar nos sindicatos (aparelhos obsoletos) nem fuzilar nossos governantes (primeiro porque eles serão substituídos por gente tão bunda quanto e segundo porque só estão fazendo seu trabalho: administrar aos trancos e barrancos as ruínas da sociedade industrial). Não, o que está mudando o mundo é – um, dois, três – a tecnologia.

Todo mundo sabe: na virada do milênio, o que passa na televisão passa por realidade. A popularização do controle remoto tem mais peso político que os conchavos dos engravatados – e a explosão da interatividade fará de cada consumidor parte de uma rede global de conhecimento, informação, atuação e consumo. O indício mais óbvio deste novo mundo está nas nossas caras: a MTV (uma vitrine empastelante criada única e exclusivamente para vender discos!) se tornou um instrumento político fundamental. Por que você acha que Clinton se elegeu?

É outro jogo, com outras regras e o divertido é que o próximo estágio do capitalismo tem suas regras na música e na cultura pop. O U2 sacou que este mundo novo é tão filho dos investimentos em tecnologia, que o Pentágono bancou nos anos 80, quanto do LSD. Tão ligado ao marketing de guerra quanto ao espírito empreendedor da cultura punk.

Economistas hardcore, samurais corporativos, futurólogos governamentais – todos concordam numa coisa: estamos passando de uma sociedade industrial para uma sociedade informacional, em que o principal capital será o conhecimento. O setor estratégico da economia mundial, dizem os *experts*, passa agora a ser uma interface entre telecomunicações, informática e entretenimento. Tanto que criar uma "auto-estrada informacional" virou prioridade do governo americano.

Que esse futuro já está às nossas

portas é consenso. Não tão divulgadas são as conseqüências nefastas que essa mudança radical trará. A recessão não vai acabar. Quem ficar fora deste processo evolutivo/tecnológico estará destinado ao desemprego crônico. Os pobres continuarão ficando cada vez mais pobres, os ricos cada vez mais ricos. As rivalidades nacionais/tribais continuarão esquentando – a coisa vai do neonazismo incendiando turcos na Alemanha unificada ao separatismo brasileiro. O que, mais uma vez, mexe com o âmago do conceito U2 – a bronca, a militância, a luta contra a injustiça (é careta? Pode ser, mas também é fundamental).

Como dizia Norman Mailer nos anos 60, "vem uma tempestade de merda por aí". Você pode ver isso como os últimos espasmos da civilização, ou como as dores de parto de um mundo novo e interessante. Descobrir de que lado deste muro você está é a grande questão político/cultural da nossa era.

Com tudo isso rolando, é apropriado que o pop – um dos pais desse mundo de ficção científica – tente articular essa visão moderna (e modernosa) dos anos vindouros em termos pop. Muita gente se meteu na mesma praia antes – mais obviamente grupos de tecno, gente que faz som para *rave*, industriais e eletrônicos em geral. Agora, até Billy Idol está lançando um disco de base tecno chamado *Cyberpunk*.

Mas foi *Achtung Baby* e a *Zoo TV Tour* que levantaram essa bola futurista em termos de massa. Afinal, o U2 ainda é "a maior banda de rock do mundo" (se é a melhor ou a que vende mais não vem ao caso, mas que é a maior, ninguém discutirá).

Daí o swing oriental de "Misterious Ways", remixado para as pistas (duas fronteiras da nova era interligadas: a visão multiculturalista e os garotos chapados de *designer drugs* dançando a noite toda). Daí as táticas situacionistas, o apoio ao Greenpeace (a política do amanhã está nas organizações informais, flexíveis, não-governamentais). Daí a auto-referência, o senso de humor, o terno dourado.

Daí a banda vestida de mulher em revistas de moda (e na capa desta revista), a embaralhação de signos tradicionais do superstar, e daí a monstruosa blitz de mídia em 91/92 (e agora 93, da qual fazemos orgulhosamente parte – é bom de vez em quando estar do lado que vai ganhar). E daí *Zooropa*, o disco e a tour – o mais ambicioso disco do U2, a mais ambiciosa tour da história.

"WHAT THE FUCK IS ROCK'N'ROLL?"

perguntou Bono ao público francês

SEM FRONTEIRAS

Como a nova encarnação do U2 acha sua tradução perfeita na turnê mais cara da história

Em 91/92, era a *Zoo TV Tour*. *Zooropa 93* é uma versão muito revista e muito melhorada. São trinta datas, começando 9 de maio em Roterdã e acabando 31 de julho em Estocolmo.

Os menores shows são para 30 mil; os maiores, para 70 mil. Se todos os shows lotarem, o U2 terá sido visto por quase dois milhões de pessoas durante três meses.

Para pagar os custos de cada show, é necessário que pelo menos 85% dos ingressos tenham sido vendidos. Ao mesmo tempo, o U2 não aceitou nenhum patrocínio corporativo, com exceção de um acordo de cobertura especial com a MTV Internacional.

Para compensar a ausência de patrocinadores, a tour oferece um dilúvio de merchandising de todos os tipos – bonés, camisetas, fivelas para cinto, adesivos e até uma nota falsa de ECU (o novo dinheiro da Europa unificada).

Entre os que estão abrindo para o U2 em shows diversos estão grupos tão variados quanto Velvet Underground, Belly, Einstürzende Neubaten, Stereo MCs e o DJ Paul Oakenfold.

Os telões da *Zooropa 93* foram especialmente desenvolvidos para a banda pela Philips, pioneira na área de TVs de alta definição. A empresa controla a PolyGram e através dela a Island. U2 aceitou dez por cento da propriedade da Island, sua gravadora, em troca de *royalties* atrasados. U2 e Philips são, portanto, sócios.

A programação de vídeo de cada show varia. Ela vem de três fontes: um grupo americano que trabalha com sampleagem e colagem de vídeo, o Emergency Broadcast Network; o produtor/diretor/músico Kevin Godley, da dupla Godley & Creme, ex-10 cc; e de filmagens feitas com e pela platéia durante cada show. Bono controla parcialmente o que está nos telões, via controle remoto.

O show inclui todos os grandes hits do U2, *Achtung Baby* e *Zooropa* praticamente inteiros, uma versão de "Satellite Of Love" de Lou Reed, mais músicas compostas pelo grupo para outros artistas, inclusive "Prodigal Son" (que foi gravada pela banda mas não entrou no novo disco, mas estará só no do cantor de soul americano Al Green, que Bono considera a maior influência sobre seu estilo de cantar) e "The Wanderer" (que está em *Zooropa*, na voz do cantor country e um dos inventores do rock'n'roll, Johnny Cash. A música foi composta especialmente para Cash). Os shows sempre abrem com "Zooropa" e geralmente terminam com "Are You Lonesome Tonight", o velho clássico de Elvis.

É na última parte do show que Bono aparece como "MacPhisto" (uma piada: Mefisto, o demônio tentador, que faz qualquer negócio em troca de uma alma – só que irlandês). Usa terno dourado brilhante, sapatos plataforma, maquiagem pesada e chifres vermelhos. É neste alter ego cafona, uma paródia/auto-referência, que Bono interpreta alguns dos maiores sucessos da banda – inclusive a mais famosa balada do U2, "With Or Without You". Sobre o personagem, Bono disse: "não sei de onde ele vem, nem sei para onde ele está me levando. É excitante e amedrontador ao mesmo tempo".

É mais um dos muitos jogos de cena de Bono, que escandalizaram/deliciaram os fãs do U2 nos últimos tempos. Entre os mais chamativos estiveram posar vestido de mulher (você já viu); rebolar, apalpar e encoxar bailarinas durante os shows desta turnê; aparecer bêbado carregando uma garrafa de conhaque em entrevistas coletivas e fazer editoriais de moda para a *Vogue* ao lado da modelo

STILLS

"Por que eu entrei nesse lance todo? Tem de ser mais do que só fazer boas músicas. O que queremos é vender uma droga legalizada"

Christy Turlington, seminua. Apesar das baixarias no decorrer da turnê, o grupo encontrou alguns de seus heróis literários. William Burroughs – padrasto do movimento beat e uma lenda americana – participou de um show de TV com a banda. Salman Rushdie, até hoje sob ameaça de morte por parte dos xiitas iranianos por causa do livro *Os Versos Satânicos*, se encontrou com eles num fórum sobre censura em Dublin. Charles Bukowski, afiliado distante dos *beatniks* e bêbado escroto de marca maior, assistiu ao show em Los Angeles. Gunther Grass, autor de *O Tambor* e um dos intelectuais mais respeitados da Alemanha esteve com o grupo em Berlim.

No futuro próximo o U2 pode mudar de cara. Correm boatos de que Adam Clayton pode deixar a banda (aliás, ele é o único não-cristão da banda e está noivo da modelo Naomi Campbell). O futuro imediato da banda? Bono fará um dueto com Frank Sinatra para seu próximo disco, produzido por Quincy Jones. Willie Nelson e Al Green gravarão faixas especialmente compostas para eles por Bono. Em outubro sai outro lançamento, com cinco faixas deste disco remixadas para pista – quais, ainda não foi anunciado. E o mais interessante: o U2 está produzindo em acordo com a gigante dos videogames Sega um CD-Rom – não um jogo, mas um produto interativo que une música, vídeo, texto. Mais um passo na direção certa.

APOCALIPSE EXPERIMENTAL

Vanguardista, épico, sombrio: o universo cyberpunk do disco *Zooropa*, dissecado faixa a faixa

E depois que *Zooropa 93* acabar Bono já anunciou que esta turnê só acaba definitivamente depois que a banda tiver tocado nos cinco continentes. Resta portanto os países do Pacífico – que provavelmente receberão uma versão um pouco diferente da excursão ainda este ano – e América Latina.

Tanto os fãs de "Sunday Bloody Sunday" quanto os de "The Fly" vão estranhar. A nova parceria do U2 com Brian Eno – produtor que fez o estouro da banda de *The Unforgettable Fire* para frente – vai mais longe do que qualquer supergrupo já foi.

Zooropa, o disco, é a cara de *Zooropa 93*, a tour – uma superprodução que embaralha completamente o que se espera do U2 com o que o grupo espera de si mesmo. Antes de mais nada, porque é um disco conceitual. A ambição explícita é retratar um mundo que vive na fronteira da revolução eletrônica – e como isso afeta o cotidiano das pessoas comuns deste planeta. Como viver num mundo em constante transformação afeta os sonhos, as aspirações políticas, as angústias pessoais e as expectativas espirituais do cara aí na esquina. É ambição demais para um mero disco. Muita gente boa já gastou milhares de páginas tentando articular essa visão, inclusive o escritor William Gibson, o mais importante criador da ficção científica cyberpunk e segundo Bono o grande inspirador de *Zooropa*.

As gravações foram realizadas em intervalos desta turnê européia. Quando o grupo tinha uns dias livres, voltava rápido para o estúdio, em Dublin. Esse método de composição e gravação se refletiu no *feeling* final do disco. É um trabalho muito europeu, dos temas das letras aos timbres usados. O resultado final remete imediatamente à virada dos anos 70 para os 80: o David Bowie "berlinense" de *Low*, *Lodger*, *Heroes*; o refinamento do Roxy Music; as experimentações de base pop do Japan. E alguma coisa difícil de definir, talvez a angústia, do Joy Division.

Claro que *Zooropa* não é um xerox amarelado dessa fase do rock. O disco soa modernissimo: Flood e Brian Eno cuidaram disso. Flood foi o engenheiro de som. É um dos mais importantes produtores de música eletrônica do mundo. É "colaborador local" do selo Mute, onde produziu (e/ou remixou) quase todo mundo que é alguém no tecnopop britânico.

Seu associado mais famoso é o Depeche Mode. Brian Eno vai um pouco mais longe. Eno é um dos grande experimentadores da história da música. Começou no Roxy Music, no início dos 70. Trabalhou muito com Robert Fripp, outro grande experimentador, inclusive na "trilogia Berlim" de David Bowie. É um dos pioneiros da música *ambient* – que hoje se infiltra até no maior domínio do ritmo, a dance music. Fez o influente disco de world music ambiental (na época, o rótulo era etnopop) *My Life In The Bush Of Ghosts*, com David Byrne. Recentemente voltou ao pop com John Cale, no disco

Wrong Ways Up. Continua sendo vanguarda – seja lá o que isso quer dizer.

No meio dessa história toda, Eno achou tempo para produzir o disco que estourou o U2 mundialmente – *The Unforgettable Fire* – e ainda o seguinte, *The Joshua Tree*, que sedimentou definitivamente o status da banda.

Zooropa não tem nada a ver com esses discos. Demorou, mas finalmente o U2 (visceral, obcecado por ritmos americanos, tocando rock de arena com refrões poderosos) e Brian Eno (dandy, esteta, sutil, mago de estúdio) sincronizaram

seus interesses. O resultado deste encontro é modular, monotônico, hipnótico. Refrões são desimportantes. Quase nenhuma música permite se cantar junto, muito menos assobiar. Ao todo, são dez faixas. A primeira é a música-tema "Zooropa". Imagine ouvir "Until The End Of The World" numa estação de rádio que não está bem sintonizada e dá para imaginar. A música estabelece o clima do disco todo. É épica mas contida: não tem um pingo de paixão. Quando a guitarra fala alto, não é uma explosão: é estática calculada. Se a bateria martela não é para ninguém dançar, e sim para sugerir os passos sincronizados de nazistas marchando. A letra é um amontoado de slogans publicitários.

Depois desse inferno sombrio, "Babyface" parece um alívio. Parece uma baladinha eletrônica feita por David Bowie. Só que o romance é com uma criança. "Devagarzinho... deixa eu desamarrar sua renda... abre a porta... deixa eu desarrumar minha mala... você está vindo a mim (gozando sobre mim), direto do espaço sideral."

Uma banda famosa por ser católica cantar as delícias da pedofilia já seria estranho o suficiente. Bem mais estranha é a faixa seguinte, "Numb", ter sido escolhida como primeiro single/clip. "Numb" não tem refrão, não tem explosão, não tem atitude.

A voz de Bono está irreconhecível. A letra se limita a dizer "não". É "não faça/não se mexa/não pense/não ouça a banda/não viaje de trem/não sussurre" etc. etc. As palavras são repetidas baixinho, como um mantra que veio do espaço; a base é circular; tudo que não é a voz ou a base é textura, estática, intervenção.

"Lemon" tem mais cara de hit. Repetitiva como todo o resto do disco – aliás a idéia de repetição e reciclagem é um dos temas fundamentais de *Zooropa* –, funciona como canção de amor, como trilha para *raves* e homenagem atravessada a Prince e aos new romantics. Sintetizadores e um majestoso arranjo de cordas são cortesias de Brian Eno.

"Stay (Faraway, So Close!)" tem aquela melancolia lenta de quem está na estrada. Diz "tão longe, tão perto/para frente com a estática e o rádio, com a TV via satélite/você pode ir a qualquer lugar/Miami, Nova Orleans, Londres, Belfast e Berlim".

É a coisa mais parecida com o U2 de antigamente no disco, talvez porque não tenha a participação de Brian Eno.

Mas "Daddys Gonna Pay For Your Crashed Car" também não tem Eno e é uma das músicas mais ousadas de *Zooropa*. É o U2 se reinventando como uma parceria imaginária do My Life With The Thrill Kill Kult com o Stereo MCs e o Tackhead. Contém um sample de fanfarra, tirado do disco *As Canções Favoritas De Lenin*, e outro de "The City Sleeps", música do duo industrial texano MC900 Ft Jesus. Tem cara de sucesso de pista. O tema, disse Bono numa entrevista, é "heroína e dependências de todos os tipos".

"Some Days Are Better Than The Others" se parece bastante com "The Fly", só que numa versão estilhaçada. Recoloca a questão básica presente em *Zooropa*, e do mundo que este disco quer representar.

Como uma coisa tão melódica, tão grandiosa, tão tipicamente U2/anos 80 pode soar tão alienígena? A pergunta não tem resposta, só reforço: "The First Time", uma canção de amor daquelas de tocar ao violão, acabou virando um tema ambiental que presta homenagem atravessada a Lou Reed ("Kill Your Sons") com timbres de cold wave e Brian Eno ao piano.

O fim se aproxima com "Dirty Day", homenagem ao escritor Charles Bukowski. A letra, como o homenageado, romantiza a vida na sarjeta apresentado-a da maneira mais realista possível. Formalmente, esta é a última música do disco – e ele fecha repetindo as características principais que atravessam o trabalho todo.

Resta para o final o grande momento de *Zooropa*. "The Wanderer" foi composta quando Bono soube que Johnny Cash estava em Dublin. Cash é um dos sobreviventes da era dourada do rock'n'roll, os anos 50. Era um dos integrantes do "quarteto de um milhão de dólares", ao lado de Jerry Lee Lewis, Carl Perkins e Elvis Presley. Como cabia às suas raízes caipiras, se virou para o country – country de macho, nômade, falando de coisas como dor de cotovelo, solidão, trabalho, falta de grana, falta de amor.

É o próprio Johnny Cash que canta "The Wanderer". É tristonho sem ser meloso, desiludido sem perder a vergonha na cara. Uma típica canção de cowboy para o fim do milênio. Periga ser o momento mais emocionante de *Zooropa* e Bono nem está presente. Melhor assim, sem maiores frescuras.

A união de Johnny Cash e Brian Eno fecha da melhor maneira possível o que já é um dos melhores discos do ano.

PORTÁTEIS PHILIPS. O SOM PARA JOVENS Q

PORTÁTEIS PHILIPS. O FUTURO EM SUAS MÃOS.

UE TÊM ALGUMA COISA ENTRE AS ORELHAS.

ESTEREO RADIO-CASSETE
PLAYER AQ 6508

- AUTO REVERSE
- SISTEMA DOLBY
- DBB (DYNAMIC BASS BOOST)
- FM ESTÉREO E AM
- AVANÇO E RETROCESSO RÁPIDO
- FONE DE OUVIDO

A TENDÊNCIA É PHILIPS.

PHILIPS

MONSTR
RENASC

Música de dinossauro, trilha sonora do fim do sonho, música de penteadeira de bicha: o rock que a crítica adora odiar reaparece agora nos anos 90. Na atual revisão geral da década de 70, o progressivo ressurge como influência para o heavy metal a dance music. Bandas como Primus deixam a coisa explícita: tocam covers de Pink Floyd e Peter Gabriel. Será o retorno do monstro das faixas de vinte minutos? Com a palavra nosso enviado especial ao período jurássico, Marcos Smirkoff

O Renascimento Progressivo

Na verdade, ele nunca foi extinto. Seja com o nome duvidoso de *progressivo*, seja com o muito mais vago e pretensioso de *art rock*, se trata de um rótulo sem limites muito claros. De modo muito geral, pode se dizer que diz respeito àqueles grupos que incorporaram bem ou mal ou simplesmente saquearam elementos da música erudita, com algumas pitadas de jazz e o que mais aparecesse.

Dá para notar que é uma etiqueta fácil quando não se acha gaveta para uma obra muito ampla ou muito esquisita.

As produções inclassificáveis e absolutamente diversas de Frank Zappa ou dos Residents costumam cair no mesmo saco, assim como qualquer coisa mais rebuscada que tenha um sintetizador na frente. Também porque, no final dos anos 60 e início dos 70, esse tipo de ecumenismo musical era uma mania em toda música pop. Havia uma necessidade de sofisticação (até no soul estava rolando isso).

Hoje, à distância segura, dá para se dizer que alguns grupos se superestimaram demais, levaram muito a sério a publicidade das gravadoras. Uns poucos fizeram coisas realmente duráveis, com massa sob tanto glacê instrumental.

As origens da criatura se perdem em viagens de ácido. Foi com a psicodelia dos *sixties* que os músicos de rock começaram a encompridar os improvisos. Daí passaram a se interessar por sons diferentes do blues e do r&b. Criou-se um gosto por mudanças abruptas dentro de uma música, por composições menos lineares, mesclando "climas" diferentes.

Ao mesmo tempo, foram descobrindo as maravilhas que a eletrônica começava a oferecer nos estúdios para realizar essas mudanças.

Não é por acaso que se costuma culpar os progressivos de terem feito uma "leitura errada" das idéias contidas no *Sgt. Pepper's*, dos Beatles, que por sua vez foi inspirado em parte em outra gema de estúdio, *Pet Sounds*, dos Beach Boys. A partida teria sido dada pelo Moody Blues, ao colocar uma orquestra em seu álbum *Days Of The Future Passed* (67).

Nessa abertura para a mistura de sons de outras origens, principalmente na "alta arte", estava o motivo que pôs a crítica com os dois pés atrás quando se tratava de *progressivo*. O rock estava deixando para trás suas raízes negras, seu balanço e seu descompromisso, ficando complicado, difícil de tocar e de se entender e, principalmente, perdendo o bom humor.

No lugar, entravam uma queda por truques fáceis para causar espanto na platéia e uma temática místico-científica de almanaque, nos piores casos.

Em sua origem, o rock progressivo foi um estilo britânico. Boa parte de seus primeiros músicos veio da classe média inglesa, gente que estudava música e que tinha costume de ouvir clássicos e jazz. Sua atuação, à primeira vista, parecia querer obter respeitabilidade para o rock, fazer "arte" na velha perspectiva do "sério" versus o "fútil" – o que não combinava com um ritmo associado à rebeldia adolescente. O sintoma estava em nomes do tipo Emerson, Lake And Palmer, que procuravam a pompa de um trio de cordas ou de um conjunto de câmara.

As origens da criatura se perdem em viagens de ácido. Mas a influência está aí: o sampler nada mais é que uma versão atual do velho mellotron

Além dos medalhões (Pink Floyd, Yes, Genesis, Emerson Lake And Palmer), o progressivo se ramificou bastante. Nos EUA, proliferaram filhotes com um pé no hard rock, que alcançaram grande sucesso comercial – caso do Rush. Muitas das bandas incorporaram elementos progressivos para envernizar um rock basicamente careta – caso do Journey. Mas a maioria das crias veio da Europa.

Houve uma linha interessante e anárquica na França, centrada no grupo Gong, do australiano David Allen e do guitarrista Steve Hillage. Outra voltada para o folk e o som medieval inglês (Jethro Tull e Renaissance). Uma terceira apostou em cruzar música contrapontística e algum jazz (Gentle Giant). E ainda existiu aquela que foi mesmo para o lado do jazz de vez (Soft Machine) ou grupos que se basearam na música erudita do século 20. Destes últimos saíram os trabalhos de pouco sucesso pop mas de mais influência no rock posterior a 80. Sujeitos como Brian Eno, que a começar de sua participação no Roxy Music e colaborações com Robert Fripp, do King Crimson, exploraram as novas possibilidades oferecidas pelo estúdio de gravação.

Sua pesquisa teve paralelo na Alemanha, com gente também da área progressiva, como o produtor Conny Plank e o ex-baixista do Can, Holger Czukay – todos nomes importantes para o rock pós-80. Outro personagem veio do movimento Rock In Opposition: o guitarrista Fred Frith, ex-membro do Henry Cow.

Morando hoje em Nova York, Frith é um dos mais ativos representantes de um bando de artistas classificados como "alternativos", que funcionam no esquema "faça-você-mesmo". Para contrariar a regra, o velho Genesis, uma banda relativamente pop nos padrões do *art rock*, pariu Peter Gabriel, hoje uma espécie de guru multimídia.

O progressivo também rendeu alguma coisa também em termos de negócios. As turnês megalômanas do Pink Floyd, do ELP e do Yes contribuíram para a montagem do tipo de infra-estrutura que hoje serve a eventos muito mais inflacionados, como a *Zoo TV*, do U2.

Apadrinhados por instrumentistas como Keith Emerson e Rick Wakeman, os teclados passaram a ser equipamento-padrão do rock . Atrás da moda, a indústria foi desenvolvendo eletrodomésticos que desembocaram nos atuais samplers (que aliás, são a versão computadorizada do instrumento típico progressivo: o mellotron). Os conservatórios e escolas de música também fizeram muito dinheiro com a molecada que resolveu estudar algo mais que três acordes.

Os sons "de época" dos moogs e mellotrons (que vêm sendo redescobertos em CD), as estruturas musicais complicadas – mas fascinantes para quem sabe tocar – e a idéia de "viajar" numa daquelas faixas imensas estão entre as fontes da renovação de interesse pelo progressivo. E aonde está apontado e como ressurgiu este interesse? Uma pequena idéia vem a seguir com o encontro The Orb/Pink Floyd.

O resto está na próxima edição.

• Acima: Van Der Graaf Generator, Focus, Pink Floyd era-Syd Barrett
• Ao lado: Gentle Giant
• Abaixo: David Gilmour, Emerson Lake And Palmer, Peter Gabriel no Genesis, Hawkwind

Os dez grandes discos do progressivo? Impossível chegar num consenso. Mas aí vão algumas sugestões interessantes para começar a entrar no clima

Pink Floyd
• ***Ummagumma*** (69)
The Piper At The Gates Of Dawn continha a criatividade de Syd Barrett, *The Dark Side Of The Moon* vendeu mais, mas *Ummagumma* trouxe o Pink Floyd mais influente, em fase de transição.

Soft Machine • ***Third*** (70)
Experiência radical no sentido do free-jazz, em álbum duplo do grupo-mestre do chamado *Canterbury sound*, nome comum do Soft Machine e das bandas que derivaram de suas formações.

Yes
•***The Yes Album*** (70)
Este foi o último disco do Yes antes da entrada de Rick Wakeman e foi o que mostrou os melhores resultados das colagens musicais que o grupo cultivava antes de descambar para a megalomania.

Can
•***Tago Mago*** (71)
O grupo alemão foi buscar inspiração na música erudita contemporânea, como a obra de Karlheinz Stockhausen, mas adicionou doses de anarquia e psicodelismo sobre seu ritmo minimal.

Van Der Graaf Generator
• ***Pawn Hearts*** (71)
Peter Hammill pôs em música aquela típica confusão de misticismo e ciência que a revista francesa *Planète* cultivava na época. Aqui, suas melhores letras encontraram a trilha apropriada.

King Crimson
• ***Larks Tongues In Aspic*** (72)
O guitarrista Robert Fripp remontou sua banda (surgida em 69) e revisou sua música puxando para o free-jazz, explorando a percussão e contrastes violentos, do quase-silêncio ao heavy metal.

Emerson Lake And Palmer
• ***Brain Salad Surgery*** (73)
O dino-trio na melhor forma, antes do ego inflar às dimensões incontroláveis dos álbuns seguintes. Atrás de muita pompa e circunstância, a faixa do balaco era a "segunda impressão" de "Karn Evil 9".

Brian Eno
• ***Before And After Science*** (77)
Eno e convidados como Robert Fripp, Fred Frith e Phil Collins em sua última coleção de canções até *Wrong Way Up*, de 90. A música apontava para os caminhos do trabalho delineado por Eno como produtor ao longo dos anos seguintes.

Frank Zappa
• ***Zappa In New York*** (78)
Se o estilo único de Frank Zappa coube de alguma forma no rótulo progressivo, este álbum duplo ao vivo trouxe suas melhores incursões no gênero, como "Black Lagoon" e a valsa-country "Sofa".

Henry Cow
• ***Western Culture*** (79)
O "rock de esquerda" do HC em sua versão mais rigorosa, instrumental, sem improvisos. Música complicada, clima pesado, destacando a bateria "invertebrada" do americano Chris Cutler.

O Monstro Renasce

VIAGEM FANTÁSTICA

Ficção científica, misticismo, fantasias medievais, surrealismo: o universo progressivo e de onde ele saiu

A mística cultivada por boa parte das bandas progressivas tem tudo a ver com uma época que tornou *best sellers* livros como *Eram Os Deuses Astronautas?*. VaJon Anderson e Chris Squire, do Yes, por exemplo, tinham como regra ser vegetarianos e ligados em algum tipo de meditação transcendental. Foram alguns dos que tentaram levar um "modo de vida progressivo". Peter Hammill, do Van Der Graaf Generator, era obcecado por reencarnação.

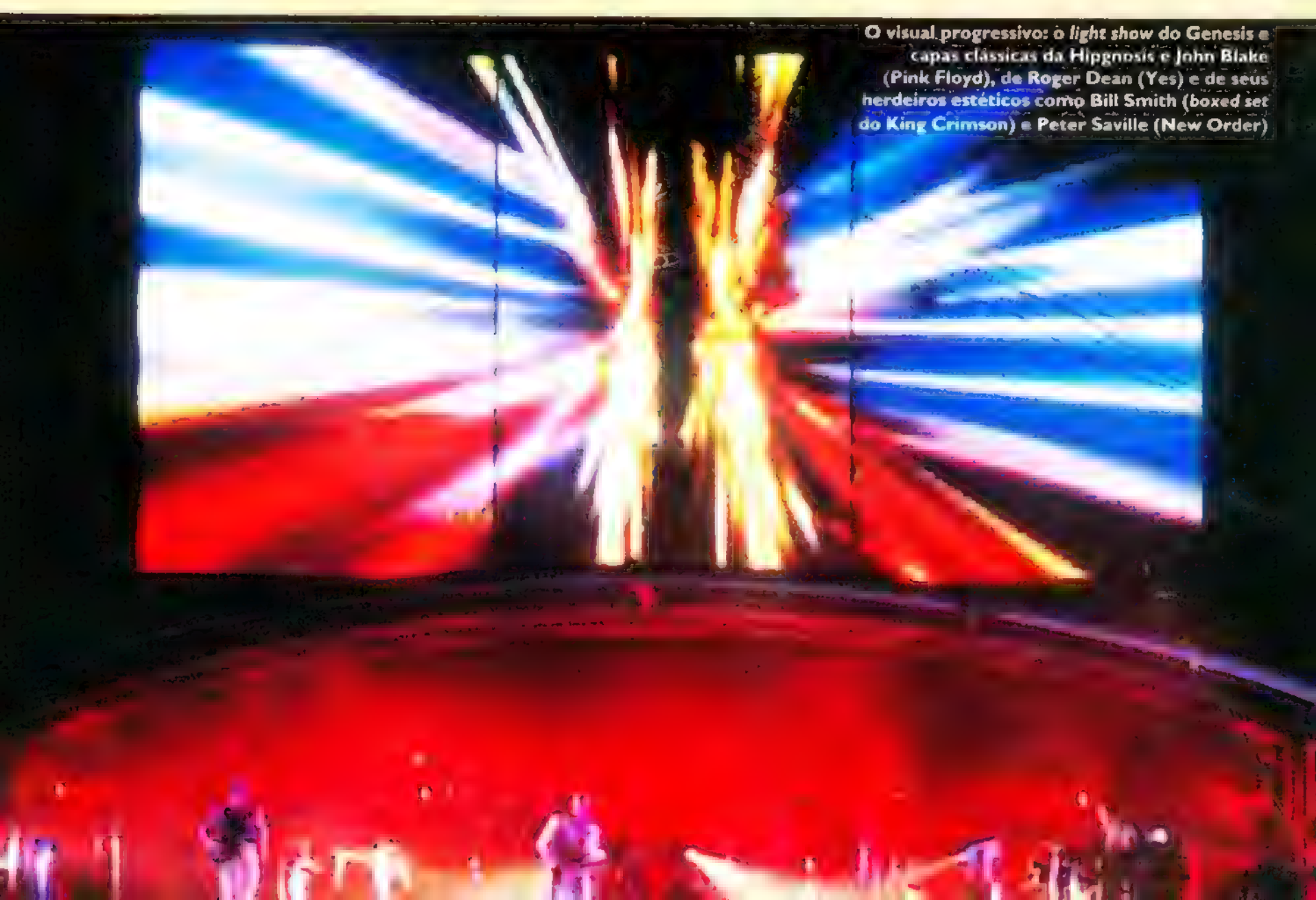
As origens britânicas do progressivo ainda forneciam um material de imagens e histórias inspiradas na obra de autores como J.R.R. Tolkien (*O Senhor Dos Anéis*) e Lewis Carroll (*Alice No País Das Maravilhas*). A queda por temas medievais lembrava a arte "pré-rafaelita", que surgiu na Inglaterra no final do século 19.

O surrealismo, outra fonte de letras e capas de discos, já aparecia no hit do Procol Harum, "A Whiter Shade Of Pale", em 67, só que num clima depressivo, diferente do *nonsense* alegre dos Beatles e dos grupos psicodélicos. Sem falar nos dinossauros e nas imagens épicas que pareciam tiradas de um gibi do Conan.

Se as músicas passavam a envolver temas complexos, ficando longas ao ponto de ocupar álbuns inteiros, as capas também teriam de fazer parte da concepção geral. A partir de 71, o Yes passaria a ter um *designer* de capas e shows: Roger Dean, que deu a cara definitiva para a banda com seus desenhos misturando surreal e *art déco*. Também faria capas de "filhos" do Yes, como o Asia e outros progressivos, como o Greenslade. Hoje projeta casas "new age" na Califórnia.

Assim como Dean, o estúdio Hipgnosis faria escola nos anos 70. Um de seus fundadores, Storm Thorgerson, foi (como Dean para o Yes) responsável pelo visual do Pink Floyd, com capas que incluíam porcos infláveis voando sobre Londres. Com uma queda pelo surreal *à la* René Magritte, a Hipgnosis trabalhou para muita gente fora do progressivo, como o Led Zeppelin. O Genesis também teve seu capista por algum tempo, Paul Whitehead. Nos anos 80, esse trabalho conceitual continuaria com Peter Saville, para o selo Factory, Nigel Grierson, para o 4AD, ou Russell Mills, para o Opal.

O progressivo também teve seu lado engajado, expresso no movimento Rock In Opposition. Eram bandas que divulgavam idéias de esquerda por um veículo "popular" como o rock, mas buscando referências no atonalismo e outras correntes de vanguarda da música erudita. Seus formadores: o Henry Cow e bandas da Europa continental como Etron Fou Leloublan, Stormy Six, Samla Mammas Manna e Univers Zero. Com eles, não tinha florzinha ou duendinho: o exemplo é a capa do último disco do Henry Cow, com uma foice e um martelo explícitos.



O visual progressivo: o *light show* do Genesis e capas clássicas da Hipgnosis e John Blake (Pink Floyd), de Roger Dean (Yes) e de seus herdeiros estéticos como Bill Smith (*boxed set* do King Crimson) e Peter Saville (New Order)

CULTURA CABEÇA

Quem usou mais teclados? E os piores nomes? Hendrix no ELP? E você achava que manjava de progressivo...

• Grupos de nomes esquisitos sempre foram regra no rock, mas o progressivo criou casos à parte, como o Samla Mammas Manna, da Suécia. O guitarrista Glenn Branca, antes de sua carreira solo, tocou em um *art group* chamado Theoretical Girls. Mas nesse departamento de títulos é difícil bater o brasileiro Recordando O Vale Das Maçãs.

• Nem Keith Emerson, nem Rick Wakeman: o recordista de teclados ao vivo é Geoff Downes, ex-The Buggles, ex-Yes, com 21 entortando o palco na turnê de 83 do Asia. Os teclados evoluíram o bastante depois disso para ele não precisar esbanjar tanto.

• O ELP poderia ter sido FELP ou até HELP. Isso porque tanto Robert Fripp quanto Jimi Hendrix mostraram interesse em participar do grupo quando ele estava em fase de formação, em meados de 70. Mas Keith Emerson não queria concorrência. Fripp mandaria bala contra o trio em entrevistas, algum tempo depois.

• O mellotron, instrumento fundamental de bandas como o Moody Blues e o King Crimson, era na verdade uma versão não-licenciada de um outro instrumento, o Chamberlin, fabricado nos EUA. Ambos eram teclados que acionavam fitas gravadas com sons de instrumentos de orquestra. Davam muitos problemas de manutenção, mas seu som era tão particular que hoje muitos tecladistas têm mellotrons sampleados.

• Ainda no capítulo dos instrumentos: o solo de Keith Emerson em "Lucky Man" (70) foi o primeiro realizado com um sintetizador. No caso, era um Moog 3, um monstrinho que lembrava mais um fliperama, conhecido anteriormente pelas gravações de Bach feitas por Mr. Walter (hoje Mrs. Wendy) Carlos.

• De todas aquelas "obras conceituais" do rock progressivo, a mais curiosa e engraçada é a trilogia amalucada que conta a história do planeta Gong e cujo personagem principal chama-se Zero (The Hero). Os discos são *Flying Teapot* (73), *Angel's Egg* (73) e *You* (74). David Allen, líder do Gong e autor da história, tem um currículo raro. Entre outras aventuras, ele musicou uma obra do poeta *beat* William Burroughs em 62, a pedido do autor. Além disso, em 79, montou em Nova York a base do que seria o grupo Material, com o baixista Bill Laswell.

• Nos anos 70 a música progressiva foi usada e abusada na TV, como trilha predileta para telejornais. Dois exemplos no Brasil: "Karn Evil 9", do ELP, no antigo *Jornal Da Globo*, e "Summer '68", do Pink Floyd, no *Jornal Nacional*.

• O Pink Floyd teve intenções de realizar a trilha sonora para *2001 – Uma Odisséia No Espaço*, de Stanley Kubrick. Não conseguiram. Em compensação, o grupo alemão Popol Vuh colaborou bastante com o diretor Werner Herzog, em filmes como *Aguirre, A Cólera Dos Deuses*.

PINK FLOYD & THE ORB: ODISSÉIA ESPACIAL

Este é o encontro que sela definitivamente a conexão entre os anos 70 e 90, que está permitindo a aterrissagem do progressivo novamente em setores insuspeitos. O Pink Floyd todo mundo sabe quem é. The Orb, talvez não.

Os ingleses Alex Patterson e Thrash são reis na nave-mãe da *ambient dance*, cujas referências e influências incluem tecno e progressivo. The Orb sugere Tangerine Dream, só que dançável.

A dupla já teve um disco em primeiro lugar na Inglaterra (*U.F.Orb*) e, quando foram apresentar seu single "Blue Room" na TV britânica, ficaram sentados o tempo inteiro jogando xadrez holográfico. Claro, a música é instrumental. É também o single mais longo de que se tem notícia, com uma das versões durando 37 minutos.

O semanário londrino *Melody Maker* reuniu para uma conferência o discípulo, **Alex Patterson** e o professor, **David Gilmour**. Resultado? Alguém finalmente perguntou o que Gilmour acha do seu status de popstar "jurássico". Que deve ser reforçado em breve: o Pink Floyd promete um novo – e por enquanto secretíssimo – álbum no final do ano.

Tom Sheehan

"Quando Johnny Rotten usou sua charmosa camiseta estampada com 'Eu odeio Pink Floyd' tinha a ver com a imagem dele, e não com nossa música. Até ele me falou que era fã."

(David Gilmour)

"*Meddle* foi minha maior influência, quando tinha entre doze e catorze anos", admite o líder do duo The Orb. "Mas a primeira vez que ouvi Pink Floyd foi em 69. Meu irmão, dez anos mais velho que eu, sempre me pôs para ouvir músicas de quem eu nunca tinha ouvido falar."

Que efeito essa introdução a Pink Floyd teve em você?

"Eu nunca consegui parar em emprego nenhum. E a culpa foi do Pink Floyd."

David Gilmour, sentado na direção oposta a ele, sorri com satisfação.

"Muito bom," diz.

Várias pistas pouco sutis quanto à relevância do Pink Floyd para The Orb: a capa do primeiro álbum deles – uma ilustração barroca da estação de força de Battersea – foi chupada direta de *Animals*, do Pink Floyd. E o álbum tinha uma faixa chamada "Back Side Of The Moon"! David dá uma gargalhada.

"Desculpe por isso", murmura Patterson sem jeito.

Vocês são fãs um do outro?

"Tenho alguns discos deles", diz David. "Eu os escuto em casa, para relaxar. Fui vê-los em Brixton. Tinha um certo preconceito, pois queria ver mais músicos e variações técnicas, mas me diverti."

E quanto ao Alex?

"Ele nos odeia e a tudo o mais que representamos."

"Só!" Alex concorda alegre. "Não, nada disso. A capa do nosso disco diz tudo."

Depois de anos na geladeira, o Pink Floyd é "in" de novo. David, como você se sente tendo sua moral de volta?

"Para mim", continua David, "sempre tivemos um apelo *underground*. Menos, suponho, na mídia. Quando Johnny Rotten usou sua charmosa camiseta estampada com 'Eu odeio Pink Floyd' – e ele até me falou que era fã – , tinha a ver com imagem dele e nada a ver com nossa música. Fizemos algumas coisas boas e outras ruins e as boas continuam populares entre todo tipo de pessoas."

O Pink Floyd na época era o alvo principal dos punks , talvez porque fosse o mais bem-sucedido. Foi o único grupo com que valia a pena se importar.

Alex conta uma história para ilustrar:

"Um dos meus maiores choques foi quando fui a Chicago, em 88. Para presenciar a revolução da dance music. Chegando, a primeira coisa que eu ouvi no carro foi 'Time', do Pink Floyd."

Depois de todo esse tempo, você se sente injustiçado, David?

"Injustiçado do que?"

De ser chamado, com uma freqüência tediosa, de dinossauro, por exemplo?

"Isso nunca me incomodou. Já chamei o grupo de uma besta velha, grande e desajeitada; mas é a *minha* besta velha, grande e desajeitada. Eu gosto dela."

Todo esse tempo, todos aqueles insultos e ele nunca deu a mínima.

Dá muito mais satisfação pentelhar o Phil Collins, que guarda obsessivamente tudo que foi escrito sobre ele e fica muito magoado. É quase o suficiente para fazer você perder a fé no poder da imprensa.

Alex acabou de ficar por três dias num estúdio, produzindo 63 minutos de música – ou seja, um disco. Só que esse tempo é o da única faixa do disco. Não há dúvida que o advento do CD mudou os limites dos músicos. The Orb é uma típica banda deste formato, é claro.

Já foi dito que o Pink Floyd era uma típica banda de CD, antes mesmo deles existirem. David acha isso justo?

"Não sei do que você está falando", retruca. "O que é uma banda de CD? Essa é uma pergunta típica de mídia."

Obviamente a mídia conseguiu irritar Gilmour um pouquinho.

Quero dizer que, ouvindo o antigo Pink Floyd, tenho a impressão que vocês só pararam de tocar quando o técnico entrou no estúdio e disse, "Chega! Não dá para botar mais nada nesse lado."

"Isso mesmo. O que provavelmente foi uma coisa muito boa", ele reflete.

Vocês teriam continuado tocando?

"Não sei. Fizemos faixas longas como "Echoes" e "Atom Heart Mother", que tomavam um lado inteiro cada. No álbum que fizemos em 87 (*A Momentary Lapse Of Reason*), ainda pensávamos em termos de vinil. Mas é provável que o próximo disco não caiba no formato."

"Em *The Wall*", lamenta perturbado, "cortamos enormes partes, senão não ia caber tudo em um álbum duplo."

Já que este disco de 79 representa o fundo do poço do Pink Floyd, tenho que me sentir agradecido pela ausência de tecnologia digital naquele tempo.

Alex Patterson: "Tivemos o mesmo problema nos EUA, com *Ultraworld*". Eles decidiram fazer um álbum simples extraído do duplo. Queriam que eu cortasse as músicas para no máximo cinco minutos cada. Claro que não topei."

"É assassinato, não é mesmo?", simpatiza David. "Você planeja uma coisa e não pode... Algumas pessoas sempre vão achar as músicas muito compridas."

Luto para reprimir uma momentânea – mas irresistível – visão de duas velhinhas fofoqueiras no ônibus.

"Bom", diz Alex, "você sempre vai ser criticado, não importa o que faça."

Ambos se viram para olhar para mim. Decido mudar de assunto.

Bem antes dos cientistas sem rosto do tecno adotarem o anti-estrelato, o Pink Floyd já era assim. No início dos anos 70, só fãs mais perseverantes iam reconhecer Gilmour, Waters & Cia.: eram

"Nos últimos dois anos eu não tenho conseguido nem ir ao supermercado sem pentelhação – 'me arruma um disco seu!', 'dá para você produzir minha banda?' No mercado me dão fitas. Até o carteiro tem me dado demos." (Alex Patterson)

apenas cabeludos usando camisetas.

"Fomos os primeiros a ter esse tipo de atitude", admite David, "mas foi meio acidental."

Gilmour continua: "É agradável não ser incomodado por pessoas desconhecidas na rua. Alguns artistas adoram essa bajulação, outros acham que sua carreira não sobreviveria sem isso. Quando descobrimos que podíamos continuar sem todas essas coisas, ficou claro que esse era o caminho a ser seguido."

"Um caminho *são*", se arrepia Alex. "Nos últimos dois anos eu não tenho conseguido ir ao supermercado sem pentelhação – 'me arruma um disco seu!', 'dá para você produzir minha banda?' Me dão fitas no mercado. Até o carteiro tem me dado demos."

The Orb provou também que a falta de rosto não precisa ser combinada com a falta de humor.

Seus discos são cheios de associações inteligentes, paródias e todo tipo de piadinhas internas.

"Numa resenha", Alex relembra, "alguém (foi Simon Reynolds, da própria *Melody Maker*) escreveu, 'Você não pode beijar o céu e ser irônico ao mesmo tempo'. Eu pensei: 'É isso que continuarei fazendo. Se chamou a atenção dele, vai atrair outras pessoas também.' "

Parece que funcionou. The Orb trouxe para a exploração do espaço musical uma desencanação alegre que parecia não existir no Pink Floyd antigo.

E o Pink Floyd, já fez alguma ironia?

"Claro!" exclama David. "Houve vezes em que tentamos deixar as coisas mais leves, como piadas. Pusemos mensagens gravadas de trás para frente etc. Muita gente me escreveu para dizer que tinha encontrado uma mensagem secreta e perguntar o que ela significava."

E o que significava?

"Bom, no caso de *The Wall*, gravamos uma que dizia 'Parabéns! Você descobriu a mensagem escondida...' "

Com exceção de uma fascinação mútua pelo espaço e uma queda por músicas muitas longas, o que The Orb e o Pink Floyd têm em comum?

Não são os métodos de trabalho: seis anos se passaram desde o último álbum de estúdio do Pink Floyd. Atualmente eles desfrutam do sucesso de um disco de vinte anos atrás (*The Dark Side Of The Moon* está em quarto lugar na parada inglesa enquanto escrevo).

Do outro lado, The Orb lançou três álbuns em 91 e outro em 92, mais dois singles imensamente longos.

"É quase como um tipo de mentalidade punk", explica Alex, "só que fazendo faixas de vinte minutos em vez de três. Você tem idéias e se não funcionarem, jogue-as fora e parta para a próxima. Senão as coisas não fluem. Ainda mais que eu trabalho com um moleque de 21 anos, meu parceiro Thrash."

"Talvez o Pink Floyd deva tentar isso", David divaga. "Chamar alguns garotos de 21 anos."

Pensamento interessante.

O que Pink Floyd e The Orb compartilham é a abordagem em relação à música. São um raro triunfo da estética sobre a ideologia.

Quem imaginaria, alguns anos atrás, que um ex-punk estaria ouvindo os dinossauros progressivos para criar a música que gosta.

"Eu sempre mencionei Brian Eno como sendo uma grande influência, trabalhando em uma única nota", diz Alex. "The Orb pegou esta única nota e adicionou a esquisitice do Pink Floyd. A diferença entre nós e o Pink Floyd é que nós surgimos na era do sampler."

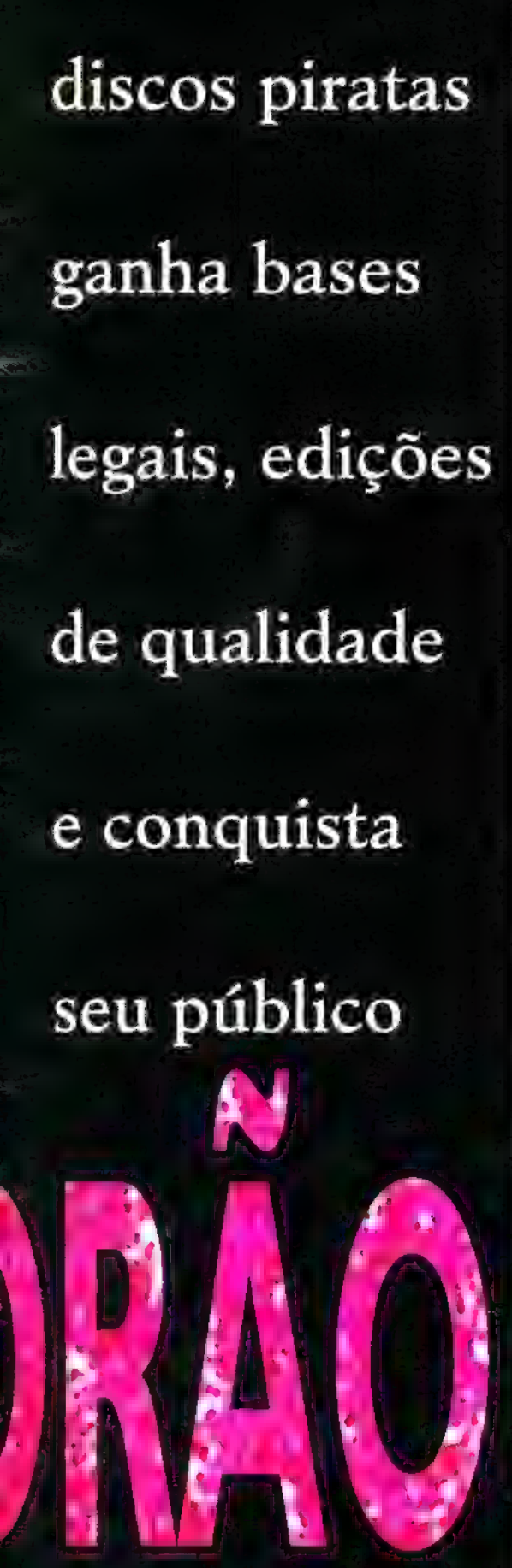
DAVID BENNUN, da Melody Maker

ZERO

SAINDO DO P

por
Robert Halfoun
ilustração Macarrão/
Estação Manda

Antes "coisa de marginal", o mercado de discos piratas ganha bases legais, edições de qualidade e conquista seu público



NOVA PIRATARIA

Já foi o tempo que um álbum pirata significava disco mal gravado, produção ruim etc. Hoje, com o desenvolvimento tecnológico, é possível obter ótimos resultados, até melhores do que as versões "ao vivo" oficiais, por exemplo. A parte gráfica ganhou requintes de luxo e na maioria das vezes, a pirataria só é fabricada em CD. Por essas e outras que o mercado pirata vem crescendo a cada dia e deixando de ser artigo procurado apenas por colecionadores.

O *bootleg* – como é conhecido internacionalmente – ganhou destaque, com uma quantidade imensa de títulos. Adeptos que, a princípio, não admitiam ouvir suas músicas preferidas com chiados, interrupções ou falhas técnicas, hoje são consumidores fiéis do produto. "Sem dúvida aconteceu uma revolução no mercado. Nunca se vendeu tanto disco pirata", conta Alexandre Vilela, um dos sócios da loja Hard N'Heavy, no Rio.

Os mais fáceis de achar são os álbuns de heavy metal e de rock em geral. Os campeões atuais em matéria de títulos produzidos são o U2, o Iron Maiden, o Metallica e os Guns N'Roses. O universo é vastíssimo: há desde medalhões como Rolling Stones, Led Zeppelin e Aerosmith até Sepultura. Os preços ficam em torno dos 35 dólares para o CD simples e 18 para o vinil. Em alguns casos, raridades na velha bolacha preta superam este valor. "Hoje o vinil é artigo raro lá fora. E quando se encontra algo, o preço é muito elevado", diz Luiz Galvão, da loja carioca Fromade, justificando os preços altos.

ILEGAL VIRA LEGAL

Os "pirateiros" da Itália – país entre os maiores produtores de *bootlegs* do planeta – ao contrário do resto do mundo (incluindo EUA, Alemanha e Holanda) arranjaram uma maneira de sair da ilegalidade. Desde 92, eles passaram a fazer parte da SIAE – Sociètà Italiana Autori en Editori, uma espécie de ECAD de lá – que fiscaliza, regulamenta, cobra e paga os devidos direitos autorais. O esquema é simples: para cada disco que leva o selo da associação, é aberta uma conta bancária em nome da banda e parte do valor das unidades vendidas é depositado nela. O grupo ou seu representante legal (as gravadoras), podem retirar o dinheiro quando quiserem. Segundo o advogado Giacomo Guarnera, consultor de direito italiano no Brasil, os "pirateiros" encontraram uma brecha na lei e se utilizaram dela. "Os selos piratas funcionam como as rádios. Eles pagam pelos direitos da venda, assim como as emissoras pagam pela execução". "O negócio é lucrativo para todos", diz Lucianno Galducci, responsável pelo departamento de exportação do selo pirata Red Line. "Nós não estamos prejudicando ninguém. Pagamos tudo que as bandas e gravadoras têm direito. Hoje, já recebemos matrizes do mundo todo."

No Brasil, Paulo Sondermano, da Hard N'Heavy, garante: "Acabou aquela história que disco pirata tinha que ficar escondido atrás do balcão. Agora a compra é feita através de nota fiscal e a transação é absolutamente legal. Inclusive a importação. Em Milão, se acha *bootlegs* até em lojas de doces". Mas em compensação, a lei por aqui é dura para quem produzir discos piratas. Segundo a juíza Maria Lúcia Pizzotti, da 25ª Vara Criminal do Estado de São Paulo, pirataria é ilegal e a Justiça está atenta. O artigo 184 do Código Penal Brasileiro garante para quem infrigir a lei qu trata da violação de direito autoral uma pena de multa ou detenção – em regime semi-aberto – de três meses a um ano.

FAÇA VOCÊ MESMO

Se você quiser produzir uma gravação pirata simples é fácil. Vá ao show, passe pelos seguranças escondendo seu gravador, escolha um lugar que favoreça a captação e aguarde: quando começar o espetáculo, aperte o *play/rec*. Desse modo você será mais um a ter um *bootleg* de nível abaixo do considerado "bom" encontráveis aos montes em forma de cassete na Europa. Para uma gravação com qualidade, o processo é mais complicado. Até pode se gravar com um *tape recorder* normal, captando o som geral do ambiente. Se o nível estiver bom, mesmo com chiados e aqueles gritinhos do bichinha a seu lado, nem tudo está perdido. Esses ruídos indesejáveis podem ser eliminados, segundo Marcelo Reis e Daniel Marques, técnicos da Mix Professional Recording – uma associação internacional de profissionais do ramo. Da fita matriz, o som é "jogado" no computador e digitalizado. Aí incorporado a um DAT (Digital Audio Tape), equalizado numa mesa de até 64 canais virtuais, masterizado, remasterizado e finalmente transformado em CD. Mas o ideal é o processo dos "pirateiros profissionais". A gravação é feita direto da mesa em DAT. Para tal, é preciso conhecer ou dar uma grana para o técnico de som do show. Depois basta seguir as etapas citadas acima.

Com o desenvolvimento tecnológico, em breve estarão disponíveis no mercado o DCC (Digital Compact Cassete) e o Mini Disc. Os sistemas têm aparelhos superportáteis – o *player* do Mini Disc pode ser colocado dentro do tênis –, capazes de gravar a captação geral de forma digitalizada e chegar a um ótimo resultado. Os preços desses novos equipamentos ainda não estão à disposição, mas caso você queira entrar fundo no mundo da pirataria, um aparelho de DAT pode ser encontrado nos EUA a partir de seiscentos dólares, chegando até a dez mil (equipamento para cinema). Um CD *recorder* – um aparelho que grava *laser discs* virgens – da Marantz fica em torno dos sete mil dólares, fora o microcomputador e a placa digitalizadora necessária no processo, se a matriz for um cassete.

TV PIRATA

Ao contrário da pirataria em disco, os *bootlegs* em vídeo ainda não chegaram ao requinte do "irmão" em áudio, além de serem menos lucrativos. Geralmente gravados com uma câmera só e sem edição final, acabam valendo mais como registro histórico. Cenas como a de Sebastian Bach (Skid Row) no vídeo *St. Louis '89*, comendo um cara de porradas depois de vê-lo preparando-se para lhe atirar uma garrafa, foram usadas num processo movido contra o cantor por agressão. Bandas como o Metallica e o Kiss usam imagens piratas para registrar suas antigas fases em vídeos oficiais.

No Brasil, confundido com a pirataria profissional – que faz cópias de filmes e as distribuem nas videolocadoras –, o pirata amador é ainda mais perseguido que o similar em áudio pelos agentes federais. Por isso, os detentores da maioria dos títulos se recusam a aparecer. R.T., dono de um arquivo que passa de três mil shows e sócio de uma produtora, deixa claro que o negócio dele nada tem a ver com cópia de gravações originais. "Essas fitas, que vêm do mundo todo, são material de fã para fã", diz. Na maioria das vezes, como é uma imagem fixa – feita apenas com uma câmera –, o resultado é monótono. "Somos totalmente inofensivos para a lei de proteção ao direito autoral", reforça o *videomaker*.

Para gravar um show, depois de passar com a câmera pelos seguranças, o processo é muito fácil. Mas aí vale um lembrete: não se esqueça de esconder com fita crepe o *led* ativo – aquela luz vermelha que fica piscando quando a máquina está em uso. Caso contrário, você será alvo fácil dos organizadores do evento.

Os discos mais bacanas, os endereços especializados e outras coisas que você precisa saber para entrar no covil da pirataria

RANKING DOS MAIS PROCURADOS

Aqui, uma seleção de alguns dos títulos mais queridos pelos compradores de discos piratas. O símbolo) indica a quantidade de CDs.

)) **AEROSMITH • Boston Stranglers** Um CD traz o grupo ao vivo no Central Park em 75 e o outro registra [illegible] canções de *Permanent Vacation* e *Pump*.) **DEEP PURPLE • Skandinavian Nights '70** Apesar da idade da gravação a qualidade de [illegible] Ritchie Blackmore [illegible]))) **GUNS N' ROSES • Three Nights In Tokio '92** Com aquela característica perfeccionista dos japoneses a caixa traz um livro com fotos [illegible])) **IRON MAIDEN • Back To The Village '84** CD duplo com um show completo em que foram retiradas as músicas que fazem o quarto lado do oficial *Live After Death*.) **KISS • Wickedlester '73** Única oportunidade que o fã tem de ouvir Paul Stanley e Gene Simmons cocando juntos antes de formarem o Kiss. A gravação e as músicas são boas.) **LED ZEPPELIN • Knebworth '79** Um dos últimos shows com o [illegible] John Bonham em uma das melhores gravações ao vivo do grupo.))) **METALLICA • The Four Horseman '92** Show completo da última turnê mundial da banda em [illegible] livreto com fotos. CDs disponíveis em vários formatos! **MINISTRY, NINE INCH NAILS, NIRVANA, RED HOT CHILI PEPPERS E OUTROS • Loolapalooza '92** Uma das coleções [illegible] CDs que trazem os shows das bandas que participaram do festival.) **SEPULTURA • Live From The Jungle '91** Para os [illegible] Camden Town, Londres, os ingressos eram a capital da Inglaterra à loucura. A qualidade de som e imagens [illegible]

ONDE ACHAR OS LANÇAMENTOS

Já que agora as lojas importam legalmente os CDs, aí vão os melhores endereços e entre parênteses a especialização de cada um deles.

■ **BELO HORIZONTE • Santos & Marques (diversos estilos)** Av. Cristovão Colombo, 6 [illegible] Tel.: (031) 227-1066 ■ **BRASILIA • Berlim (diversos estilos)** SQS Bloco L, loja 63 ■ **CURITIBA • [illegible] (diversos estilos)** Av. Duque de Caxias, 75/Tel.: (04 225-6076 ■ **RIO DE JANEIRO • Downtown Beat (hard rock/blues)** R. da Assembleia, 10, lj. 114, Centro Tel.: (021) 252-8874 • **Fromade (raridades em vinil)** R. [illegible] 717-3880 • **Halley Discos (progressivo/hard rock)** R. Senador Vergueiro, 218, lj. 15, Flamengo Tel.: (021) 551 1697 • **Hard N'Heavy (hard rock/metal)** R. Marquês de Abrantes, 177, lj. 107, Flamengo/Tel.: (021) 552-2449 • **Rock It (rock alternativo)** Av. Bartolomeu Mitre 325, lj. 116 Leblon/Tel.: (021) 529-3116 ■ **SÃO PAULO • Grandes Galerias** R. 24 de Maio, 62 Centro [illegible] em metal • **Laser Disc Express (diversos estilos)** R. [illegible] Campo Belo Tel.: (0 543-4938 • **L & C (rock inglês)** Av. Paulista, 726, [illegible] 10/Tel.: (011) 288-4847 • **Roxy (diversos estilos)** Av. Aclimação, 871, Aclimação/Tel.: (011) 277-0909

NO EXTERIOR ■ BUENOS AIRES • [illegible] Soulders, 71, Recoleta, [illegible] 9409 ■ **LONDRES** • Além de lojas especializadas [illegible] sábados na Londres Portobello Road [illegible] acha de tudo em matéria de CD pirata. ■ **LOS ANGELES** • [illegible] Hollywood Boulevard estão as melhores [illegible] especializadas ■ **NOVA YORK** • As lojas do bairro de Greenwich Village [illegible]

24 ANOS DE CLANDESTINIDADE

O primeiro disco pirata que se sabe ter surgido no mercado foi *The Great White Wonder*, um album duplo com musicas ineditas de Bob Dylan, em 69. Seis anos depois, o mesmo Dylan lançaria *The Basement Tapes*, com sessoes que ele fez com o quinteto The Band em 66, para fazer frente às copias piratas do disco que então se reproduziam. Até hoje, ele e o artista que tem o maior numero de piratas gravados, com mais de mil titulos catalogados.

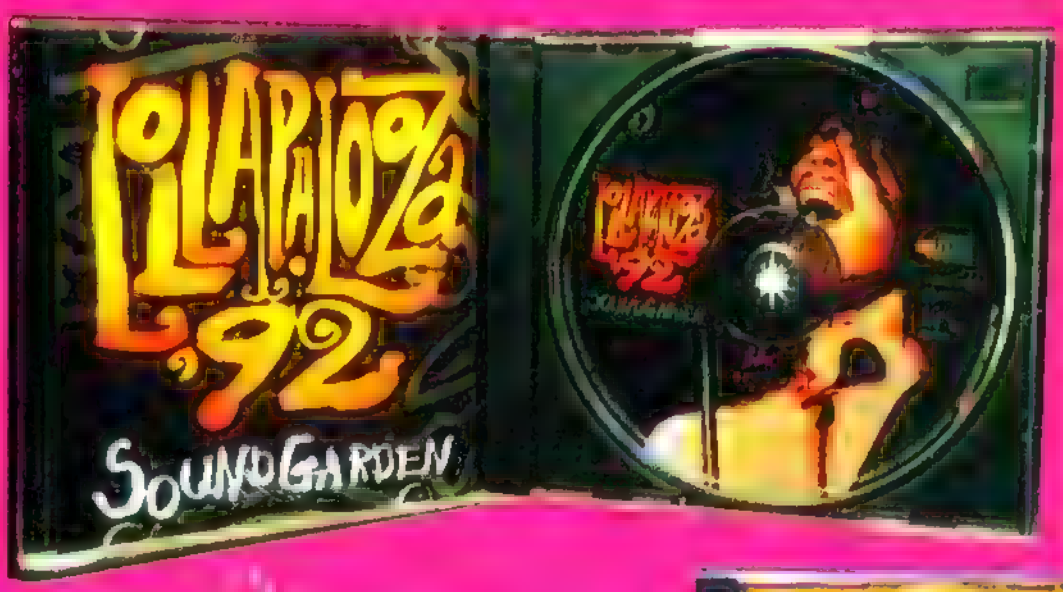
Frank Zappa vem na cola. Depois de ter mais de quatrocentos titulos na praça, resolveu investir em seu proprio selo "pirata". No ano passado, o velho Zappa lançou a serie *Beat The Boots*, que "oficializou" quinze discos seus que so existam em edições clandestinas. A seguir, Beatles, Rolling Stones, Who e outros medalhões amontoam-se em quantidade de lançamentos.

No Brasil, a historia e outra: discos que são oficiais la fora ja tiveram edições piratas por aqui (ver ao lado). O caso mais recente foi o album *Gabba, Gabba Hey: A Tribute To The Ramones*, oficialmente lançado nos EUA pelo selo Triple X e editado clandestinamente aqui pelo selo independente Bullet. Mas este esquema de copiar ilegalmente discos lançados la fora ainda existe aos montes por aqui.

HISTORIA DE UM "EX-PIRATEIRO"

O caso mais polêmico de pirataria surgido no mercado nacional foi o disco *Two Sides Live* do U2, lançado ilegalmente pelo empresario Luiz Calanca, dono da loja e do selo Baratos Afins, em São Paulo.

"Essa historia e uma novela", diz Calanca. "Se soubesse que ia me dar tanto problema, eu nao tinha lançado. Confesso que tive um bom lucro com o disco, mas a ideia inicial nao era essa. Lancei mais para sacanear um lojista. Na epoca, só havia aquele exemplar importado em São Paulo e eu o emprestei para um amigo que foi roubado. Quando cheguei nessa loja que comprava discos usados para dar um toque, caso aquele exemplar pintasse por ai, ele ja estava na vitrine. Quis compra-lo, mas o cara pediu um preço absurdo. Apesar disso, eu paguei o que ele pedia, mas resolvi chutar o pau da barraca. Lancei o disco e quando os importados chegaram na loja dele, eu ja estava com o nacional pela metade do preço. So que deu azar, pois um policial comprou o disco e quis me foder. Um promotor abriu inquerito contra mim e fui parar no DEIC. No fim, a gravadora (*Warner, na epoca WEA*) fez uma carta limpando a minha barra e acabou tudo bem. Mas hoje, não trabalho com pirataria de nenhuma especie", conclui.



LANÇAMENTOS

PORNO FOR PYROS

Warner

O PFP não é o Jane's Addiction. A boa mostra de que as coisas aqui são mais em cima já vem na capa: o ônibus espacial da geração pós-Ken Kesey deixando Venice Beach e mergulhando no espaço. É outro tipo de viagem.

O grupo anterior de Perry Farrell deixou uma gigantesca família de órfãos que ainda tentam emular seu recado sonoro psico-messiânico que mesclava feitiçaria e funk, drogas e hardcore, conscientização social pró-minorias e hard rock, o sol californiano e o purgatório de se tornar um mito em vida.

O público então só fica olhando o estrago feito pela banda no cada vez mais confuso cenário alternativo. Quando o grupo terminou, um certo ceticismo invadiu até alguns dos mais fiéis fãs da banda: como substituir o guitarrista Navarro (com seus problemas junto a Perry Farrell sendo um dos motivos para o final prematuro)?

Farrell conseguiria se superar depois de clássicos como *Nothing's Shocking* e *Ritual De Lo Habitual*? Não faltaram perguntas...

Porno For Pyros, disco de estréia da banda, é a única resposta capaz de calar até quem nunca tinha ouvido falar em Jane's Addiction (tem até quem não goste, mas...).

A metade do Jane's Addiction – ou seja, Perry Farrell e o baterista monstro Stephen Perkins – mais duas figuras saídas do manicômio pan-cultural de Venice – o ex-Thelonious Monster Martyn Le Noble no baixo e o guitarrista Peter Di Stefano – fizeram, em apenas três semanas de estúdio, uma deliciosa cirurgia na sonoridade da antiga banda de Farrell. O resultado foi dos melhores.

Em onze faixas (39 minutos) o ideário da "salvação farrelliana" ganha mais lugares na posteridade: "Eu tenho o demônio em mim", "Daremos bons animais de estimação", "Desde os *riots* tudo que eu quis foi uma namorada negra", "Conheci uma garota que nunca tinha tido um orgasmo", "Amaldiçoada para nascer", "Bela, pobre e fêmea", "Não há quem sofra mais". Os lamentos de Farrell coroados por guitarras de *grooves* rasgados, ácido corroendo as estaladas do baixo, suor descendo pelo tambor *trashy afro* de Perkins.

"Bad Shit" é uma briga de ritmos na noite do calçadão californiano. "Cursed Female" e "Cursed Male" são a trilha-binômio da filosofia *live fast , die young* às avessas em tempos de Aids. "Pets" é um pop-elegia de espírito psicodélico em homenagem ao fim da raça humana.

Será que este disco é tudo isso acima, ou apenas um bom disco de hard rock moderno, com as doses certas de libido *indie* e boas referências contraculturais?

Se um bom crítico de música não tem que ser (ou tem que não ser) músico, não vem ao caso. Dane-se. *Porno For Pyros* não tem solução verbal fácil em meia dúzia de frases. E se eu só disser que é um puta disco? *FÁBIO MASSARI*

PORNOGRAFIA FAIXA A FAIXA

1. "Sadness": abre o álbum com guitarras bêbadas de *wah wah* e uma bateria em marcha de elefante africano para dizer que a felicidade é algo bom durante uma hora.
2. "Porno For Pyros": na faixa-título, Farrell goza quatro vezes vendo os distúrbios ocorridos em Los Angeles (*riots*) e a cidade em chamas. Enquanto isso, gaitas mal tocadas vão se apresentando como buzinas no final da música.
3. "Meija": as mesmas gaitinhas primárias iniciam esta faixa junto com uma batucada *jazzy*. Quando o vocal entra, é impossível não pensar em Jane's Addiction.
4. "Cursed Female": É o primeiro single tirado do álbum e a música de sucesso por aqui. Nela, Farrell canta os estupros não noticiados do dia-a-dia.
5. "Cursed Male": Um das melhores guitarras do álbum, com letra sobre o "macho amaldiçoado", cheio de grana e sem tempo ou energia para se divertir.
6. "Pets": Segundo single do álbum. Pop movido à bateria de lata, que sugere virarmos bichos de estimação de uma espécie superior.
7. "Bad Shit": Acompanhado de um *riff* de guitarra e de uma bateria *non stop*, Farrell imagina ser um chinês, que também é tocador de blues!
8. "Packin' .25": Mostrando onde esconde sua arma, o vocalista canta um sonho em que aponta o cano para a fuça de um sujeito. Clima de Duke Ellington descambando para o heavy metal.
9. "Black Girlfriend": Baladinha dedicada a uma transa interacial, na qual os versos se intercalam com um solo abestalhado de guitarra.
10. "Blood Rag": Jane's Addiction com percussão neurótica.
11. "Orgasm": Jazzística, *cool* como Farrell tenta ser. Para as garotas relaxarem e gozarem, principalmente as que nunca tiveram um orgasmo. Aliás, um ótimo som de fundo para a ocasião. *JOSÉ JÚLIO DO ESPÍRITO SANTO*

Ilustração: Speto / Foto: Geovanne Rizzo

DISCOS

NEW ORDER

PolyGram

Republic

Agora que o revivalismo dos anos 70 começa a chegar às "Mesblas da vida", que tal redescobrir os 80? Dá para começar bem pelo New Order. Esses caras (e a dama) são responsáveis por um dos mais brilhantes jogos de cena da década passada. Substituiram uma lenda roqueira trágica, visceral e "fundamental" como o Joy Division por um grupo pop pedestre, dançável, essencialmente descartável como o New Order – e sua música melhorou com isso.
Também notável foi como o NO transcendeu os rígidos limites britânicos de classe. Os quatro nasceram durangos em uma cidade proletária. Conseguiram se afirmar como "a" aristocracia do pop inglês, sem perder o pé na linha de produção, nem derrapar no novo-riquismo. Antes deles, só Bowie deu uma dessas – Bryan Ferry tenta até hoje.
Para matar o assunto, ninguém fazendo pop de base eletrônica

hoje escapa da influência do New Order. Isso vai dos grupos de tecno hardcore ao Jesus Jones, Janet Jackson e muito além.
É pouco ou quer mais?
Republic é um disco menos "modernex" que *Technique*, menos deprê que *Power, Corruption And Lies* – e mesmo assim igualzinho ao que eles sempre fizeram.
Portanto bem bonito, bem chique, bem vazio.
Cheio de melodias lindas e daquele romantismo cotidiano que o Barney sempre fez questão de cantar. "No fim do dia, não há comida no nosso prato/então esmolamos e roubamos, pois sabemos que nada é real... e quando beijamos, falamos como um só... e então sabemos que o amor, ele é real."
É careta? É, mas cinismo tem hora. E se hoje os ritmos e climas eletrônicos do New Order não parecem tão futuristas quanto em 85, melhor. *ANDRÉ FORASTIERI*

GUMBALL

Sony

Super Tasty

O Gumball é muito simples. Três caras, na linha guitarra, baixo e bateria. Músicas redondinhas, na cartilha "primeira estrofe, refrão, segunda estrofe, refrão, solo, refrão e fim". A única coisa que transforma esse rock feijão-com-arroz na próxima *big thing* do mercado é o guitarrista malucão

Don Fleming. Basta uma ouvida rápida nesse *Super Tasty* para sacar que o cara passou anos trancado no quarto escutando o que já se fez de melhor no rock.
Sua guitarra resgata The Trashmen, The Byrds, Black Sabbath e muito mais. Jay Spiegel (bateria) e Eric Vermillion (baixo) seguram a peteca. Para comparar, o Gumball soa como os bons momentos de seu conterrâneo de Nova York, o Sonic Youth, mas sem toda aquela distorção.
Super Tasty tem produção do canonizado Butch Vig, que fez *Nevermind*, do Nirvana. Mas ele não mudou o som do grupo. O novo álbum parece uma continuação do ótimo *Special Kiss* (91) e não destoa em nada das bandas paralelas de Fleming: Velvet Monkeys e Dim Stars. O Gumball é muito simples. E muito bom. *THALES DE MENEZES*

EMI-Odeon

janet.

Janet está assumindo controle do nome da família. Michael é mais lembrado por sua última plástica do que por seu último single e o resto dos Jacksons está dividido entre mini-séries marretas, fotos na *Playboy* e biografias de imundície.
Assim, o novo álbum de Janet prova que não tem para mais ninguém no clã. Vale também lembrar que o contrato dela com a Virgin, cujo primeiro fruto é esse disco, bate o de Michael. Dá para arriscar que este é o "*Thriller* de Janet", o trabalho que vai lançá-la ao mega-estrelato definitivo? Com certeza!
Não que ela já não esteja no time dos milionários do pop (os anteriores *Control* e *Rhythm Nation – 1814* foram mais do que bem), mas agora ela está habilitada a subir mais alguns degraus.
A produção ainda é de Jimmy Jam e Terry Lewis mas a música mudou muito. A fórmula de 60% de faixas dançáveis e 40% de baladas suavíssimas deu lugar a uma maior diversidade. Se nos discos anteriores havia uma sensação de linearidade musical, *janet.* não passa isso. "That's The Way Love Goes" todo mundo conhece, mas alguém já tinha visto Janet numa música assim? Guitarrinha típica dos O'Jays, batida de *jazz rap* e um clima totalmente largado. "Throb" é o primeiro house gravado por Janet (sem contar os remixes feitos para outros discos) e apesar de sua voz aqui lembrar demais Madonna, o resultado funciona.
Para reforçar o lado *street* do disco, Chuck D faz um rap em "New Agenda", a faixa "consciente", obrigatória nos dias de hoje. E há duas novidades em *janet.*: vasto uso de *samples* e vinhetas entre cada faixa. "This Time" é um funk rock com a participação de uma cantora de ópera. Afaste visões de Edson Cordeiro da cabeça: aqui não tem nada de virtuosístico. É tudo sutil e econômico, menos o final bombástico que estraga. Tudo bem, vá para a próxima, "What'll I Do", com Steve Cropper (lendário guitarrista da Stax) nos créditos (via *sample*, é claro), para agradar os saudosistas de soul clássico. Moral da história: um discão que vai demorar para sair do aparelho. *CAMILO ROCHA*

JANET JACKSON

PAULO RICARDO & RPM

PolyGram

Eis um disco revolucionário. Provoca revolta até nos estômagos menos sensíveis. A pretensão é enorme: ressuscitar o rock brasileiro dos anos 80, com um disco "franco, pesado, Rolling Stones..." e mostrar que a ausência do tecladista Luiz Schiavon preencheu uma lacuna na estética do grupo. Paulo Ricardo comporta-se como um zumbi insone do próprio sucesso findo. O rock "honesto" que pretende fazer cheira a cadáver exumado: riffs bobos de guitarra e letras de uma ingenuidade acachapante em se tratando de um trintão calejado. Vamos à vivissecção para entender o fiasco: o RPM surgiu sem ter amadurecido uma determinada fórmula. Agradou hordas de galinholas que hoje – crescidas – preferem o Sepultura ou mesmo um sambão.

O grupo retorna em busca de um rosto, mas o rosto é o de PR. Está na capa e em cada letra. Mais velho, ele tentou assimilar qualquer coisa de Seattle, mas não parece ter lido o suficiente. Segue com lições de Brasil e de revolução. Em "Hora Do Brasil" – que bonito – , ele diz: "Moeda pobre, pobreza, recessão/ Projetos faraônicos, inflação/ Decreto-lei, Ato Institucional/ Medidas provisórias, coisa tão normal".
A gente se sente no tempo de Geisel e Rita Lee!
O disco inteiro é o elogio do conformismo. A voz esganiçada de PR erra de uma faixa para outra, acompanhada de guitarrinhas brincando de fazer música para uma gravadora multinacional interessada na "transgressão" dessa banda subversiva como uma feijoada mal digerida. *LUÍS ANTÔNIO GIRON*

THE SUNDAYS

EMI-Odeon

Blind

O segundo álbum dos Sundays difere muito pouco do anterior, *Reading, Writing And Arithmetic*. O núcleo criativo do grupo – o casal Harriet Wheeler e David Gavurin – continua produzindo melodias e arranjos delicados, a voz de Harriet é ainda o sol ao redor do qual tudo gira. "Goodbye" é particularmente bonita, mas um pouco mais de variedade teria feito uma grande diferença ao disco em geral. Fora isso, é bom ver que apesar do som *indie* estar "fora de moda" agora, há uma banda como The Sundays que consegue sobreviver. *ANAMARIA G. DE LEMOS*

10,000 MANIACS

Warner

Our Time In Eden

Musicalmente, o grupo é uma espécie de irmão do R.E.M.. Fazem melodias entre o soft rock e o folk, com alguns arranjos de cordas e instrumentos de sopro, bem a gosto das *college radios*. Nesse disco, o grupo traz canções que grudam no ouvido e fazem com que de repente você comece a cantarolar ("Candy Everybody Wants" é um bom exemplo). Natalie Merchant desfia baladas repletas de sentimentalismo irônico e o instrumental joga uma pá de melancolia sobre o ouvinte. De quebra, a seção de metais é a dos lendários The J.B. Horns, que davam o tempero especial no som de James Brown. Com certeza, este é o "*Out Of Time* dos 10,000 Maniacs". *JEFERSON DE SOUZA*

NEIL YOUNG

BMG-Ariola

Lucky Thirteen: "Excursions Into Alien Territory"

Você consegue imaginar alguém ser processado por não parecer consigo mesmo?
Pois é, o vovô tarado Neil Young já enfrentou este problema com a gravadora Geffen.

É que ele insistiu ao longo dos anos 80 em dar guinadas (ainda mais) desnorteantes no seu som, indo do tecnopop ao folk (quase) ortodoxo. Ele voltou ao selo Reprise na melhor forma, para dar continuidade ao seu lado mais feroz (com o Crazy Horse) e ao mais bucólico (como no recente *Harvest Moon*). E a Geffen ficou com um arquivo esquisitão na mão, agora compilado neste *Lucky Thirteen*...
O disco – ridiculamente descompassado – abre com duas faixas de *Trans* (83), esforçados decalques do Kraftwerk (!), com *vocoder* (vozinha de robô) e tudo. Depois cai em "Depression Blues", movida a violino e harmônica (de *Old Ways*, 85). Vai com registros ao vivo igualmente caipiras e volta a um som que lembra The Cars, nas canções de *Landing On Water* (86). Este formato new wave continua nas faixas de *Life* (87), seguido das sessões do Blue Note Cafe, com arranjos *old-fashioned* de metais. Como se percebe, não é um disco, mas uma penca de estilos. Que reavalia álbuns que caíram no limbo da má-vontade, como *Landing On Water* – que eu, por exemplo, adoro. Mesmo que nenhum mortal esteja disposto a concordar comigo. *ALEX ANTUNES*

DR. JOHN

Warner

Goin' Back To New Orleans

**Perguntei ao Dr. John se não se podia mais esperar o *voodoo rock* que ele fazia no início dos anos 70, com trajes de bruxo e batuques. Ele disse: "Não tenho mais idade para isso".
Eu deveria ter desconfiado. Na época, ele lançava *In A Sentimental Mood*, reunião de baladas *jazzy* que lhe valeu um Grammy. Dizia que ilude-se quem crê numa evolução cronológica da música. Um gênero não desaparece: fica ali, à espera que alguém o retome.
Este disco é a melhor ilustração disso. A começar pela capa, onde ele – um senhor de 53 anos – aparece vestido como um**

**integrante dos Wild Magnolias (uma espécie de bloco carnavalesco de Nova Orleans).
O disco é um guia da música das ruas de sua cidade natal, com canções de pioneiros como W.C. Handy, Fats Domino, Huey "Piano" Smith e Leadbelly.
Detalhe: ele não gravava em Nova Orleans desde o início dos anos 60, quando fugiu de lá após levar um tiro na mão (o que acabou com sua carreira de guitarrista). Para comemorar, ele reuniu mestres da música locais como os Neville Brothers, o saxofonista Red Tyler e até Danny Barker, que tocou com Louis Armstrong nos anos 20. O resultado: uma música que deixa a alma feliz (e olha que não sou de falar estas merdas).** *ROGÉRIO DE CAMPOS*

DISCOS

P.M. DAWN

The Bliss Album...? (Vibrations Of Love And Anger And The Ponderance Of Live And Existence)

Polygram

Depois de "A Respeito Do Coração, Da Alma E Da Cruz: A Experiência Da Utopia", Prince Be e seu *brother* vem com este "Álbum Da Felicidade Suprema...? (Vibrações De Amor E Raiva E A Ponderação Da Vida E Da Existência)". E boas notícias: o P.M. Dawn voltou mais P.M. Dawn ainda.
Isso significa um apuro do pop luxuoso de "Set Adrift On Memory Bliss" e "Paper Doll", as maiores maravilhas de seu álbum de estréia. Camadas de harmonias vocais – com a doçura do comecinho dos Beach Boys e dos Beatles (influência escancarada neste segundo disco com a cover de "Norwegian Wood"). Melodias à altura, tal como o outro Prince – talvez o verdadeiro pai espiritual da dupla –, mais guitarras, piano acústico e violão por toda parte.
Uma coisa linda.
Dos tapetes voadores de "When Midnight Sighs" e "The Ways Of The Wind" à festa-baile hiper-cinética de "So And So On" e ao baladão romântico "To Love Me More", o fato de este disco ainda não ter vendido alguns milhões de cópias é um enigma.
Filhos de um percussionista que chegou a tocar com Kool And The Gang, a dupla pode parecer perdida em imagens mentais e labirintos metafísicos, mas faz uma "celebração" toda especial. Pop demais para cultuadores do rap hardcore e psicodélica demais para as FMs. Mas... fazer o quê? Ouvir este álbum bem alto, dançando, deitando e rolando no assoalho ou entrando em êxtase. O P.M. Dawn veio resgatar o pop dourado na atual bifurcação entre metal e dance tecnotrônica, sem nunca cair na "síndrome Barry Manilow".
JOSÉ AUGUSTO LEMOS

DIGABLE PLANETS

Warner

Reachin' (A New Refutation Of Time And Space)

Além da batalha de blasfêmias que alguns nomes do rap insistem em explorar, tem outra disputa dentro do gênero – até mais interessante. Tem rapper querendo brigar pelo título de mais *cool*. E nessa competição, quem gosta de rap mais pela melodia do que pela mensagem sai ganhando.
Na verdade, essa briga, que começou há alguns anos com o De La Soul, não dá sinais de terminar tão cedo. Quem quer analisar pelo lado frio das vendas, pode achar que os Digable Planets são os campeões. Afinal, este seu álbum de estréia, lançado pelo selo Pendulum – já ganhou disco de ouro nos EUA.
A maior arma dos grupo é o jazz. No primeiro single – "Rebirth Of Slick (Cool Like Dat)" – eles sampleavam até Art Blakey!
Neste álbum, eles transformam um sampler de KC And The Sunshine Band numa das faixas mais atrevidas da temporada ("Where I'm From"). Mais exemplos? Tente o saxofone de "What Cool Breezes Do", o pianinho de "Examination Of What" ou o baixo da já citada "Rebirth Of Slick...".

Mesmo com uma ponta de pretensão, o grupo vai na trilha dos sensacionais Dream Warriors. *Reachin'*... não é tão genial quanto *You Wash Your Face In My Sink*, dos DW. Mas eles fizeram catorze faixas quase imbatíveis em termos de temperatura baixa – tão *cool* que você precisar usar um cachecol para ouvir.
ZECA CAMARGO

BIG ALLANBIK

Interdisc

Blues Special Reserve

Esse disco marca a estréia do selo Interdisc, especializado em blues brasileiro, com a banda carioca Big Allanbik. O vocalista Ricardo Werther é dos melhores. A banda é bem mais do que OK e há canjas de Otávio Rocha, Flávio Guimarães (do Blues Etílicos) e Alan Marcus (ex-Blue Jeans), além de André Christovam.

É tão bom o disco, que só nos resta ver o que tem de ruim. Falta ao BA – e a outras *blues bands* brasileiras – mais humor e agressividade. Existe excesso de reverência pelas tradições. Fosse médico, receitaria doses cavalares de Dr. Feelgood e Clarence "Gatemouth" Brown e que eles, ao menos por um tempo, trocassem Texas e Mississipi por Nova Orleans. *LUIZ RICARDO MAUSER*

k.d. lang

Warner

Ingénue

Esta canadense é uma espécie de Sinéad O'Connor da facção country/folk exótica: faladora e polêmica. Não teria graça se ela não tivesse o que mostrar. Mas *Ingénue*, seu novo álbum, é uma coleção de canções românticas e baladonas derramadas pelo vozeirão de lang, que não esconde a admiração pela lendária Patsy Cline. É o disco mais pop que ela já gravou. Não é por acaso que já recebeu platina nos EUA e ouro na Inglaterra. Um sucesso que a coloca lado a lado com outros artistas estritamente pop.

"Constant Craving" (que deu a lang o Grammy de melhor cantora) traz uma gentil introdução de acordeão e é tão pegajosa como as melhores canções de Carole King nos anos 70. *PAULO CAVALCANTI*

TERENCE TRENT D'ARBY

Sony

Symphony Or Damn

Em seu terceiro álbum, o ex-boxeador tenta abraçar o mundo com as pernas. *Symphony Or Damn* está aí, com dezesseis canções e tantos altos e baixos que chega a dar tontura no ouvinte. As indispensáveis são: "Turn The Page" (balada psicodélica quase declamada pelo cantor), "I Still Love You" (country sensível, mas de letra fraca), "Let Her Down Easy" (um exagero de sensibilidade e talento), além de "Delicate" (new bossa em que D'Arby mostra-se "generoso" ao deixar Des'ree participar dos vocais).
Nas outras faixas, Terence afunda o pé na lama: seja na introdução "Welcome To My Monasteryo", pastiche gótico de enrubescer o fã mais condescendente; no rock fora de sintonia "She Kissed Me" ou na confusão sonora de "Do You Love Me Like You Say", que mistura funk, rock, soul, psicodelismo e dance music. *CELSO FIORAVANTE*

DINOSAUR JR.

Where You Been?

Um dos grandes propósitos (ou mancadas) da crítica musical é o de buscar protótipos para todos os gêneros (leia-se rótulos) que ela cria. O exemplo da moda: em 92, depois de analisarem a vida de Kurt Cobain até os pentelhos do saco, decidiram que ele era o grunge em pessoa. Pronto, morreu o assunto. E agora? Falar sobre o quê?... A encheção de lingüiça seguinte foi a "revelação", Dinosaur Jr. E foi *Where You Been?*, álbum inexplicavelmente queridinho da crítica, que a fez pensar em J Mascis – o "cabeça" (em ambos os sentidos) da banda.
Só que a crítica se engana com as aparências. Hoje, o som do Dinosaur Jr. passa longe do qualquer-nota de Tad ou Mudhoney. Mascis toca bem, o que não combina com o rótulo. *Where You Been?*, embora distorça guitarras, é o álbum mais calmo do trio. O disco, gravado num estúdio perto de Woodstock, traz todo o clima do que um dia já chamaram de hippie: desencanado e lírico. "Not The Same" une um violão dedilhado com uma sessão de cordas e percussão de filme épico (a mesma de "What Else Is New"). As baladas "Get Me" e "Drawerings" são tipicamente country. Fora a guitarra/voz de Mascis, são convencionais como "Start Choppin", o hit deles por aqui, via MTV.

Warner

Para quem conheceu o Dinosaur Jr. com este sucesso e não sabe por que o tal de Mascis é tão respeitado, uma dica: corra atrás do álbum *You're Living All Over Me* (87), onde ele usa uma distorção animal e faz uma cover subvertida de "Show Me The Way" (Peter Frampton). *JOSÉ J. DO ESPÍRITO SANTO*

DISHARMONIC ORCHESTRA

Rock Brigade

Not To Be Undimensional Conscious

Uma audição apressada deste disco pode até dar a impressão que este trio austríaco navega nos mares tempestuosos do death metal. Engano fácil de ser cometido, já que os vocais das profundezas, as explosões rítmicas e o clima tenebroso permeiam seu som. Mas eles são muito mais do que isso. Flertam com o rock progressivo e não têm medo de usar sintetizadores, mesmo que de maneira econômica. Trabalham com ritmos inusitados, esbarrando no free jazz e até numa batucada de escola de samba. O próprio título do disco indica que o negócio da DH não é andar em linha reta, sem olhar para os lados. São, isto sim, sujeitos mergulhados no metal que usam alguns neurônios a mais do que é preciso para simplesmente repetir fórmulas. E não deixam nada a dever, nem aos amantes da porrada, nem a quem procura por novidades. Arrisque uma escutada, já. *CARLOS EDUARDO MIRANDA*

HOUSE OF PAIN

Warner

O primeiro álbum do House Of Pain (de 92) é ótimo, a começar pelo marketing cínico da "ascendência" irlandesa do trio, o visual *skinhead* do rapper Everlast e os *samples* do DJ Lethal (que nasceu na Letônia!). Só o ritmo virulento do hit "Jump Around" já vale o disco – gaitas de foles anunciam a festa, regada a cerveja, *scratches* e *samples* da velha "Harlem Shuffle".

A algazarra segue por "Put Your Head Out", em que Everlast (ex-parceiro de Ice-T no Rhyme Syndicate) e Danny Boy se encontram com B-Real – do Cypress Hill, o grupo que antecipou conceitos da house, como a apologia da maconha e a sonoridade suja/pesada da *garage*. Nos *loops* alucinados do disco, vale tudo: desde anônimos riffs de guitarra até o "empréstimo" de ícones do blues, como John Lee Hooker, Albert King e Willie Dixon. Igualmente anárquicas, "Top O' The Morning To Ya", "House And The Rising Son" e "Shamrocks And Shenanigans" soam como um time de rugby bêbado quebrando um *pub* na comemoração de um campeonato. No CD, as letras do grupo são revestidas por Pete Rock (o remixador mais prestigiado da cena rap) em "Jump Around", enquanto "Shamrocks..." leva um trato do produtor Butch Vig, que fez *Nevermind*, do Nirvana. O remix enguitarrado de Vig leva vantagem na comparação e prova que o rap do HOP está muito mais para pistas de skate do que para bailes black. *CLÁUDIO CAMPOS*

DISCOS

BRANFORD MARSALIS

Sony

I Heard You Twice The First Time

A faixa que sintetiza este disco é "Rip Tip Johnson": um quarteto de jazz tocando respeitosamente um blues *à la* Robert Johnson em que o sax de Branford Marsalis faz a voz do cantor. Pouco importa que outros tantos jazzistas – como Charles Mingus em *Blues & Roots* – já tenham feito o mesmo no passado. Marsalis não é abençoado com a genialidade de Mingus, mas tem talento. E "Rip Tip Johnson" é uma beleza. *I Heard You Twice The First Time* também tem participações de B.B. King e John Lee Hooker. *ROGÉRIO DE CAMPOS*

BRYAN FERRY

EMI-Odeon

Taxi

Bryan Ferry, o galã-poeta do Roxy Music, o *yuppie* perfeito dos anos 80, volta a gravar depois de cinco anos silenciosos.

De nada adiantou o silêncio. Seu disco anterior foi *Bête Noire*, de 87. Ei-lo novamente vestindo modelitos anos 80 e cantando seus funks refinados. O disco traz dez faixas e número igual de fotografias, em que o cantor desfila cortes estilo Yamamoto, para senhores. As fotos estão no lugar das letras, que não constam do livreto. Mas diga-se em defesa de Ferry: o disco é curioso em seu tédio pelo mundo e pelo pop – aliás, viraram hoje sinônimos. São baladas monocórdicas, com teclados, bateria e guitarras. As melodias se repetem na voz sussurrada de Ferry, criando no ouvinte um efeito estupefaciente. A faixa-título merece menção, pelo jeitão de balada Cole Porter. O corte é fora de moda, mas vale guardar para uma ocasião de retorno do chique pessimista. *LUÍS ANTÔNIO GIRON*

CIRCUS OF POWER

Sony

Magic & Madness

Cultuado por motoqueiros e caminhoneiros nos EUA, o Circus Of Power tem a faca e o queijo na mão para cair nas graças da galera com este disco – e vale a pena correr atrás dos dois anteriores: *Circus Of Power* (88), e *Vices* (90), ambos lançados no Brasil. Além de "Mama Tequila", hino

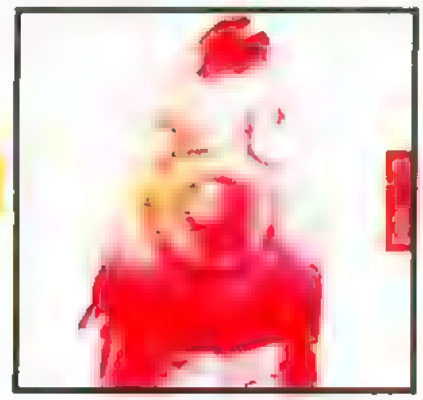
instantâneo dos bebuns, o disco está cheio de boas influências, como ZZ Top e Thin Lizzy (no heavy acessível de "Dreams Tonight"). Em outras, a lista de convidados diz tudo. "Shine" tem um dueto com Ian Astbury (The Cult) e "Heaven & Hell" conta com Jerry Cantrell (Alice In Chains) na guitarra. O problema é que entre quase todas as sonzeiras, há sempre algo manso demais. Mas as guitarradas são jóias e "Swamp Devil" tem uma *slide guitar* sensacional! Hard rock sem farofa. *JOÃO RICARDO LIMA*

FELIX

BMG-Ariola

#1

Felix é um garoto prodígio inglês cuja cara poucos conhecem e que estremeceu as pistas com dois hits: "Don't You Want Me" e "It Will Make Me Crazy". Quem for sedento neste mini-álbum atrás destas duas vai se frustrar: a primeira está numa versão irreconhecível, sem seu famoso riff de tema dos jogos olímpicos. A segunda só no CD.
Quem quiser "Don't You Want Me" no mix original deve caçar em alguma coletânea como a *Nova FM Dance Party*. Mas este disco tem outras atrações: uma versão quase *high energy* de "Stars" (Sylvester) e "Fast/Slow" com o truque infalível de desaceleração da batida. #1 é um caso atípico: um álbum dance lançado por aqui sem sabor de ano passado. O tecno-trance-progressive-euro-house (esses rótulos estão fora de controle...) de Felix é dos itens mais quentes de qualquer pista que se preze hoje em dia. *CAMILO ROCHA*

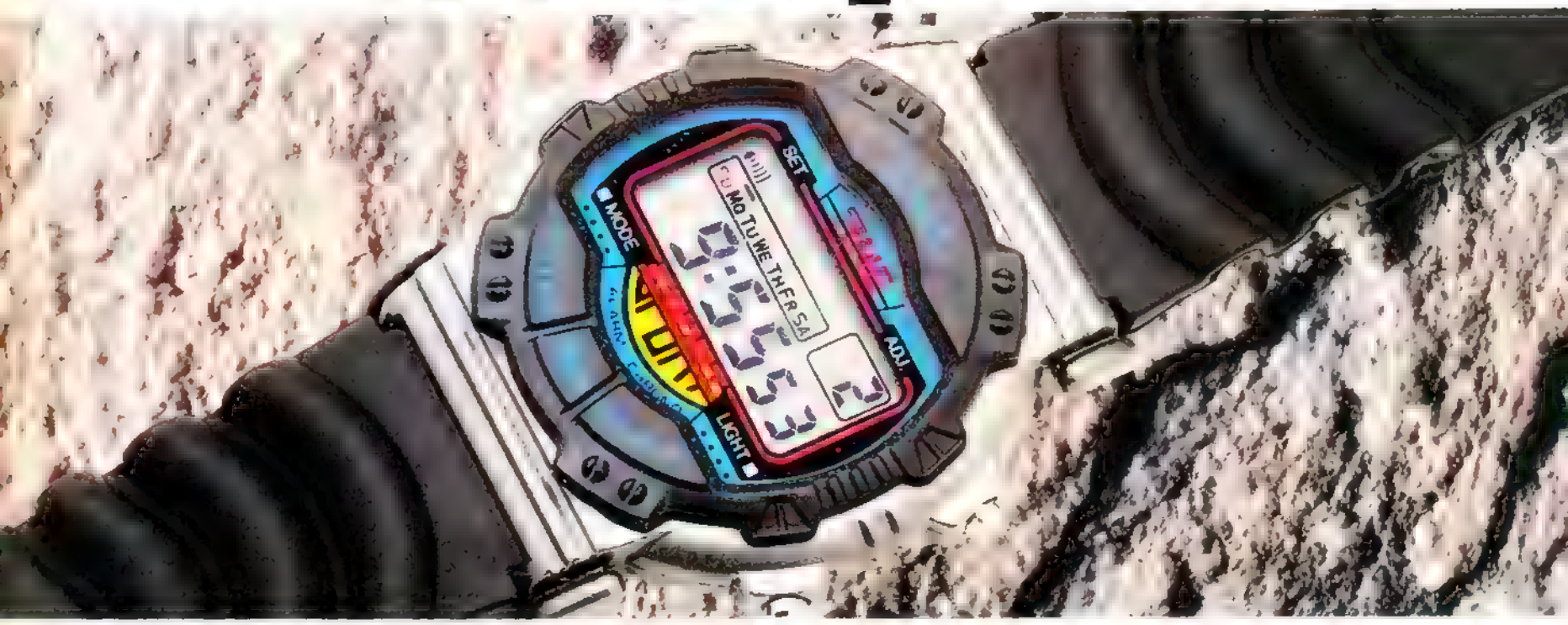


RÁPIDO & RASTEIRO

A dance music do quarteto britânico OPUS III não é nada que faça de Mind Fruit (Warner) algo estimulante. De despertar algum interesse, só a garota dos vocais, o hit "It's A Fine Day" e a desenterrada de "I Talk To The Wind", do primeiro disco do King Crimson! ■ Depeche Mode de terceira? É pouco para definir o BAD BOYS BLUE. Só a versão de "Under The Boardwalk" já dá ânsia de transformar House Of Silence (BMG-Ariola) em um disco voador, janela afora ■ Seção "vale a pena esperar (sentado)": o álbum de estréia dos EURYTHMICS, In The Garden (BMG-Ariola), foi editado em 81, levou dez anos para ser lançado nos EUA e só agora aparece por aqui ■ Lembra-se do tributo a Freddie Mercury, realizado no estádio de Wembley em 92? Pois GEORGE MICHAEL AND QUEEN WITH LISA STANSFIELD formam o "quinteto" cujos excertos do evento compõem o mini-álbum Five Live (EMI-Odeon). George não fez feio em "Somebody To Love" e no *medley* "Killer"/"Papa Was A Rollin' Stone". Lisa passa batida ■ THE JACKSON 5, mais BOYZ II MEN, JERMAINE JACKSON & SYREETA WRIGHT estão na trilha da série televisiva The Jacksons – An American Dream (PolyGram). Salvam-se as faixas originais dos *brothers*, mas agüentar o mala do JASON WEAVER – vulgo "Michael Jackson cover" – é de doer ■ Seguindo as pegadas de Garth Brooks, BILLY RAY CYRUS já virou o novo "caipira bonitão de um milhão de dólares" a galgar as paradas nos EUA. Some Gave All (PolyGram), seu álbum de estréia, é a causa. O efeito das dez faixas: sonolência ■ O "som para boi dormir" também ecoa por aqui, no novo álbum de SÉRGIO REIS, via BMG-Ariola. Nem a presença de Almir Sater evita que ele se atole no pantanal da breguice ■ MALDITA VENCIDAD Y LOS HIJOS DEL QUINTO PATIO, uma espécie de Mano Negra mexicano, mistura música chicana com funk, punk, ska, reggae etc., em El Circo (BMG-Ariola). O resultado pode ser mais indigesto do que a comida local. *CELSO PUCCI*

GABBA GABBA, HEY! · QUE GRACINHA! · COWABUNGA! · CADEIA NELES! · WHAT'S UP, DOC? · VINIL · CD · CASSETE

Tempos



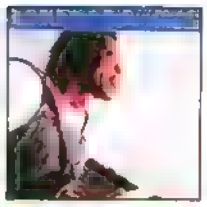
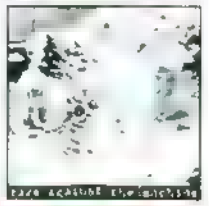
modernos

Nova linha Lince. Relógios à prova de aventura que fazem o seu esporte ainda mais espetacular, no mar, no céu e na terra .

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS CONHEÇA O AMAZONAS

LINCE
QUARTZ

BOLSA DE DISCOS

	ANDRÉ BARCINSKI Jornal do Brasil, RJ	ANDRÉ FORASTIERI BIZZ	ARTHUR G. COUTO DUARTE Estado de Minas, MG	CELSO FIORAVANTE Folha de S. Paulo	FERNANDO MAGOO FM Brasil 2.000, SP	JOSÉ J. DO ESPÍRITO SANTO BIZZ	MARCEL PLASSE O Estado de S. Paulo	ROGÉRIO DE CAMPOS BIZZ	TOM LEÃO O Globo, RJ	ZECA CAMARGO MTV
7,60	**HELMET** • *Meantime* • Warner	5	9	10	8	8	7	10	5	9	5
7,40 	**BUDDY GUY** • *Feels Like Rain* • BMG-Ariola	•	5	9	8	•	7	•	8	•	•
7,22	**NINE INCH NAILS** • *Broken* • Warner	6	7	7	8	•	7	10	4	9	7
6,50	**LEMONHEADS** • *It's A Shame About Ray* • Warner	5	3	6	6	7	8	10	4	8	8
6,43 	**RAGE AGAINST THE MACHINE** • Sony	3	7	•	•	•	9	10	3	6	7
5,71	**CHRIS ISAAK** • *San Francisco Days* • Warner	2	0	8	7	9	6	8	1	6	7
5,70	**SUEDE** • Sony	2	0	8	7	9	6	8	1	6	10
5,55	**NED'S ATOMIC DUSTBIN** • *Are You Normal?* • Sony	7	3	4	8	•	6	7	3	4	8
5,44	**LENNY KRAVITZ** • *Are You Gonna Go...* • EMI-Odeon	2	0	7	7	8	3	•	8	5	9
3,55	**IRON MAIDEN** • *A Real Live One* • EMI-Odeon	1	1	6	•	6	2	4	0	7	5

PARADA

EUA
Billboard, 18/9

1	JANET JACKSON • *janet.* • Virgin	
2	VARIOS • *The Bodyguard* • Geffen	
3	AEROSMITH • *Get A Grip* • Geffen	
4	SPIN DOCTORS • *Pocket Full Of Kryptonite* • Epic	
5	KENNY G • *Breathless* • Ansta	
6	WYNONNA • *Tell Me Why* • Curb	
7	DR. DRE • *The Chronic* • Death Row Interscope	
8	SWV • *It's About Time* • RCA	
9	KISS • *Alive III* • Mercury	
10	STING • *Ten Summoner's Tales* • A&M	

EUA College
Gavin Report, 27/9

1	FRANK BLACK • Elektra	
2	BELLY • *Star* • Sire Reprise	
3	DEPECHE MODE • *Songs Of Faith And Devotion* • Mute	
4	ROBIN HITCHCOCK • *Respect* • A&M	
5	DINOSAUR JR. • *Where You Been?* • Sire	
6	WORLD PARTY • *Bang!* • Ensign Chrysalis	
7	JUDYBATS • *Pain Makes You Beautiful* • Sire	
8	HOTHOUSE FLOWERS • *Songs From The Rain* • Londo	
9	BUTTHOLE SURFERS • *Independent Worm Saloon* • Cr	
10	LENNY KRAVITZ • *Are You Gonna Go My Way* • Virg	

GB
Music Week, 08/9

1	JANET JACKSON • *janet.* • Virgin	
2	R.E.M. • *Automatic For the People* • Wa	
3	2 UNLIMITED • *No Limit* • PWL Continent	
4	KENNY G • *Breathless* • Ansta	
5	NEW ORDER • *Republic* • Centredate Co London	
6	DINA CARROLL • *So Close* • A&M	
7	DIRE STRAITS • *On The Night* • Vertigo	
8	EVERYTHING BUT THE GIRL • *Home Movies* • Blanco Y Ne	
9	BON JOVI • *Keep The Faith* • Jambco	
10	WET WET WET • *Live At The Royal Albert Hall* • Precio	

ALEMANHA
Der Musikmarkt, 13/9

1	ACE OF BASE • *Happy Nation* • Metronome	
2	DEPECHE MODE • *Songs Of Faith And Devotion* • Mute	
3	BON JOVI • *Keep The Faith* • Jambco PolyGram	
4	AEROSMITH • *Get A Grip* • Geffen	
5	SNOW • *12 Inch Of Snow* • Eastwest	
6	DIE TOTEN HOSEN • *Kauf Mich* • Virgin	
7	ERIC CLAPTON • *Unplugged* • Duke Reprise	
8	VARIOS • *The Bodyguard* • Ansta	
9	BLUE SYSTEM • *Backstreet Dream* • Hansa	
10	GEORGE MICHAEL AND QUEEN... • *Five Live* • Parlophone	

GRANDE FINAL!

2º CAMPEONATO BRASILEIRO NESCAU DE GAMES

ESSA É DE ARREPIAR!

Dias 24 e 25 de julho, no Play Land, do Playcenter, em São Paulo.
Um pega alucinante entre as 12 maiores feras que se classificaram para as finais, nas categorias MASTER, MEGA, NINTENDO ou SUPER NES.

PERDER ESSA VAI SER GAME OVER, NA CERTA!

REALIZAÇÃO:

REVISTA AÇÃO GAMES

APOIO:

VARIG

novotel

playcenter

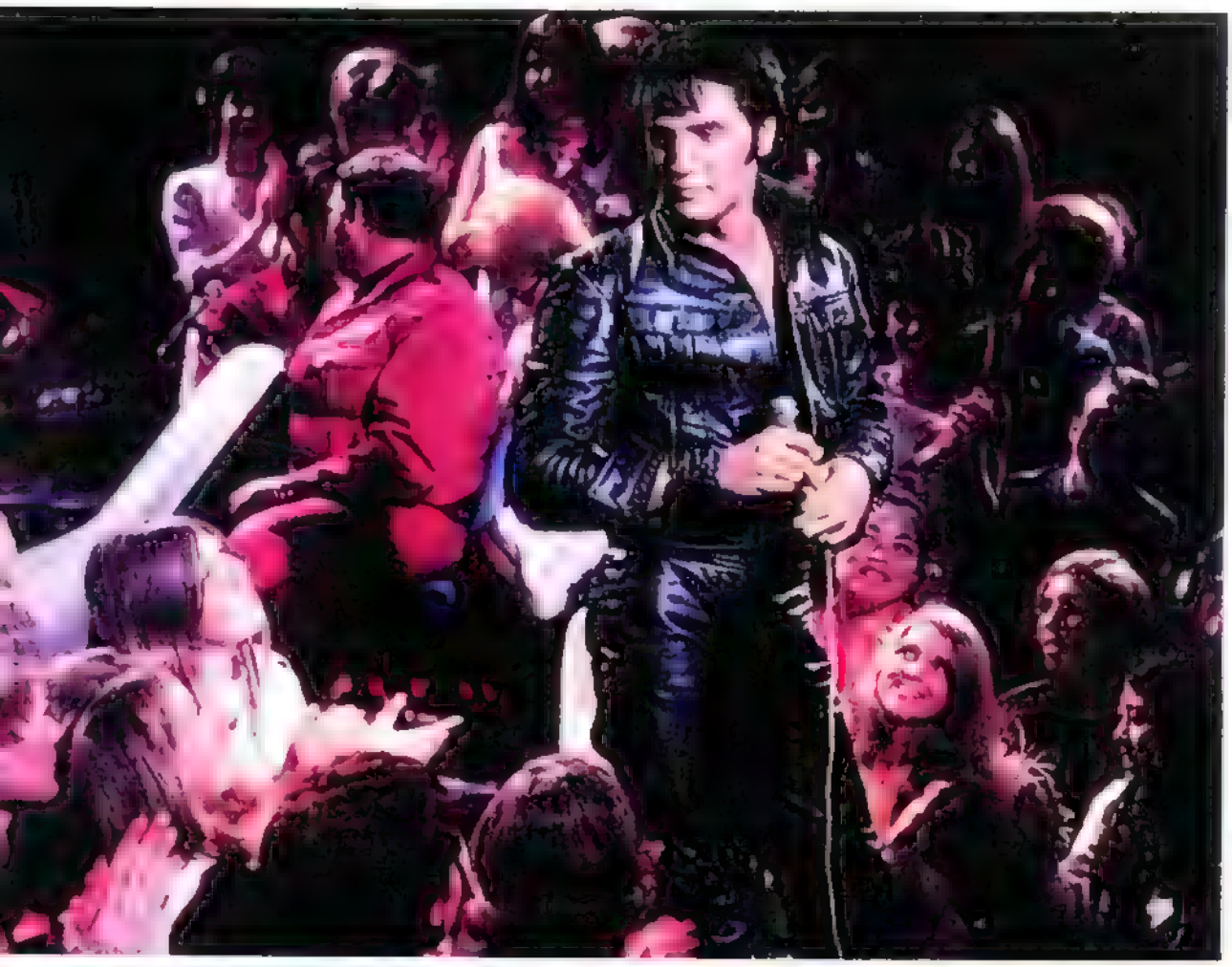
PATROCÍNIO:

Nestlé NESCAU

FFF VIDEO AREA

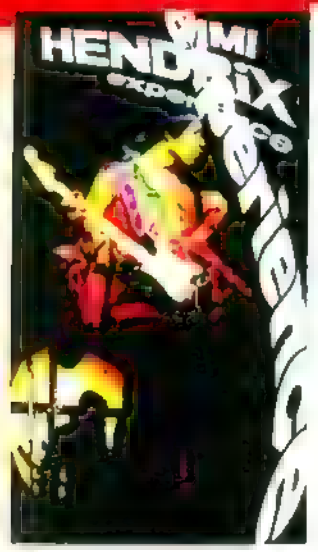
ELVIS PRESLEY

Comeback 68' Special
BMG-Ariola. 92.
Direção: Steve Binder. 78 min.
"Procurando encrenca? Veio ao lugar certo. Procurando encrenca? Olhe direto para o meu rosto." Elvis não estava prometendo e sim ameaçando.
Ao som de "Trouble", o rei começava o seu especial para a rede americana NBC e reclamava sua coroa. Ninguém mais acreditava nele no final dos anos 60, depois que ele perdeu anos fazendo filmes ridículos. Foi uma surpresa quando o público reencontrou o cantor neste especial que foi ao ar em 7 de dezembro de 68. Vestido de couro da cabeça aos pés, Elvis esbanjou agressividade e sensualidade reinventando clássicos como "Hound Dog" e "Jailhouse Rock". E mais ainda: apresentando músicas novas (e decentes!) como "Memories" e "If I Can Dream". Comeback 68' Special tem seus pontos fracos. Algumas sequências pertencem mais ao universo dos musicais da Broadway e do kitsch hollywoodiano com coreografias e cenários cafonas. As partes que realmente valem a pena são as que Elvis convida seus antigos companheiros da gravadora Sun – D.J. Fontana e Scotty Moore – para improvisos de velhos clássicos do blues e rockabilly. Se você prestar atenção, este estilo informal foi copiado no Acústico MTV de hoje em dia. Para falar a verdade, esta versão em vídeo é até mais completa do que a que foi transmitida pela TV americana na época. Aqui está a famosa sequência de Elvis cantando "Let Yourself Go" num bordel. O coronel Parker, empresário de Elvis, achou que era muito forte e mandou que ficasse de fora da edição final.
Se você é daqueles que pensa que Elvis só fez filminhos de praia e cantava coisas de mau gosto, jogue o preconceito fora e assista a este vídeo. *PAULO CAVALCANTI*



VÁRIOS

The Freddie Mercury Tribute: Concert For Aids Awareness, Vol. 1 & 2
PMI. 92. Direção: David Mallet. 207 min.
Normal gostar do Queen hoje. Há alguns anos era brega. No radicalismo dos meus dezessete anos, não vi o grupo no Rock In Rio. Santo preconceito: músicas como "Stone Cold Crazy" e "Hammer To Fall" são cem por cento heavy metal. Como penitência, só este vídeo do evento em que uma pá de medalhões homenagearam Freddie Mercury.
O Extreme executa (mesmo!) um medley com nove hits do Queen. Antes que as ninfetinhas que curtem o Nuno Bettencourt digam que sou radical, admito que gosto de "More Than Words". Mas não é que a edição cortou a dobradinha "Love Of My Life"/"More Than Words" que passou na TV? Ainda no volume 1, tem Metallica, Guns N'Roses, Def Leppard, discurso pró-sexo seguro de Elizabeth Taylor e Bob Geldof, a madre Tereza do pop. A segunda fita é um chão de estrelas: Roger Daltrey, Robert Plant, Seal, Lisa Stansfield e Liza Minelli em dia de "Freddie Mercury cover". Brian May e Tony Iommi ameaçam os riffs de "Heaven And Hell", do Black Sabbath. David Bowie divide "Under Pressure", dele e de Freddie, com Annie Lennox, Ian Hunter e o guitarrista Mick Ronson (ver matéria na seção Replay) revivem "All The Young Dudes", que Bowie compôs para o Mott The Hoople.
Elton John não convence em "Bohemian Rhapsody" (dividida com Axl Rose) e "The Show Must Go On". James Hetfield se dá melhor em "Stone Cold Crazy". Mas é George Michael que rouba o show com "Somebody To Love". Mesmo que a maioria das versões não sejam perfeitas, o vídeo vale como tributo e ainda é dedicado a uma boa causa. *JOÃO RICARDO LIMA*



THE JIMI HENDRIX EXPERIENCE
Experience
BMG-Ariola.
90. Direção: Peter Neal.
33 min.
Hendrix foi um dos poucos artistas do rock que se tornou mito ainda em vida e semideus depois de morto. Este vídeo traz uma colagem de trechos de concertos, clips e *takes* em que o guitarrista aparece posando para fotos e conversando sobre suas experiências psicodélicas com o baixista Noel Redding e o baterista Mitch Mitchell. Tudo bem ao gosto dos anos 60. Estas cenas mostram a presença de Hendrix, com todo o seu carisma sensual e agressivo.
O único problema é que este vídeo tem apenas duas canções em versão integral: uma gravação inédita de "Wild Thing" e o blues acústico "Hear My Train A-Comin' ", aqui registrado como "Folk Acoustic Blues" e já utilizado no filme *Jimi Hendrix*, de 73. Além do mais, por sua curta duração, a fita traz muito pouco quando se trata de um gênio como Hendrix. *VALTER JOSÉ*

B.B. KING
Live In Africa
BMG-Ariola.
89, Direção: Leon Gast.
43 min.
Há quem tenha adquirido um certo bode de B.B. King a partir do momento que ele começou a tocar junto de uma *big band* (com mestre-de-cerimônias e tudo) e prefira a fase em que sua guitarra Lucille recebia um *background* mais modesto, com apenas baixo e bateria. Pois este vídeo chega para mudar esta má impressão, reforçada pelos últimos trabalhos do guitarrista. Ele flagra o Blues Boy tocando em um festival na cidade de Kinshasa, Zaire, em 74. Um ano depois do lançamento de *To Know You Is To Love You*, álbum em que as influências do soul fervilhavam no trabalho do *bluesman*.
Não por acaso, a faixa-título (composta por Stevie Wonder) é que abre o concerto, que segue com outros sucessos de King, como "Sweet Sixteen" e "The Thrill Is Gone".
O balanço do blues/soul é irresistível e contagia até uma presença ilustre na platéia: Muhammed Ali. *CELSO PUCCI*

FITAS DEMO

O **LIVING IN THE SHIT** ataca com skate metal/punk furioso em **The World Ass Rock!**, com músicas cafajestes como "Expectorate In You" e "Carrot In The Ass" n **EDDIE** faz rock garageiro dos bons na sua demo de estréia. Assisti os caras ao vivo e garanto n O **LOW DREAM** espalha, com convicção e competência, uma maré de guitarras *noise* e vocais chorões na fita **Dreamland**. Inclui a faixa "Treasure", que rola num clip bacaninha na MTV. Para quem gosta de My Bloody Valentine e coisas do gênero n É festa! Os **MUZZARELAS** botam fogo em qualquer agito. Detone no som a demo **Watchin' The Birds Shit On My Head**, especialmente as faixas "In My Veins" e "Take Me To Your Leader", esta um hit instantâneo. Clássico absoluto por onde passam n "1, 2, 3, 4" é a música mais pegajosa que apareceu por aqui nos últimos dez anos. **LITTLE QUAIL & THE MAD BIRDS**, os autores da façanha, já venderam trezentas cópias de sua demo. Compre a nº 301 que vale a pena n **Funny Fluxo**, dos **ANJOS DOS BECOS** é uma paulada hard rock de primeira qualidade, com letras em português e boa produção de Geraldo D'Arbilly. *CARLOS EDUARDO MIRANDA*

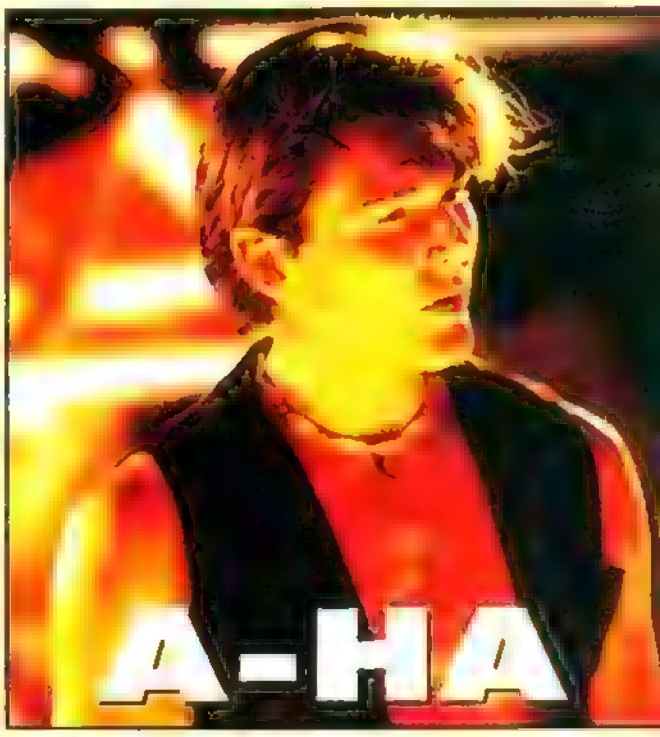
ENCOMENDE PARA: Anjos Dos Becos – *R. Pedro Pedreschy, 324, São Paulo/SP, CEP 02372* • Eddie *R. Pereira Simões, 1156, Olinda/PE, CEP 53000* • Little Quail & The Mad Birds – *SQN 106, Bl I, apto. 106, Brasília/DF, CEP 70742-090* • Living In The Shit – *Av. Rotary, 82, Maceió/AL, CEP 57050-480* • Low Dream *SQN 403 Bl. J, apto. 30, Brasília/DF. CEP 70835-100* • Muzzarelas – *Av. João de Mesquita, 615, apto. 33, Campinas/SP, CEP 13025-90.*

Sabe aquela letra que você entendeu mas não compreendeu?

Está aqui.

REVISTA BIZZ Letras traduzidas

NESTE MÊS



★ ABBA ★ ALICE IN CHAINS
★ BEASTIE BOYS ★ CURE
★ BODY COUNT ★ STING ★ EMF
★ INNER CIRCLE ★ NIRVANA
★ MADONNA ★ MORRISSEY
★ PAULA ABDUL ★ ROXETTE

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

ZONA FRANCA

PORRA EM DOIS T

HÜSKER DÜ

EVERYTHING FALLS APART AND MORE

Bob Mould à frente do Sugar. Um "novo Hüsker Dü"?

Epa, a *Zona Franca* sendo invadida pela seção *Replay*? Sim, pois após tanto ti-ti-ti em torno do Sugar, é necessário ir buscar as raízes do prestígio de Bob Mould, que se encontra no trio formado por ele em Minneapolis no início dos anos 80, com o baterista Grant Hart e o baixista Greg Norton: o **HÜSKER DÜ**.

Com as guitarradas iradas e as potentes canções de Mould – que dividia com Hart o trabalho de composição –, eles tornaram-se uma das grandes sensações do *indie rock* americano da década passada, à medida que iam evoluindo do punk rock escancarado para um som pesado, mas devidamente enxertado de boas melodias. Para sacar este processo, basta ouvir discos como *Zen Arcade* (84), *Candy Apple Gray* (86) e *Warehouse: Songs And Stories* (87), os dois últimos já editados no Brasil.

Porém, **Everything Falls Apart And More**, (re)lançado pelo selo americano Rhino, capta os primórdios da genealogia do HD. Editado originalmente em 82 como *Everything Falls Apart*, o álbum – gravado ao vivo em estúdio – ressurge acrescido de seis registros anteriores. Se entre as doze faixas lançadas na época, a versão para a psicodélica "Sunshine Superman" (Donovan) já prenunciava o rumo futuro do trio, entre as canções-bônus a maior atração é o *extended mix* para "Statues" (com mais de oito minutos, em contraste com a média de dois das outras faixas), onde Mould & Cia. pareciam emular o PIL! De resto, o pau come solto.

CELSO PUCCI

D A
M P O S

Bob Mould é um cara bem esperto. Quando notou que a sua carreira solo andava capengando um tanto, tratou logo de formar um novo grupo, bem aos moldes do antigo e histórico Hüsker Dü. Para isso recrutou o baixista David Barbe (ex-Mercyland) e o baterista Malcolm Travis (ex-Zulus), criando o **SUGAR**.

Resultado: seguindo o mesmo esquema que fez a fama do Hüsker Dü, ele tratou de colocar camadas de guitarras dobradas e distorcidas em cima de linhas melódicas descaradamente pop. Desta forma, o grupo conseguiu emplacar tanto entre os novatos como entre os antigos fãs da ex-banda de Mould.

Depois do grande sucesso de seu disco de estréia, *Copper Blue*, o novo *power trio* de Mould lança o mini-álbum **Beaster** (Rykodisc). O trabalho traz apenas seis faixas, que porém dão provas do grande poder de fogo que a banda possui.

A grande característica deste disco fica por conta das experimentações que ultrapassam o formato guitarra/baixo/bateria que tinha norteado o álbum anterior da banda. Em "Come Around" , por exemplo, Mould flerta com harmonias estruturadas em base acústica, enquanto "Feeling Better" chupa riffs de teclados que poderiam ser de qualquer banda pop tipo Information Society. As surpresas continuam com "Walking Away", canção feita toda em cima de um daqueles órgãos usados em igrejas.

ABONICO RYCARDO SMITH

Dizer que o **GALLON DRUNK** é um cruzamento entre o Birthday Party e The Cramps é ao mesmo tempo exato e insuficiente. O quarteto londrino, liderado por James Johnston (voz, guitarra, piano, órgão, gaita, banjo, tudo ao mesmo tempo), tem personalidade bastante para prescindir de referências. A prova é seu mais novo álbum – o terceiro – **From The Heart Of Town** (Clawfist). São dez faixas nas quais o rockabilly, o blues, o gospel, a música de cabaré, de cassino e de filmes-B são levados às últimas conseqüências. Há porradas de tirar o fôlego, como "Not Before Time", "Bedlam" e "End Of The Line", mas também baladas do melhor lirismo *kitsch*, como "Loving Alone". *DANIEL BENEVIDES*

EMBALOS ETÍLICOS

POSTER CHILDREN

TOOL OF THE MAN

CRIANÇADA DO BARULHO

A guitarra é o "instrumento do homem", diz **Tool Of The Man** (Twin Tone), terceiro álbum do quarteto **POSTER CHILDREN** – formado em Champaign, Illinois. Eles fazem barulho codificado como *noise guitar* e *power pop* desde 88. "Dynamite Chair" abre o disco, com doses cavalares de guitarras ritmicas que seguem pelas faixas. Exemplos: "Outside In" e "Blatant Dis" (aqui, compará-los aoPavement é inevitável). Em "Tommyhaus" a bateria fica na frente e em "Redline" ela briga, mas perde para as velozes guitarras. O álbum termina numa exceção: a balada "Three Bullets", que mistura alucinação com comédias do cinema mudo. "O céu era o chão/O chão era o céu/ Espero que sua viagem tenha sido melhor que a minha/Lá no alto, no ar, Harold Lloyd se pendura". *JOSÉ JÚLIO DO ESPÍRITO SANTO*

AS APARÊNCIAS

"O Que Godzilla Disse Para Deus Quando Não Encontrou Seu Nome No Livro Da Vida", "As Esperanças E Os Sonhos De Dez Mil Putas Do Paraíso", "Os Pés De Johnny Mathis"... Até que atiça a curiosidade da gente um disco que tenha faixas com os títulos acima.

Ainda mais quando as influências confessas do grupo são Van Morrison, Nick Drake e Big Star. Por isso, é impossível evitar uma ponta de decepção ao se ouvir **Mercury** (Reprise), o primeiro álbum do quinteto californiano **AMERICAN MUSIC CLUB** por uma *major*, após sete anos de estrada independente.

Bela capa, som de garagem com cara de "autêntico" e boas tramas da guitarra com os teclados. O que há de errado então? Talvez o problema esteja no próprio líder e compositor do grupo, Mark Eitzel. Suas canções podem ser caprichadas nas letras, mas se ressentem de uma sonoridade mais definida, como se uma *guitar band* estivesse fazendo som ambiente em

ENGANAM

um *lounge*. Para piorar, os vocais um tanto afetados de Eitzel dão mais sopa para o azar. No final, este álbum até que daria um bom *CD single*, com "If I Had A Hammer", "I've Been A Mess" e "Keep Me Around". *C.P.*

ZONA FRANCA

QUEM QUER GOIABA?

Qualquer álbum que tenha o nome de **Pure Guava** (ou "pura goiaba", literalmente) merece ser adquirido. Nem que seja para ficar em cima da sua mesa, decorando. Mas o melhor desse trabalho de estréia da banda **WEEN** (lançado pelo selo Elektra) é que as suas idéias estranhas vão além do título.

De cara, "Little Birdy" dá aquela sensação de que alguma coisa está em rotação alterada – provavelmente a voz do cantor. O vocal é lento na primeira faixa, mas na terceira, "The Stallion Pt. 3", ele é mais rápido do que a música. Quando você começa a achar que está entendendo alguma coisa, vem uma bobagem chamada "Big Jill" e você perde de novo o rumo.

O som do Ween é até simples. Tem guitarra, baixo, bateria – e eles usam sequenciadores sem o menor pudor. Quando querem, até sai uma faixa pop, como "Push Th' Little Daisies" (que emplacou um vídeo no *Lado B*, da MTV).

Claro que nem todas as piadas do grupo são engraçadas. "Touch My Tooter" não faz o menor sentido e "Morning Glory" é literalmente insuportável, feita só de distorções. Felizmente, o álbum termina com algo bem insignificante e engraçado, próximo de uma trilha sonora de videogame – "Pop Ship Destroyer". A honra da bobagem está salva. *ZECA CAMARGO*

HALFPIPE

O **MONSTER MAGNET** é um Soundgarden mais viajandão, mais psicodélico. Os discos da banda – *Spine Of God* e este novo, **Superjudge** (A&M) – parecem álbuns do Black Sabbath *circa* 72, tocando covers do Jefferson Airplane, do Iron Butterfly e de todas aquelas bandas "ripongas" dos anos 60. O que não é de forma alguma depreciativo. O MM é uma ótima banda. Se os fãs de heavy gostassem mais de discos sujos e cheios de microfonia em vez de ficar idolatrando o peso asséptico e lapidado de um Soundgarden, este disco seria amado.

Tem onze faixas, na maioria músicas longas (média de cinco minutos), lentas e trabalhadas, cheias de arranjos elaborados e solos de guitarra bem executados. As letras são na maioria banais, falando de drogas, delírios surreais e até satanismo.

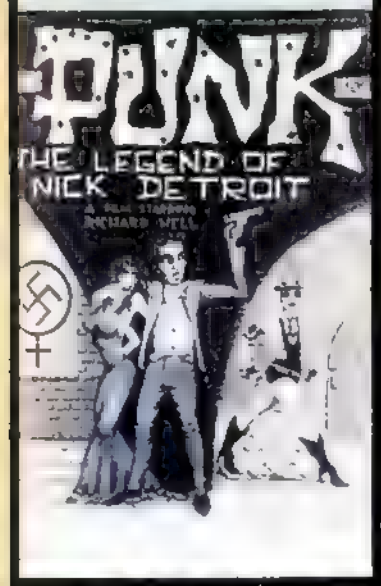
Às vezes tudo soa tão intrincado que beira o pretensioso, bem anos 70. Mas a banda tem qualidade técnica para bancar essa pretensão toda e o resultado final é muito bom.

Fãs do heavy metal setentista, em especial apreciadores de clássicos épicos do Black Sabbath – tipo "Cornucopia" ou "Wheels Of Confusion" – vão notar de onde esses caras chuparam suas influências. *ANDRE BARCINSKI*

Comércio De Peles

Estás a fim de devastar a cabeça neste inverno? Então mame um litro de Pertsovka (vodca russa, claro, mas à base de pimenta malagueta!) e se entregue a **THE HAIR & SKIN TRADING CO.** Dos destroços da cozinha do Loop, Neil Mackay (baixo) e John Willis (bateria) se uniram a Nigel Webb (guitarra) para cometer **Jo In Nine G Hell** (Beggars Banquet). A intenção dos caras é explorar o ritmo, como naqueles tempos em que o som era capaz de levar ao transe. Daí coisas como "Torque" (aberração *dub* que tem um ventilador como "defeito especial") e "Kak" – esta última, aluada por cânticos de peles-vermelhas, coriscos e percussão de marés. *ARTHUR G. COUTO DUARTE*

DIÁRIO DOS PAIS DO PUNK



Capa do primeiro número do fanzine *Punk*. Iggy Pop e Richard Hell no CBGB's, em 76 (à direita). Abaixo, a "formanda" Patti Smith, em 64

Com a volta do Television em 92 (fora o buxixo sobre os Sex Pistols) e a reunião do Velvet Underground ocorrida recentemente, há um ótimo livro para se entender melhor a aura mítica em torno destes grupos e a ligação deles com o advento do punk rock.

From The Velvets To The Voidoids: A Pre-Punk History For A Post-Punk World (Penguin), do inglês **CLIFTON HEYLIN** (autor de biografias sobre Bob Dylan, Joy Division, PIL e outros) não é apenas um relato do cenário musical nova-iorquino que se delineou nos anos 60 e continuou pela primeira metade dos 70, até atingir o apogeu com a new wave, a partir do clube CBGB's.

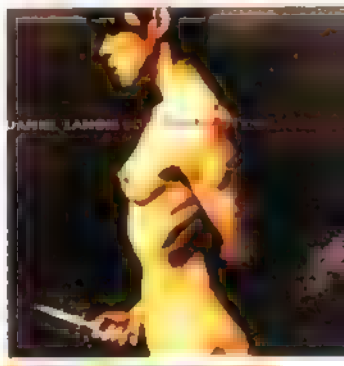
Entremeado por declarações dos principais personagens daquele movimento e ilustrado com fotos raras, o livro traça uma clara linhagem que vai desde os precursores (Velvet Underground, The Stooges, MC5, The Modern Lovers, New York Dolls), seguindo com Television, Patti Smith Group, Blondie, Ramones, Talking Heads e Richard Hell And The Voidoids. Não foram esquecidos "estranhos no ninho" como Suicide, Pere Ubu e Devo, além da turma da *no wave* (a linha mais *noisy* e radical do movimento). Além de entrevistar os principais envolvidos, o autor usou de fontes que iam das principais publicações musicais americanas e inglesas ao longo dos anos 70 e 80 até os principais fanzines da época (*Punk*, *Search And Destroy*, *New York Rocker*), além de artigos de Patti Smith, Richard Hell etc. Para completar, uma cronologia com os principais eventos do CBGB's e uma discografia selecionada das bandas. *CELSO PUCCI*

vídeo em som

BIG BLACK • Pigpile (Touch And Go): Registro da última apresentação que o grupo de Steve Albini fez na Europa, em 87 ■ **LEONARD COHEN • Songs From The Life Of Leonard Cohen** (Sony): Produção da rede britânica BBC centrada num show realizado em 88. Traz o compositor canadense interpretando músicas do disco *I'm Your Man* e velhos clássicos de sua autoria como "Suzanne" e "So Long, Marianne. Há também *flashback*, de um documentário feito sobre ele em 64 e *takes* de uma apresentação realizada em Atenas, além de uma visita à ilha grega de Hydra, onde Cohen viveu por vários anos ■ **THE STRAY CATS • The Best Of The Stray Cats** (BMG): Reunião dos clips mais famosos do trio rockabilly ("Stray Cat Strut", "Rock This Town", "Runaway Boy" e outros ■ **SOUNDGARDEN • Motorvision** (PolyGram): Show do grupo de Seattle realizado no teatro Paramount, em sua cidade natal. *C.P.*

Mais E Melhores Discos

BUZZCOCKS • Trade Test Transmission (Essential): Retorno dos veteranos punks às gravações ■ **DANIEL LANOIS • For The Beauty Of Wynona** (Warner): Álbum do produtor cultuado pelos trabalhos com U2, Brian Eno e Bob Dylan ■ **FIREHOSE • Mr. Machinery Operator** (Columbia): Segundo trabalho do grupo por uma *major*, com produção de J Mascis (Dinosaur Jr.) ■ **THE GOATS • Tricks Of The Shade** (Ruff House): A estreia do trio de rappers da Filadelfia, aclamado como "o novo De La Soul" ■ **ORBITAL • Untitled** (Internal): O tecno ambiental do duo inglês em seu terceiro álbum ■ **PAUL WESTERBERG • 14 Songs** (Sire)/**CHRIS MARS • 75% Less Fat** (Smash): O ex-líder/guitarrista e o ex-baterista dos Replacements em novas – e bem recebidas – empreitadas solo ■ **PERE UBU • Story Of My Life** (Imago): David Thomas & Cia. atacam com o sucessor do ótimo *Worlds In Collision* (91) ■ **THE POSIES • Frosting On The Beater** (DGC): Novo lançamento do grupo de Seattle, que foge do rótulo de grunge, misturando noise com fortes influências de pop/rock dos anos 60/70 (não por acaso, dois de seus membros foram convocados para tocar no retorno do Big Star) ■ **RY COODER & VISHWA MOHAN BATT A • A Meeting By The River** (Water Lily Acoustics): Inusitado encontro entre o blues e a música indiana, com Cooder (tocando violão com *bottleneck*) e o músico hindu (executando o *mohan vina*, instrumento semelhante à *slide guitar*) ■ **TIMOTHY LEARY, HAWKWIND, PSYCHIC TV, CONTROLLED BLEEDING E OUTROS • Fifty Years Of Sunshine** (Silent) CD duplo com gravações feitas para o selo independente californiano, em comemoração aos cinquenta anos da invenção do LSD ■ **VAN MORRISON • Too Long In Exile** (Polydor): Novo disco do veterano bardo irlandês, que inclui uma regravação de "Gloria", com John Lee Hooker ■ **X • Hey Zeus!** (Big Life): Marca a volta do quarteto angeleno após cinco anos. *C.P.*



LIBERTE A CABEÇA E OS QUADRIS

Coletâneas tentam explicar o groove extraterrestre do p-funk

Para começar, ele não é o Bill... Este Clinton traga! E é o inventor de um estilo inconfundível para o som negro dos anos 70.

O *p-funk* (*p* de psicodelia) foi um daqueles bizarros bichos-de-sete-cabeças do pop.

E como toda lenda mística de tempos passados, o número de gente que ouviu falar dele tem sido muito maior do que aqueles que de fato conheceram o negócio. A coisa toda foi criada pelo lunático George Clinton, que pegou o *crossover* do rock psicodélico e do soul/funk de Sly Stone, encheu de ácido até o ladrão e inventou um monstro que rebolava tanto quanto viajava.

Para divulgar seu achado, Clinton inventou dois grupos: **PARLIAMENT** (a partir de sua banda de *doo wop* dos anos 50, The Parliaments) e **FUNKADELIC**. As bandas eram essencialmente as mesmas, só mudava o som: a primeira lançava músicas mais acessíveis com predomínio de voz e metais, enquanto a outra se encarregava das *trips* mais alucinadas, baseadas em guitarras altamente hendrixianas. O que a música tinha em comum era um desvirtuamento das melodias, dos vocais e de todos os ingredientes de uma canção pop. É por isso que qualquer *p-funk* é facilmente reconhecível: não há um som normal nas músicas.

As *trips* eram tão extensas que geralmente precisavam de álbuns inteiros para se resolver. O *p-funk* tornou-se assim o único estilo do pop negro que se expressava melhor através de álbuns do que de singles. E alguns clássicos foram registrados, tanto pelo Funkadelic – *Maggot Brain* (71), *One Nation Under A Groove* (78) e *Uncle Jam Wants You* (79) –, quanto pelo Parliament – *Up For The Down Stroke* (74), *Mothership Connection* e *The Clones Of Dr. Funkenstein* (ambos de 76).

Para tocar com ele, Clinton conseguiu músicos que acompanhavam suas viagens e tocavam como demônios: o baixista Bootsy Collins, o tecladista Bernie Worrell e os ases dos metais Maceo Parker e Fred Wesley (que tocavam com James Brown). A formação média das bandas era de quarenta membros.

Clinton também inventou um jargão *p-funk*, cheio de expressões e frases absurdas como "cosmic slop", "funkentelechy" e "psychoalphadiscobetabioaquadoolop".

A filosofia do gênero falava da liberação da mente e a união do mundo através do *groove*, o poder cósmico do funk e outras viagens misturando misticismo, HQ, ficção-científica, cultura pop B e pacifismo. Os shows eram surreais: naves prateadas descendo num palco com cinqüenta pessoas, imensos sistemas de luz e altas produções dementes.

Mas a coisa não parava só na dobradinha Parliament/Funkadelic: tanto que logo havia vários projetos paralelos para dar vazão às loucuras do castelo *p-funk*: **THE BRIDES OF FUNKENSTEIN**, **P-FUNK ALL STARS**, **PARLET**, **BOOTSY'S RUBBER BAND** etc. E não é que tudo deu certo?

Consagrando hits clássicos – como "Knee Deep", "Give Up The Funk (Tear The Roof Off The Sucker)", "Chocolate City"– e com turnês lotadas, eles se firmaram como a terceira força do funk, ao lado de James Brown e Sly Stone. Prince é o discípulo-mor. No rock, Red Hot Chili Peppers (produzidos por Clinton em *Freaky Styley*), Faith No More, Infectious Grooves, Fishbone, Living Colour etc. E Frank Zappa, o verdadeiro alter-ego de Clinton no rock. No funk, abriu caminho para Cameo, Gap Band e Zapp. No rap, aparece em discos do Arrested Development, dos Jungle Brothers, do De La Soul e nos cruzamentos rock/rap como Run-DMC e Beastie Boys. Na dance, Bomb The Bass, S-Express, Deee-Lite, tecno de Detroit e muito mais. E, por que não, DeFalla e Yo-Ho-Delic.

O *p-funk*, em seus melhores momentos fez uma fusão de primeira: suingue mortal e grandes refrões. Nos seus piores, criavam alucinações longas e inaudíveis, cheias de berros e instrumentais que iam a lugar nenhum. Mas é importante conhecer. Então prepare-se e siga o cardápio básico abaixo. *CAMILO ROCHA*

PARA CONHECER CLINTON & CIA.

Os últimos meses andaram fartos nas compilações de *p-funk* em CD. **Music For Your Mother** (Westbound) reúne 33 lados A's e B's de singles do **FUNKADELIC**, como "Maggot Brain" e "You And Your Folks, Me And My Folks" – mais dez faixas inéditas em qualquer álbum ou CD. A compilação é um livreto de 24 páginas cheio de fotos e [illegible] Nos EUA, foi lançada a série **Funk Essentials** pela Mercury. Nela se inclui a compilação de **PARLIAMENT**, **Tear The Roof Off: 1974-1980**. Os com singles e faixas de albuns. E bem incompleta (não pega os primeiros anos [illegible], mas traz o suficiente para se iniciar em uma pesquisa de *p-funk*, com músicas como "Up For The Down Stroke" e "Flash Light". Outros [illegible] dessa série, **Funky Stuff** reúne faixas dos grupos de Clinton e varias [illegible] **KOOL AND THE GANG** e **THE BAR-KAYS** onde a marca do *p-funk* é bem visível. Na Inglaterra [illegible] dedicada a [illegible] com **Classic P-Funk**. O [illegible] do Parliament Funkadelic, até bandas paralelas como **THE BRIDES OF FUNKENSTEIN**, [illegible] **CAMEO**, [illegible] **RED HOT CHILI PEPPERS**. Perfeita para iniciantes que querem ver se a [illegible] ato gelada antes de mergulhar de cabeça.

O LADO OBSCURO DO PINK FLOYD

As "obras completas" de Syd Barrett em CD

Um compositor e guitarrista privilegiado, que explorava os limites das viagens induzidas pelo LSD e transformava isso em música fluida, inventiva e repleta de imagens surrealistas. Assim era **SYD BARRETT**.

O líder/mentor do Pink Floyd deixou o grupo em abril de 68, pouco depois de lançarem seu álbum de estréia, *The Piper At The Gates Of Dawn*. Sem conseguir exorcizar os fantasmas da própria piração, recolheu-se à sua cidade natal, Cambridge, isolando-se cada vez mais do cenário musical.

Este jejum foi quebrado por suas parcas sessões de estúdio posteriores, que foram editadas em 70 nos álbuns *The Madcap Laughs* (produzido por Roger Waters e David Gilmour) e *Barrett* (com Gilmour e Richard Wright tocando e co-produzindo). O primeiro trazia Syd ao violão (incluindo aí "erros" e "recomeços" nas gravações), em pérolas como "No Man's Land", "Dark Globe" e "Golden Hair". Já *Barrett*, mais consistente sonoramente (graças à banda de apoio), tinha outras bizarras maravilhas de Syd, como "Gigolo Aunt", "Wined And Dined" e "Effervescing Elephant". Além destes registros, só houve a compilação *Opel* (88), com *outtakes* daquelas gravações. **Crazy Diamond: The Complete Recordings** (Harvest) vem reunir todo esse material e mais: no CD triplo estão os dois álbuns, *Opel* e outras vinte faixas com versões alternativas e sobras diversas, não contendo portanto nada inédito. O que não é demérito para um pacote que abrange a pequena – mas fundamental – obra de Syd, onde lirismo e loucura se fundiam numa síntese genial. *CELSO PUCCI*

REPLAY

A VOZ DO BRASIL

A EMI-Odeon traz o velho baiano na série 2 Em 1

DORIVAL CAYMMI é um patrimônio da música popular. A partir dos acordes tortos trançados pelo músico baiano nos anos 30 e 40, a bossa nova criou sua base harmônica. Quando cantores empostavam a voz e rasgavam samba-exaltação, o baiano engrossava a voz, alterava acordes e falava de um mundo em extinção: o Brasil praiano, rural, folclórico. Caymmi rompeu com o folclore para criar a tradição popular no Brasil. Foi precursor da Tropicália e de tudo o que nasceu dela.

Os dois álbuns agrupados neste CD são indispensáveis. **Caymmi E Seu Violão** (59) traz canções de harmonias avançadas, como "Noite De Temporal", de fazer inveja a John Coltrane. É uma obra fora do tempo. **Eu Não Tenho Onde Morar** (61) é mais tradicional, com arranjos do maestro Lindolpho Gaya. O samba-de-roda amaxixado "Eu Não Tenho Onde Morar", exibe Caymmi no esplendor. Ouvi-lo em "O Dengo Que A Nega Tem" (sucesso de Carmen Miranda) e em "Marina" não tem coisa igual. *LUÍS ANTÔNIO GIRON*

UM PAR DE ÓCULOS E UM PIANO

Mais de duzentas canções de Elton John relançadas em CD

A PolyGram dá bons motivos para um rombo no orçamento dos fãs de **ELTON JOHN**, que não possuem seus discos em CD. São 21 centímetros de estante, ou o número de álbuns do calvo e alegre Reginald Kenneth Dwight soltos numa só tacada. Eis os discos:

Empty Sky (69): álbum que passou batido na Inglaterra e só foi editado nos EUA em 75 • **Elton John** (70): marcou a estréia dele nas parada americana com a faixa "Border Song" • **Tumbleweed Connection** (70): sexto lugar na parada britânica e quinto nos EUA • **Madman Across The Water** (71): com boas canções como a faixa-título e "Indian Sunset" • **Honky Chateau** (72): tinha "Rocket Man" e foi seu primeiro álbum a atingir o topo da parada americana • **Don't Shoot Me, I'm Only The Piano Player** (73): foi gravado na época em que John criou seu próprio selo, Rocket • **Goodbye Yellow Brick Road** (73): além da canção homônima, tinha "Candle In The Wind", homenagem a Marylin Monroe • **Caribou** (74): com "Don't Let The Sun Go Down On Me", depois gravada em parceria com George Michael • **Captain Fantastic And The Brown Dirt Cowboy** (75): considerado autobiográfico, foi um dos melhores álbuns de Elton, puxado pelo hit "Someone Saved My Life Tonight" • **Rock Of The Westies** (75): depois deste álbum, John ganhou uma estrela no Hollywood's Walk Of Fame • **Blue Moves** (76): Álbum duplo, com David Crosby e Graham Nash nos vocais de apoio • **A Single Man** (78): como o título sugeria, foi a época em que John desfêz a parceria com Bernie Taupin (Gary Osborne tomou seu lugar) • **Lady Samantha** (80): coletânea com raridades, como a faixa-título, que foi o segundo single de Elton lançado originalmente em 69, época em que – acreditem – ele era testado para o vocal do King Crimson! • **21 At 33** (80): o vigésimo-primeiro álbum no trigésimo-terceiro ano de vida de Elton • **The Fox** (81): Disco pouco expressivo, com destaque para a faixa "Nobody Wins" • **Jump Up!** (82): incluia "Empty Garden (Hey, Hey, Johnny)", um tributo a John Lennon • **Two Low For Zero** (83): o álbum que marcou a volta de Taupin como seu parceiro • **Breaking Hearts** (84): com o hit "Sad Songs (Say So Much)" • **Ice On Fire** (85): com a participação de George Michael em "Nikita" • **Leather Jackets** (86): teve como maior sucesso, "Heartache All Over The World" • **Reg Strikes Back** (88): feito na época do escândalo noticiado (e depois desmentido) pelo tablóide *The Sun*, segundo o qual John alugava garotinhos para orgias sexuais. *JOSÉ J. DO ESPIRITO SANTO*

Ele morreu em 4 de maio passado, aos 47 anos, vítima de câncer no fígado. Mas como guitarrista, arranjador e produtor, **MICK RONSON** – ou "Ronno" – deixou sua marca no panteão do rock'n'roll, com uma carreira brilhante, apesar de inconstante.

Nascido em Hull, no sul da Inglaterra, ele formou vários grupos semi-profissionais (The Mariners, The Rats, Ronno), antes de ir para Londres, onde conheceu Tony Visconti. Na época, além de produtor do Tyrannosaurus Rex – o embrião do T. Rex, de Marc Bolan –, Visconti trabalhava também com David Bowie, que até então só tinha alguns singles como David Jones e dois álbuns de pouca projeção.

Bowie procurava um guitarrista e ao conhecer Ronson formou o efêmero Hype, com Visconti no baixo e o baterista John Cambridge. Este deu lugar a Michael Woodmansey, velho chapa de Ronson no grupo The Rats, Bowie gravou *The Man Who Sold The World* em 70 – o disco que antecipou sua fase *glitter* – e na sequência, outro álbum de peso, *Hunky Dory*.

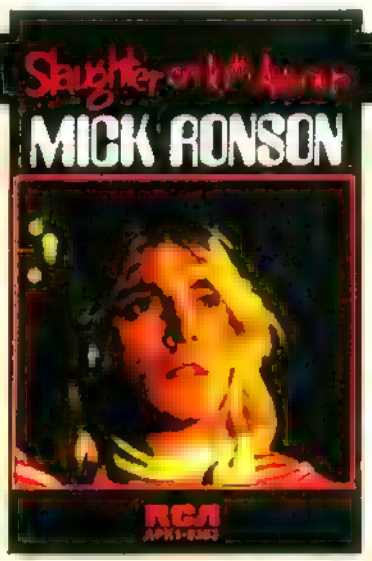
Mas o melhor estava por vir em 72, quando *The Rise And Fall Of Ziggy Stardust And The Spiders From Mars* surgiu. Com Bowie assumindo a personagem de *rockstar* futurista/bissexual e a moldura instrumental das "aranhas marcianas" (Ronson, Woodmansey e o baixista Trevor Bolder), o disco e a turnê subsequente foram sucesso absoluto, sedimentado com o lançamento de *Aladdin Sane*, em 73. Mas como as mudanças radicais sempre foram uma constante nos projetos de Bowie, no dia 3 de julho, no final de um show no Hammersmith Odeon, ele anunciou a dissolução do grupo. Antes disso, porém, a dobradinha Bowie/Ronson ainda obtivera outra proeza: produzir o clássico *Transformer* para Lou Reed – detalhe: o arranjo de cordas para "Walk On The Wild Side" foi feito por Ronson, mais uma prova de sua versatilidade.

Ronson então lançou-se em duas erráticas – e comercialmente mal-sucedidas – incursões solo, com os álbuns *Slaughter On Tenth Avenue* e *Play, Don't Worry*. Entre eles, ainda encontrou tempo para se integrar ao Mott The Hoople em seus derradeiros shows, até sair juntamente com o ex-líder Ian Hunter para formar a Hunter Ronson Band, de curta duração. Entretanto, Mick viria a colaborar na carreira solo de Ian e retomaria a parceria eventualmente em shows e em um disco. No final de 75, Ronson participou da Rolling Thunder Revue, acompanhando Bob Dylan. Na seqüência, foi produtor de Roger McGuinn (*Cardiff Rose*, de 76), de Ellen Foley (*Night Out*, de 78) e de David Johansen (*In Style*, de 79).

Nos anos 80, ficou afastado do cenário musical e ressurgiu em associação com Ian Hunter no álbum *YUI ORTA* (90). Eles tocaram juntos "All The Young Dudes" (hit do Mott The Hoople composto por Bowie) ao lado do Queen, no tributo a Freddie Mercury, em abril de 92. O passo seguinte de Ronson foi produzir o álbum *Your Arsenal*, de Morrissey.

Depois disso, reapareceu ao lado de Bowie na versão do hit do Cream, "I Feel Free", no álbum *Black Tie, White Noise*. Em retribuição, Bowie fez vocais no disco solo que Ronson gravava e que estava quase completo quando ele morreu. O álbum – com participações de Ian Hunter, Chrissie Hynde e John Cougar Mellencamp, entre outros – deve sair em breve e incluirá a versão de "All The Young Dudes", gravada na homenagem a Freddie Mercury. Mesmo sem todas as honrarias que o finado vocalista do Queen recebeu, a obra de Mick Ronson permanece viva. *CELSO PUCCI*

DISCOGRAFIA SELECIONADA



Além dos discos solo, aqui estão os álbuns que Mick teve participação efetiva como músico e arranjador – ficando de fora os discos que ele apenas produziu.

› Disponível em CD nos EUA, na Europa e no Japão
● Disponível em CD nos EUA
○ Disponível no Brasil em vinil, CD e cassete pela EMI-Odeon, em relançamentos (com faixas-bônus) editados internacionalmente pela Rykodisc a partir de 90

MICK RONSON
Slaughter On Tenth Avenue (RCA, 74)
Play, Don't Worry (RCA, 75)

IAN HUNTER/MICK RONSON
YUI ORTA (Mercury, 90) ›

IAN HUNTER
Ian Hunter (Columbia, 75) ●
You're Never Alone With A Schizophrenic (Chrysalis, 79)

DAVID BOWIE
The Man Who Sold The World (RCA, 70) ○
Hunky Dory (RCA, 71) ○
The Rise And Fall Of Ziggy Stardust And The Spiders From Mars (RCA, 72) ○
Aladdin Sane (RCA, 73) ○

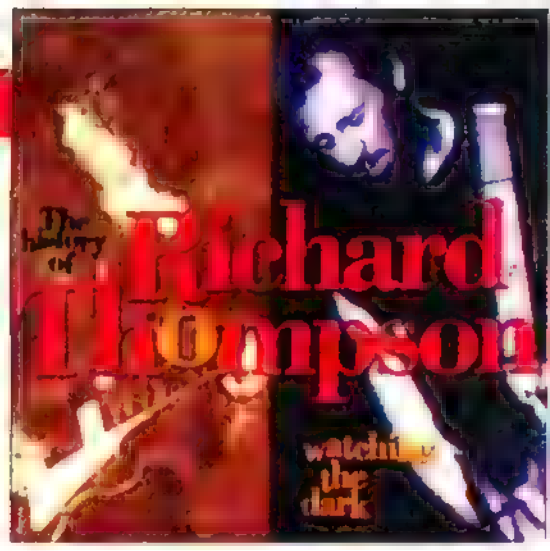
REPLAY

Uma coletânea notável de blues e soul é **The Fire/Fury Records Story** (Capricorn), CD duplo que traz as principais gravações dos dois selos independentes dirigidos por Bobby Robinson, a partir de sua loja no Harlem nova-iorquino. Do pequeno reduto, ele tornou-se produtor da turma do soul (**WILBERT HARRISON, BUSTER BROWN, GLADYS KNIGHT AND THE PIPS**) e também do blues (**ELMORE JAMES, LIGHTNIN' HOPKINS**). Estes e outros artistas estão nas 52 faixas, registradas entre 57 e 69 ■ A mesma gravadora Capricorn edita outras quatro caixas de alta qualidade.

BLUES, SOUL, ROCK'N'ROLL ETC...

Uma seleção coisa fina de lançamentos importados recentes

The Scepter Records Story traz um *cast* eclético, que reúne em 3 CDs registros com **THE SHIRELLES, THE ISLEY BROTHERS, THE KINGSMEN, B.J. THOMAS** etc. Mais um par de pacotes duplos são dedicados ao blues: o mestre **ELMORE JAMES** tem suas principais gravações pelos selos Fire e Fury compiladas em **King Of The Slide Guitar**, enquanto **The Jewel/Paula Records Story** é composto de gravações que **LITTLE JOHNNY TAYLOR, MEMPHIS SLIM, JOHN LEE HOOKER** e outros *bluesmen* fizeram para aqueles dois selos de Los Angeles. Por fim, na conexão blues/r&b, **The Cobra Records Story** apresenta em dois CDs **BUDDY GUY, OTIS RUSH, MAGIC SAM, IKE TURNER'S KINGS OF RHYTHM** e muito mais, em faixas gravadas em Chicago e produzidas pelo gênio musical da Chess, Willie Dixon ■ E já que se trata da lendária gravadora, a caixa de quatro CDs **The Chess Blues** (MCA) não é apenas uma mera reunião de faixas dos nomes mais conhecidos de suas fileiras (**MUDDY WATERS, HOWLIN' WOLF, LITTLE WALTER**). Suas 102 canções juntam este time *all star* a nomes obscuros (**ROBERT NIGHTHAWK, J.B. LENOIR, WILLIE NIX, DR. ISAIAH ROSS**), incluindo registros raros e inéditos ■ O *zydeco* de Nova Orleans tem sua vez em compilações com dois mestres: **CLIFTON CHENIER** aparece nas quarenta faixas do CD duplo **Zydeco Dynamite** (Rhino) e **Menagerie** (Mango) reúne onze registros de **BUCKWHEAT ZYDECO** ■



O guitarrista **RICHARD THOMPSON** tem sido um ás do folk rock britânico desde os anos 60, quando se projetou no Fairport Convention. Depois, alternando produções solo com trabalhos com sua mulher Linda, construiu uma sólida carreira mesclando temas celtas tradicionais ao *punch* do rock'n'roll. Este espectro musical está abarcado na caixa tripla **Watching The Dark: The History Of Richard Thompson** (Hannibal), em 47 faixas que incluem diversos *takes* alternativos e inéditos ■ Direto aos anos 80: **Hell And Back Together: 1984-1990** (Restless) da banda **T.S.O.L.** registra o melhor da fase *power pop* do grupo, quando eles gravavam pelo selo Enigma. Já **Tell Me When It's Over: The Best Of The Dream Syndicate (1982-1988)** (Rhino) retrata a neopsicodelia da finada banda do guitarrista Steve Wynn ■ Aos fãs do hard country pop do quarteto americano **THE REPLACEMENTS**: o selo Twin Tone relançou em CD seus quatro primeiros discos: ou seja, os álbuns **Sorry Ma, Forgot To Take Out The Trash** (81), **Hootenanny** (83)e **Let It Be** (84), além do EP **The Replacements' Stink** (82). *C.P*

Veja Aqui o Que Vem Por Aí.

Atenção passageiros com destino ao Planeta Música: nas próximas edições da Bizz, voaremos a Londres para saber das últimas peripécias de Ozzy Osbourne. Ainda na terra da Rainha, aproveitaremos para ver as gravações do próximo disco do Sepultura. Saindo da ilha para o continente, acompanharemos a turnê do Paralamas do Sucesso pela Europa. Partindo num vôo direto para o Japão, vamos descobrir o que o Viper está aprontando do outro lado do mundo. Retornando ao Brasil, viajaremos aos anos 60 para revelar a história secreta do Rock brasileiro. E daqui, seguiremos para onde a música fôr, acompanhando de perto todos os seus movimentos. Portanto, se você quer saber de onde a música vem e para onde ela vai, prepare sua bagagem, embarque nas próximas edições da Bizz e boa viagem.

Com a Bizz você vai mais longe.
Antes que tudo aconteça.

BiZZ

EDITORA
AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor - Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Diretor: José Augusto Lemos
Redator-Chefe Andre Forastieri
Editor: Celso de Sales Pucci
Editor de Arte: Richard Kovacs
Editor Assistente (texto): Camilo Rocha
Redator: Rogerio de Campos
Repórter: Carlos Eduardo Miranda
Coordenador de Produção: Marcelo de Castro
Diagramadores: Antônio Fernando Morra, Renato Yada (senior)
Correspondentes: AnaMaria G. Lemos (Londres) André Barcinski, José Emilio Rondeau (Los Angeles)
Colaboradores - Texto: Abonico Ricardo Smith, Alex Antunes, Arthur G. Couto Duarte, Celso Fonseca de Araujo, Claudio Campos, Daniel Benevides, Fabio Massari, Gleisson de Souza Lima, Joe João Ricardo Lima, Jose Flavio do Espirito Santo, Luis Antonio Giron, Luis Ricardo Mauser, Marisa Adan Gil, Otavio Rocha, Paulo Cavalcanti, Pepe Escobar, Rene Ferri, Thales de Menezes, Zeca Camargo **Fotografia:** Rui Mendes, Sergio Nedal, Plinio Borges, Luciana de Justa **Revisão e Preparação de Texto:** Alexandre Ortiz Ramos **Ilustradores:** Macarrão, Matangra Speto, Tora Inc. **Arte:** Flavio Vanna

PUBLICIDADE

Diretor: Claudio Santos
Supervisores de Contas: Maria Gisele Magno, Nilo Galdeano Bastos, Oscar de Oliveira
Diretor de Vendas: Oswaldo Maffei Jr.
Contatos: Ana Maria Lobo, Marilia Hindi (Dir.), Tania Mattana (Ag.)
Supervisora de Vendas (Rio): Lidia Camarate
Marketing Publicitário: Maria de Moraes
Coordenadores: Igor Assan, José Soares

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Miranda Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Ana Camargo
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Sandra Gaia Ponsoni

Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Rossane Gonçalves Costa
Diretora Responsável: Diege de Lima Doria Castro

BIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **(ISSN 0104-1649, edição 96, julho de 1993). São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel. (011) 816-7866, Caixa Postal 66254 CEP 05389-970 telex (011) 83178, fax (011) 813-9115 **Rio de Janeiro:** Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35 CEP 20020-080, Centro tel. 021-532-0313 telex (021) 36890 fax (021) 532-1468 CP 4816 **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 268 Camarate Lisboa **Assinaturas:** valor de capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com a variação do IPCA (divulgado pelo IBGE) ou outro indexador que venha a substituí-lo. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual pode ser cedido a empresas idôneas para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante cujos telefones constam desta revista. **Numeros atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222 **Fotolito:** Fotoline Ltda, Postscript Artes Gráficas

ANER IVC

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

BIZZ
EDITORA AZUL

ÀS SUAS ORDENS.

A Editora Azul, como empresa do Grupo Abril, mantém uma Central de Atendimento pronta a resolver qualquer dúvida e prestar esclarecimentos sobre sua assinatura. Estamos à sua inteira disposição para lhe oferecer sempre o melhor atendimento.

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

Ligue das 8h às 18h para:

Belo Horizonte - Tel. (031) 261-7070
Brasília - Tel. (061) 321-8855
Curitiba - Tel. (041) 252-5566
Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Porto Alegre - Tel. (051) 229-4177
Recife - Tel. (081) 424-1655
Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Salvador - Tel. (071) 371-5577
São Paulo - Tel. (011) 823-9222

Ou escreva para:

Editora Abril
Assinaturas
Rua do Curtume, 769 - CEP 05066-900 - São Paulo - SP

Em caso de mudança de endereço, utilize um dos telefones acima ou envie este cupom.

Preencha todos os dados deste Pedido de Alteração, coloque-o num envelope e envie-nos. Através de e você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina. Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 a 6 semanas após recebermos o seu pedido.

COMO ALTERAR SEU ENDEREÇO

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu código de assinante e seu nome.

Nome _____

Código de assinante |_|_|_|_|_|_|_|_|

Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas.

Novo endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____ Tel. _____

Revistas que você quer receber neste novo endereço: _____

EDITORA
AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

CONTIGO
Atualidades [illegible]

BIZZ
[illegible]

LETRAS TRADUZIDAS
[illegible]

SET
[illegible]

SET 1000 VIDEOS
Seleção dos Melhores [illegible]

OS CAMINHOS DA TERRA
Natureza, Aventuras e Ecologia

FLUIR
[illegible]

BOA FORMA
Ginastica, Esporte e Saúde

HORÓSCOPO
[illegible]

HORÓSCOPO ANUAL
[illegible]

SAÚDE É VITAL
[illegible]

CARÍCIA
[illegible]

AÇÃO GAMES
[illegible]

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: [illegible]

Rio de Janeiro: [illegible]

Los Angeles (EUA): [illegible]

Nova York: [illegible]

Paris: [illegible]

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: [illegible]

Campinas: [illegible]

Minas Gerais: [illegible]

Parana: [illegible]

Rio Grande do Sul: [illegible]

Santa Catarina: [illegible]

TAPE DECK'S • POTÊNCIAS • TOCA DISCOS
• MICROFONES • CAIXAS ACÚSTICAS
TODA A LINHA PARA P.A.
COMPRA • VENDA • TROCA
NACIONAIS E IMPORTADOS
VENDAS PARA TODO O BRASIL
Rua dos Andradas, 396 - CEP 01208-000 - Sta. Efigênia
Tel.: (011) 220-2077 - 221-6222 - 222-6046 - Fax: 223-7682

SHOPPING BIZZ SHOPPING

BLACK WHITE

ATENÇÃO DJ'S E LOJISTAS
A MAIOR VARIEDADE DE DISCOS
NACIONAIS E IMPORTADOS
ATACADO E VAREJO
PREÇOS ESPECIAIS PARA LOJISTAS

DANCE, TECHNO,
MIAMI, BASS,
CLUB HOUSE

ABSOLUTA QUALIDADE INTERNACIONAL AO PREÇO DE DISCO COMUM

LANÇAMENTOS SIMULTÂNEOS
CONEXÃO SEMANAL
ATUALIZADA COM EUROPA E USA

CONFIRA!
FAÇA SEU PEDIDO HOJE POR CARTA, TELEFONE OU FAX. REMETEMOS PARA TODO O BRASIL ENTREGA URGENTE VIA SEDEX.

BLACK WHITE A LOJA DOS DJS

TEL/FAX
(031) 212-6304
R. RIO DE JANEIRO, 630 - LJ 53 - CENTRO
BELO HORIZONTE - MG - CEP 30.160-041

CENTRAL DE INSTRUMENTOS MUSICAIS

NACIONAIS E IMPORTADOS
ATENDEMOS A TODO O BRASIL
Fax: (011) 815-0880
Fone: (011) 883-5080
• Loja Pinheiros
Rua Teodoro Sampaio, 763
Loja 10 - CEP 05405-050
• Loja Guarulhos
Rua Padre Celestino, 70 - Centro
Fone: (011) 208-1318

I.P.A.
INSTRUMENTOS MUSICAIS

AMPLO ESPAÇO
SEMPRE UM BOM NEGÓCIO
TELEVENDAS PARA TODO O BRASIL
(011) 282-5653
(011) 881-1515
FAX: (011) 64-3430
ESCREVA, LIGUE, SOLICITE CATÁLOGO E LISTA DE PREÇOS
RUA TEODORO SAMPAIO, 770 - PINHEIROS - CEP 05406-000 - SÃO PAULO - SP

Aqualung
RECORDS LTDA

CDs NACIONAIS E IMPORTADOS
TODOS OS TÍTULOS DISPONÍVEIS
ACEITAMOS ENCOMENDA / SEDEX
The Best In The Gallery!
R 24 de Maio, 62 - 1º Andar - Lj. 269 - Galeria do Rock - Fone: (011) 222-0284

LOUDER

CDs E VÍDOES IMPORTADOS
OFICIAIS E PIRATAS
CAIXA POSTAL 135
CEP 07111-970
ENVIAR ENVELOPE SELADO PARA RESPOSTA

ANARQUIA MUSICAL

INSTRUMENTOS MUSICAIS
CRATE • PEARL • PEAVEY • MAPEX • ZILDJAN • SABIAN
• ROLAND • MULTI-EFEITOS • MANFORD • BOSS
COMPRA • VENDA • TROCA
NACIONAIS E IMPORTADOS
Rua Cristiano Viana, 524 - CEP 05411-000 - Pinheiros
Tel.: (011) 280-8708 - 883-0074 - São Paulo - SP

Hellion!

ESPECIALIZADA EM LPs/CDs EUROPEUS
ACEITAMOS ENCOMENDAS
(011) 223-8855
LANÇAMENTOS/EXCLUSIVIDADE
HELLION RECORDS
• DREAM THEATER (Images and words)
• GENOCIDIO (Hoctaedron)
• MEDICINE DEATH (1º LP)
SOLICITE CATÁLOGOS
RUA 24 DE MAIO, 62 - 2º ANDAR - Lj. 308
CENTRO - SÃO PAULO - SP - CEP 01041-000

LONDON CALLING
DISCOS, CDs E VÍDEOS

A MAIS COMPLETA
EM NOVIDADES E RARIDADES
SEMANALMENTE OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DOS EUA/EUROPA/JAPÃO
RARIDADES DE: U2 • RAMONES • MADONNA • DOORS
• PET SHOP B. • LED ZEPPELIN • IRON M. • S. PISTOLS
ACEITAMOS ENCOMENDAS DE TODO O PAÍS
SOLICITE CATÁLOGO
Fone: (011) 223-5504
Rua 24 de Maio, 116 - Rua Alta - Lj. 15 - CEP 01041 - Centro - SP

GABBA GABBA HEY

DISCOS • CDs • VHS (USA/EUROPA/JAPÃO)
HARD ROCK / PUNK / METAL / EBM / ROCK'N ROLL
ACEITAMOS ENCOMENDAS DE TODO O PAÍS
FONE: (011) 222-6679
Rua 24 de Maio, 116 - Terreo - Lj. 29 - CEP 01041 - Centro - SP

BIZZ NOVA: O VEREDITO

Achei a BIZZ de cara nova excelente pelo menos a demo tem tudo para fazer o diabo, perfeita e impecável! Ainda bem que vocês acordaram e saíram da "crise dos anos 80". Evolua-se é preciso

Ludmila Azevedo Dias
Belo Horizonte, MG

Graficamente sempre impecável, a BIZZ mudou novamente e está linda em todas as seções - apesar de Discos estar um pouco confusa visualmente. Palmas também pela volta do *Rápido & Rasteiro* para *Replay*, para a *Zona Franca* renovada e pela volta de Mr. Pepe Escobar.

Long live the new BIZZ!

Beatriz Martins
Valinhos, SP

Vocês da redação pensam que nós somos o quê? Cobaias que testam suas horríveis matérias? Odiei essa tal "restauração" da revista.

Maria Aparecida Boaventura
Salvador, BA

Parabéns pela mais nova e amadiçoada mutação que vocês fizeram, como o próprio editorial escrito pelo Forastieri. E a revista mais moderna e dinâmica do país. Hoje vocês têm os mais talentosos, jovens e destemidos críticos, jornalistas, fotógrafos, diagramadores e ilustradores que o país já viu!

David D. Correia Jr.
Guarulhos, SP

Fica quase impossível não ofender as suas mães, quando se pega uma revista que logo de cara traz uma capa que mais parece diário de menina. E das bem frescas. Por que não colocaram logo uma capa rosa com coraçõezinhos, suas bichonas? Se não for publicada ao menos uma frase desta minha carta vai chover sangue aí pela redação.

Fabio Rangel de Souza
Altamira, PA

Ui, santa, como você é macho! Publicamos tua carta não por medo e sim para poder detonar você. Otário, aparece aqui que a gente lava o chão com a sua cara feia. Zé Maré

A edição foi uma merda. Muito pouca coisa se salvou. A BIZZ está é de bunda nova!

João Bizzonho
Maringá, PR

Achei a BIZZ nova um deslino, o visual tá demais, mas o que queimou foi a ninfeta desmamada que ocupou duas páginas... perda de tempo e talento. Tão quase acertando pouco.

Patricia Nechar
Piracicaba, SP

Quero reclamar desta nova edição. Revista bonitinha, cheia de enfeites, mas a mesma merda! Porra, falam, falam, mas não mudam. Está certo, a revista ficou do caralho, mas vocês não mudaram nada. Skank, Virna Lisi, Edu K e Okotô? Me dá vontade de vomitar! Quando vocês forem falar de novidades e gravadoras independentes, falem mesmo, não fiquem só na promessa.

Anna
Belo Horizonte, MG

É claro que com essa edição, com tudo novo, totalmente diferente, a mudança teria que ser para melhor, não é?

E eu amei saber que dentro dessa mudança estava lá o grupo que eu mais amo nesse mundo: Duran Duran.

Flavia Le Bon
São Paulo, SP

A BIZZ continua legal de cara nova e com ótimas matérias, como Duran, Depeche, Kiss e Janis. O que eu mais gosto na revista é o que a maioria odeia: o ecletismo.

Eliana Lorzing
Salto, SP

Gostei muito da cara nova da BIZZ, além de que essa é uma das melhores fases do rock nacional. BIZZ, bota para quebrar.

Isabela Stampanoni Rosas
Olinda, PE

Do começo ao fim a nova BIZZ estava irresistível e cativante, qualquer leitor não ia deixaria de lado para ler outro "best seller". Vocês capricharam demais e por isso eu não vou mais cancelar minha assinatura. Valeu mesmo.

Paulo Cesar dos Santos
Santo André, SP

Não gostei nem um pouco dessa nova edição. Está uma merda!!! Odiei a matéria sobre "a nova cara da MPB". Não tinha coisa pior? A única que gostei foi *Replay*.

Alexsander Oliveira da Silva
Duque de Caxias, RJ

Eu ia escrever antes, mas esperei sair a revista deste mês para ver como tá ficando para meter o malho ou não. Vocês tiveram sorte do novo visual ter ficado ótimo. O que me deixa puto é o fato de vocês deixarem o André Forastieri fazer parte da revista, porque esse cara só fala merda e é um crítico de merda.

Parabéns ao André Barcinski que nunca joga conversa fora.

Wagner A. Guimarães
Rio de Janeiro, RJ

E aí *brothers*, parabéns pela nova mutação da BIZZ, que ficou muito legal.

Morto Ramone (Mongolords)
Santa Isabel, SP

Não gostei do visual da capa. Eu preferia a antiga, onde o logo era no centro, permitindo uma melhor visualização. No interior, o visual melhorou bastante com a grande quantidade de cores utilizadas.

Leandro Luiz Feliciano
Pouso Alegre, MG

Estou escrevendo esta carta para parabenizá-los pela edição de maio, vocês prometeram mudanças e aqui está ela nas minhas mãos. Eu, pelo menos, estou contente.

Marcio de Freitas
Itatiba, SP

DIRETO DA GARAGEM

Valeu a força dada às bandas nacionais nos últimos números da BIZZ. Afinal, qualquer acorde emitido por qualquer banda em qualquer garagem de qualquer cidade do Brasil vale mais que qualquer texto babaca escrito por um crítico metido a "cabeça". Continuem melhorando, minha assinatura está começando a valer a pena.

Marcio Coelho
Cachoeiro do Itapemirim, ES

A BIZZ está se tornando cada vez mais vulgar, menos eclética e mais "povão". Há muitos fanzines melhores por aí e mais alternativos. Novidades não são exclusividades da BIZZ e vocês só "descobrem" essas novidades depois que elas acontecem.

Ana Natacha Marins
Porto Alegre, RS

MASSAGEM NO EGO

Gosto muito das matérias e seções, mas há uma seção que eu adoro: *Cartas*. É surpreendente observar a divergência de opinião entre os próprios leitores e entre esses e os críticos. Sem falar nos críticos por toda a Numa edição falam bem pra caceta de uma banda e depois metem o pau na mesma. E na próxima edição chovem cartas reclamando e xingando. Vocês são demais!

Um recado para "dona" Cidele de Oliveira. Ela não quer cinegrafistas e fotógrafos na frente dela nos shows. Pensa que os shows foram feitos exclusivamente para você? Você é grossa e sem educação. Ou você toma uma vacina contra raiva, ou começa a andar de coleira. Se toca, garota.

Cintia Bellini
São Paulo, SP

KISSES

André, valeu pela matéria com o Kiss. Foi a única coisa que me impediu de fazer bolinhas de papel com a revista e ficar jogando no lixo.

Não gostei do novo visual. Ficou uma... falou!

Pedro Paulo F. Silva
São Paulo, SP

Tomei uma caixa de cerveja em lata para comemorar a matéria do Kiss. Detalhe: nem todos que usam camiseta do Kiss são gente fina, tem os boys que usam de embalo.

André Barcinski, você só pisou na bola nesse infeliz comentário, no resto foi nota dez!

Roberto Dias Montel
São Paulo, SP

Sou assinante há dois anos dessa porra e até que enfim eu consegui ler algo sobre a maior banda de rock'n'roll de todos os tempos. Não desmerecendo a matéria, mas o boiola do Barcinski bem que poderia ter escrito algo mais recente como por exemplo o novo álbum, *Alive III*, não essas asneiras que nós fãs estamos cansados de ler e saber.

Eric Cerquiari
Limeira, SP

MORTE AO SKANK

Como uma revista pode vender com um cara chamado Samuel na capa? Como um disco vende tanto com desenhos infantis na capa? Eu odeio Skank e coisas do gênero. Eu odeio boy e tudo o que é moda. Eu odeio Skank, Chela, preço absurdo, e o redator que corta as cartas.

Morte aos boys!

Gringo Anti-Boy da Silva Garcia
Belo Horizonte, MG

Não há ninguém para cuidar dessa alma desesperada! Será que ela levou um fora de alguém num show do Skank? Ou, mais provável, nem sequer deixaram ela entrar? E o que quer dizer Chela?

ESTRÉIA: PAU NO JOÃO RICARDO

Quero manifestar meu ódio por um crítico bastardo como você, que classifica *A Real Live One*, do Iron Maiden, de disco de repertório problemático. Você é um demente! Seu calhorda! *Live After Death* contém todas aquelas músicas que você citou como "clássicos metálicos". Portanto seria ridículo a banda lançar um disco novo com as mesmas músicas daquele de 85, concorda seu crítico de merda?

Orlando A. Romero
São Paulo, SP

DROGADOS? VIADOS?

Já estou de saco cheio dessas matérias de merda que vocês escrevem sobre as bandas de drogados e viados, será que vocês acham que música é merda e nosso ouvido é pinico? Nirvana, Sepultura, RDP e etc. não fazem música e sim espetáculos de incentivo às drogas e violência. Chega de bandas internacionais imbecis, queremos matérias de grupos e cantores nacionais tais como Djavan, Caetano, Chico Buarque, Zé Ramalho etc. Chega de querer perverter a juventude brasileira.

Brasiliano de Mello
João Pessoa, PB

AQUI JAZZ

Em "Escolha seu Nirvana", André Barcinski insinuou que o jazz é "chato". Será que eu entendi bem? Chato são essas bandinhas de hoje em dia que vivem falando de pus, intestinos, vômitos e outras besteiras. Chato é ter que aturar modismos que usam o rock'n'roll como veículo... e, finalmente, chato é saber que a BIZZ contrata "críticos" de música que não entendem nada do assunto.

Marco Antonio F. Ribeiro
Manaus, AM

PARADA

Onde foi parar a parada de discos dos leitores? Onde foi parar a parada de discos das lojas nacionais? Parece que tudo isto foi substituído pela parada japonesa, grande idéia nipônica! Três anos de assinatura para saber como anda a parada nipônica!

Wagner Mendes Santos
Santa Bárbara, MG

Uma parada realmente parada!

Cleibson Carlos Alves Cabral
Diadema, SP

As paradas dos leitores e das lojas saíram temporariamente de circulação para se reformularem, já que não estavam tão representativas. Quanto à japonesa, ela apareceu como itinerante, como se notou na BIZZ seguinte.

GUITAR TABLATURE
Todos os Books de Rock !!!
Toque você mesmo, peça HCM-Catálogo:
Cx. Postal 6106
CEP 01064-970 ou pelo fone:
(011) 223-7605

O ROCK CHEGOU DE VEZ AO BOM RETIRO
A MAIS NOVA LOJA ESPECIALIZADA EM ROCK
- Moleton
- Camisetas
- Anéis
- Bottons
- Patches
- Adesivos
- Bonés
- Etc

PAYTON Rock

DISCOS E CDs
EXCLUSIVIDADE NA REGIÃO:
- STAMP
- NEW ROCK
- PAYTON ROCK

Atacado e Varejo (Pronta Entrega)
Loja da Fábrica: Rua Prates, 334 - (Metrô Tiradentes)
CEP 01121-000 - SP - SP - Tel.: (011) 229-4452

PAI DO ROCK
INSTRUMENTOS MUSICAIS

GUITARRAS:
Fender • Gibson • Ibanez • Charvel • Jackson • Ana Pro • Dolphin • Golden • Giannini

ACESSÓRIOS:
Transmissor Nady • Sequencier Yamaha • QY-10 • Pontes Floyd Rose e Khaller • Captadores EMG, Dimarzio e Seymour Duncan • Toda linha de Boss e Oliver • Gravadores Fostex e Tascam • Digitech GSP-21 e RP-1 • Korg A-4 • Zoom 9000 com pedaleira • Alesis Quadraverb GT • Amplificadores Crate • Tarrachas e pontes Gotoh • Microfones Shure

PRATOS - PELES - FERRAGENS
Sabian • Zildjian • Paiste • Camber • Remo • Tama • Pearl • Maxtone

VENDA • TROCA • CONSIGNAÇÃO
CONSERTOS E REGULAGENS
NOVOS E USADOS (NAC. E IMP.)
ATENDEMOS TODO O BRASIL

Rua Teodoro Sampaio, 865
Fone: (011) 883-6779
NOVA LOJA
Rua Teodoro Sampaio,763 Lj. 17
Fone: (011) 851-1651
CEP: 05405 - Pinheiros - SP

D.B

discoteca básica

MICHAEL JACKSON
Off The Wall

PERFORMANCE

Lançamento: 1979 **Produção:** Quincy Jones **Faixas:** "Don't Stop 'Til You Get Enough" • "Rock With You" • "Working Day And Night" • "Get On The Floor/Off The Wall" • "Girlfriend" • "She's Out Of My Life" • "I Can't Help It" • "It's The Falling In You" • "Burn This Disco Out" **Notas:** O álbum chegou em terceiro na parada americana, na qual figurou por 169 semanas • Dois singles em primeiro lugar: "Don't Stop 'Til You Get Enough" (que deu a Michael o Grammy de melhor vocalista de r&b) e "Rock With You", sendo que "Off The Wall" e "She's Out Of My Life" também chegaram ao *Top Ten* • Jackson foi o primeiro artista solo a ter quatro singles de sucesso em um álbum, recorde batido por ele mesmo, com *Thriller* • Escrita por Paul McCartney, "Girlfriend" chegou ao 41° lugar da parada britânica, onde já constavam os singles "Don't Stop...", "She's Out Of My Life" (ambos batendo no terceiro posto) e "Rock With You" (sétimo lugar). *Off The Wall* chegou ao *Top Five* entre os álbuns • Disponível em vinil, CD e cassete no Brasil (pela série *Best Price*, da Sony), EUA, Europa, Japão e em outros países.

O ano de 79 dividiu muitas águas. Ao mesmo tempo em que o punk pedia para alguém desligar os aparelhos na UTI, a *disco music* mostrava níveis nunca antes alcançados de manipulação de estúdio e aproveitamento máximo de tecnologia (tanto para o bem como para o mal). Era a vez dos anos 80: céticos, profissionais, estilosos e obcecados com a imagem. Como seria o pop dessa década? Superproduzido, sem vergonha de ser "um produto" e polivalente: não bastava ter música, tinha que ter bom clip, uma roupa legal, dançar bem, fazer um show mega etc.

Quer dizer, o fim da atitude artística e da música em favor da grana e da imagem? Nem tanto. É aí que residia a autenticidade desse novo pop, que acabou levando esses conceitos à categoria de arte.

Se isso acabou sendo bom ou ruim é história para contar outro dia, mas isso era um reflexo natural do estágio de então na música pop: uma tentacular indústria trilhardária amparada por ultratecnologia, tanto no estúdio como na promoção de artistas, como provaram os símbolos da década de 80: Duran Duran, George Michael, Janet Jackson, Whitney Houston, Madonna e – claro – Michael Jackson.

Foi ele, em *Off The Wall*, que lançou o marco zero deste novo conceito. Aperfeiçoou tudo em 83, com *Thriller* (só lembrando, o disco mais vendido da história), mas a semente já estava em *Off The Wall*, em que se apresentava como um artista que compunha, cantava, dançava, atuava em clips superproduzidos e lançava álbuns ultra-bem feitos e cheios de hits.

Michael já vinha ensaiando seus passos solo desde 72 com hits como "Ben" e "Got To Be There", mas sem assumir isso *full time*. Com a consolidação do sucesso do grupo The Jackson 5 , Michael ia amadurecendo e as coisas começavam a mudar de figura. Em 76, a Epic comprou o passe dos Jacksons da Motown. Fizeram dois contratos: um para o grupo, que virou The Jacksons e outro para o jovem Michael. Era consenso de que os irmãos reunidos eram bons, mas quem ia render mesmo a longo prazo seria aquele moleque prodígio. A Epic tratou de cuidar para que seu estouro solo fosse certeiro.

Para a produção foi chamado o maestro Quincy Jones, multiinstrumentista, arranjador e gênio de estúdio, com um currículo de *bandleader*, jazzista, compositor de trilhas e produtor de soul.

Os músicos do disco foram pinçados entre a nata das chamadas "feras de estúdio" da época (como o baixista Louis Johnson e o tecladista Greg Phillinganes). Paul McCartney e Stevie Wonder contribuíram

com duas baladas, "Girlfriend" e "I Can't Help It", respectivamente. Jones ainda recrutou um colaborador que se mostrou essencial para o resultado final: o inglês Rod Temperton. Líder da banda de *disco* Heatwave (que fez "The Groove Line"), Temperton tinha o dom de unir ritmos matadores com refrões infalíveis, sempre com um efeito sonoro grudento. Acabou escrevendo "Rock With You", "Burn This Disco Out" e a faixa-título. Para ajudar na imagem "já-é-um-homenzinho" do disco, Michael co-produziu três faixas: "Don't Stop 'Til You Get Enough", "Working Day And Night" e "Get On The Floor".

Off The Wall saiu uma coleção sem falhas, fluente, de pop disco e baladas soul pop. "Rock With You" entrou na minha lista de melhores singles de todos os tempos pela virada de bateria que abria a faixa, pelo clima dos violinos e pelo fato de que quando você achava que sabia como era a melodia, ela tomava um novo rumo, mais *cool*, até cair num solo de teclados simulando sopro. "Working Day And Night" abria com uma percussão rapidinha e um *loop* de alguém ofegando que não devia nada a equivalentes atuais feitos com *samplers*. "Girlfriend" mostrava que Michael sabia jogar com economia uma voz doce numa balada, sem melar o resultado. O disco estabeleceu a figura solo de Michael Jackson, rendeu hits mundiais e vendeu mais de dez milhões ao redor do mundo. E fez jus ao clichê número um dessa seção: "Depois dele, o pop nunca mais foi o mesmo"

CAMILO ROCHA

SEU TALENTO NUNCA TEVE TANTA POTÊNCIA.

300 W
400 W
550 W !!

Grandes músicos merecem grandes equipamentos. É por isso que a *Novik* apresenta a linha de alto-falantes para Instrumentos Musicais ***FASE II***, agora muito mais potente. ***FASE II*** é uma versão tecnicamente mais avançada da linha já consagrada pelos maiores músicos e engenheiros de som do país.

VEJA PORQUE ELES FICARAM MAIS POTENTES.

1. Novo tratamento na superfície da bobina com novas lacas e adesivos.
2. Fios para temperaturas mais altas que suportam maior carga térmica.
3. Novos adesivos empregados na colagem do ponto crítico de resistência que possibilitam alcançar potências de ***300, 400 e 550 W.***

NOVIK

Alto-Falantes Profissionais

TIGRES DE BENGALA

Por que você não experimenta?

É PolyGram.

CD / K7 / LP